



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Philippe José de Fontes Oliveira

**Discurso de ódio e redes sociais digitais: Um estudo psicanalítico sobre a errância no
espaço digital**

Recife

2024

Philippe José de Fontes Oliveira

**Discurso de ódio e redes sociais digitais: Um estudo psicanalítico sobre a errância
no espaçodigital**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra Paula Cristina Monteiro de Barros

Coorientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo

Recife

2024

O48d Oliveira, Philippe José de Fontes.
Discurso de ódio e redes sociais digitais : um estudo psicanalítico sobre a errância no espaço digital / Philippe José de Fontes Oliveira, 2024.
125 f. : il.

Orientadora: Paula Cristina Monteiro de Barros.
Coorientadora: Maria de Fátima Vilar de Melo.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia. Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2024.

1. Psicanálise. 2. Discurso de ódio na internet. 3. Errância.
I. Título.

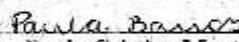
CDU 159.964.2

TERMO DE APROVAÇÃO

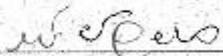
Philippe José de Fontes Oliveira

Discurso de ódio e redes sociais digitais: Um estudo psicanalítico sobre a errância no espaço digital

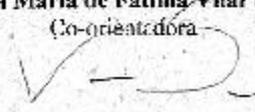
A presente dissertação foi defendida em 25 de janeiro de 2024 e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



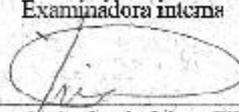
Prof. Dra Paula Cristina Monteiro de Barros
Orientador



Prof. Dra Maria de Fátima Vilar de Melo
Co-orientadora



Veronique Donard
Examinadora interna



Ivo de Andrade Lima Filho
Examinador externo

**Recife
2024**

Dedico este trabalho a minha esposa Marcela Cavalcanti Moreira e a meu filho Benício Moreira Fontes, que me acompanharam durante o percurso de pesquisa e escrita. Seus sorrisos nas manhãs após as noites passadas em claro e sua compreensão durante as trocas do lazer pelo trabalho foram fundamentais para seguir tendo força e motivação para escrever. Aprendi com Marcela que o trabalho acadêmico não é algo fácil de se executar, mas é recompensador. Aprendi com Benício que uma boarizada, um beijo e um forte abraço, podem ser mais que suficientes para recarregar qualquer energia. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa que me acompanhou, incentivou e ajudou durante todo o processo, desde a decisão de fazer um mestrado, a apreensão sobre como viabilizar essa realização até a escrita da última linha, você é fundamental.

A meus pais que mesmo com certa distância, sempre foram incentivadores e estavam a postos para tentar suprir qualquer necessidade.

A minhas avós, Iracema e Eudora, verdadeiras matriarcas e cada uma, a seu modo, me trazem ensinamentos para ser o que sou.

A meu avô, Inivaldo (*in memoriam*), plantou a semente no passado, mas se hoje tendo a ser árvore ele foi o jardineiro durante os anos mais importantes.

A meu sogro, José Antonio (*in memoriam*), me deixou ensinamentos que ajudam sempre a passar com leveza os momentos difíceis.

A minha sogra Lélia Moreira e cunhada Manoela Moreira, que me deram suporte quando foi necessário e assim o foi tantas vezes.

A minha orientadora Paula Barros que teve a paciência e a compreensão durante os meus momentos de ausência por razões de força maior. Também uma fonte de inspiração, seu conhecimento me possibilitou atalhar caminhos para encontrar literaturas e assimilar conceitos tão densos quanto uma rocha, tê-la a meu lado foi a via de tornar um caminho de obstáculos árduos em uma jornada prazerosa.

A minha co-orientadora Fátima Vilar que me acompanha desde a graduação, por quem tenho um profundo respeito e admiração e que, como sempre, me trouxe conhecimento em momentos fundamentais.

Ao amigo Eduardo Borba, que teve inúmeros convites de lazer recusados, mas soube compreender e insistir novamente na semana seguinte e assim continua.

Ao amigo Geraldo Jorge, professor da época da escola, hoje amigo e colega de profissão, sempre se colocou disponível para ajudar tanto neste trabalho quanto batendo um bom papo sobre amenidades.

As amigas Alessandra Sawada e Andrea Salcedo torcedoras e incentivadoras, sempre trouxeram energia e acreditaram na conclusão de mais esta etapa.

Aos professores da pós-graduação, que trouxeram novas perspectivas, adicionaram conhecimento e instigaram discussões valorosas.

Aos membros da banca examinadora, foram precisos em suas avaliações, indicaram onde era preciso melhorar e assim, me ajudaram a construir um trabalho melhor.

Aos colegas de mestrado, que devido à pandemia em 2020/2021 estivemos longe, mas quem mesmo assim conseguimos trocar experiências e conhecimento.

*Se todo mundo fosse cego
Como será que a gente viveria?
Certo dia, ao cair num sono profundo
Sonhei que este mundo eu via. ..
Ali ninguém se exibia
Não havia status, moda ou pulência
Pois carros, roupas e aparência
Nada disso mais valia
Eu vi um mundo mais generoso
E mais cheio de compaixão
Vi pessoas se ajudando em completa comunhão
Pois a falta de visão
Nos obrigava a buscar
A ajuda de um par
Pra nos guiar na escuridão
Com o aumento do contato
Aprimoramos o tato é fato
Buscávamos no outro um teto, afeto
A tecnologia já não nos dominava mais
Ao invés de internet
Nos conectávamos “tete-a-tete”
E com abraços, trocamos as redes por laços sociais
Não haviam diferenças raciais
Pois a falta de visão nos fez iguais
(Fabio Brazza)*

RESUMO

O fenômeno do discurso de ódio permeia a sociedade em todos os domínios, independentemente de se manifestar no âmbito concreto ou digital. No contexto digital, no entanto, destaca-se devido a uma dinâmica amplificada pelo alcance das redes, que apresentam uma estrutura na qual uma publicação pode atingir centenas ou milhares de pessoas independentemente da relevância pública do autor original. Isso pode resultar em efeitos extremamente prejudiciais em uma escala ilimitada. Além disso, a estrutura das redes sociais digitais facilita a formação de grupos de pessoas sem conexões mais profundas, permitindo que o discurso seja ecoado e repercutido, elevando o potencial de causar danos psicológicos e sociais. Devido à experiência no ambiente digital e à observação de como esse fenômeno impacta a sociedade e, por conseguinte, a prática clínica, julgamos relevante realizar uma investigação detalhada sobre como essa “economia do ódio” ocorre e envolve os indivíduos. Isso resulta na quase inexistência de diálogo e, na prática, uma tentativa de obliteração do outro. Em busca de possibilidades de compreensão, fundamentamo-nos na teoria psicanalítica lacaniana, especialmente nas lições do Seminário XXI: “Os não-tolos vagueiam” (*Les non-dupes errent*), que aborda as construções de Lacan sobre o enodamento borromeano e a errância do desejo, considerando a hipótese de uma eventual “errância digital” como um movimento em que os sujeitos se encontram perdidos entre os significantes com que se deparam, tornando o Real prevalente e assim, definimos como objetivo geral: investigar os discursos de ódio nas redes sociais digitais, veiculados através de um movimento que se institui em termos de uma “errância digital”, adotando como referencial teórico as proposições lacanianas acerca do ódio e da errância. Para essa investigação, empregamos uma metodologia partindo das técnicas da Análise de redes sociais (ARS), que utiliza *softwares* da tecnologia da informação para realizar a coleta de dados e de posse destes dados nos inspiramos na análise do discurso (AD) para fazer uma observação psicanalítica dos dizeres das publicações. Ao final, percebemos que um Real preponderante em adição ao Imaginário inflado das redes, há uma tendência de afrouxamento do enodamento borromeano, comprometendo não apenas a estrutura psíquica dos indivíduos, mas também sua condição de sujeitos, afetando até mesmo o laço social. Além disso, vimos que os indivíduos implicados no discurso de ódio se enquadram na descrição feita por Freud em “Psicologia das Massas e análise do Eu”, mas também assumem característica de um enxame, conforme definido por Byung Chul Han.

Palavras-chave: Psicanálise. Discurso de ódio. Errância. *Les non-dupes errent*.
Internet

ABSTRACT

The phenomenon of hate speech permeates society in all domains, regardless of whether it manifests in the concrete or digital realm. In the digital context, however, it stands out due to a dynamic amplified by the reach of networks, which have a structure where a post can reach hundreds or thousands of people regardless of the public relevance of the original author. This can result in extremely harmful effects on an unlimited scale. Furthermore, the structure of digital social networks facilitates the formation of groups of people without deeper connections, allowing the discourse to be echoed and reverberated, increasing the potential for psychological and social harm. Due to experience in the digital environment and observation of how this phenomenon impacts society and, consequently, clinical practice, we find it relevant to conduct a detailed investigation into how this “economy of hatred” occurs and involves individuals. This results in the almost nonexistence of dialogue and, in practice, an attempt to obliterate the other. In search of possibilities for understanding, we rely on Lacanian psychoanalytic theory, especially the lessons from Seminar XXI: “Les non-dupes errent,” which addresses Lacan’s constructions on the Borromean knotting and the wandering of desire, considering the hypothesis of a possible “digital wandering” as a movement where subjects find themselves lost among the signifiers they encounter, making the Real prevalent. Thus, we define the general objective as investigating hate speech on digital social networks, conveyed through a movement that establishes itself in terms of “digital wandering,” adopting Lacanian propositions about hatred and wandering as a theoretical framework. For this investigation, we employ a methodology based on Social Network Analysis (SNA), utilizing information technology software for data collection. With these data in hand, we draw inspiration from Discourse Analysis (DA) to conduct a psychoanalytic observation of the utterances in the posts. In conclusion, we observe that a prevailing Real, in addition to the inflated Imaginary of the networks, leads to a tendency to loosen the Borromean knot, compromising not only the psychic structure of individuals but also their condition as subjects, affecting even the social bond. Furthermore, we find that individuals involved in hate speech fit Freud’s description in “Group Psychology and the Analysis of the Ego” but also exhibit characteristics of a swarm, as defined by Byung Chul Han.

Keywords: Psychoanalysis. Hate speech. Wandering. Les non-dupes errent. Internet.

Figura 1 – Estrutura do discurso.....	37
Figura 2 – Matemas dos discursos.....	38
Figura 3 – Matema do discurso do capitalista	40
Figura 4 – Gráfico de denúncias de ódio por ano.....	44
Figura 5 – Parametros de Busca - NodeXL	75
Figura 6 – Exemplo de Resultado de Coleta; #paulaThomaz.....	76
Figura 7 – #VitimasDaSociedade - NodeXL.....	78
Figura 8 – Atores mais significativos do grupo G1	80
Figura 9 – Imagem da tabulação de dados do NodeXL.....	81
Figura 10 – Postagem de agenda política - 11/07/22.....	81
Figura 11 – Comentário acerca de um crime cometido	82
Figura 12 – Resposta ao post do ator @jandira_feghali	82
Figura 13 – Tabela (fragmento) com dados da postagem que impulsionou a postagem original	84
Figura 14 – Linha da tabela que identifica o texto integral	85
Figura 15 – Texto integral @henriOlliveira_	85
Figura 16 – Grafo de interações com @henriolliveira_	88
Figura 17 – <i>Post</i> @ingridguimaraes	89
Figura 18 – Grafo de interações @ingridguimaraes e @DaniMyGonzalez	90
Figura 19 – #DireitoDosMano - NodeXL	94
Figura 20 – Publicação principal do grupo G1 - #DireitoDosManos.....	94
Figura 21 – Publicação grupo G2	96
Figura 22 – Resistência e cooptação.....	97
Figura 23 – Continuidade do “fio” de @duqueviz	98
Figura 24 – #STFVergonhaNacional - NodeXL	99
Figura 25 – Interações com @stf_oficial e @tsejusbr.....	100
Figura 26 – Publicação coletada pelo nodeXL	103
Figura 27 – Grupos G3 e G4 e suas ramificações (<i>edges</i>).....	105
Figura 28 – O inimigo comum	105

Figura 29 – Qualificação dos sujeitos.....	106
Figura 30 – Publicação desconexa - Grupo G2	107
Figura 31 – Compilação da utilização de <i>Memes</i> e <i>Emojis</i> como tentativa de comunicação	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados referente à coleta #vitimasDaSociedade	93
Tabela 2 – Quatro principais indicadores de comportamento autoritário	102

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1	SOBRE O ÓDIO	24
1.1	Amar ao próximo como a ti mesmo	24
1.2	Os ódios nossos de cada dia, nos dai hoje	26
1.2.1	Ampliando os horizontes	26
1.2.2	E o que nos diz a Psicanálise?	29
2	O DISCURSO <i>PER SE</i>.....	33
2.1	O discurso em (psic)análise.....	34
2.1.1	Lacan e os quatro discursos + 1	36
2.2	Os discursos de ódio.....	41
2.2.1	<i>Discursos de ódio e performatividade</i>	<i>45</i>
2.2.2	<i>Discurso de ódio na psicanálise</i>	<i>46</i>
3	O ERRO, O ERRAR, O VAGAR. . . UMA ERRÂNCIA DIGITAL?	51
3.1	Les non-dupes errent [Les noms-du-père].....	52
3.2	As redes sociais como um não-lugar, a errância <i>by default</i>.....	54
3.3	Entre um rosto e um retrato, o <i>Real</i> e o abstrato, entre a loucura e lucidez. . . : considerações sobre o RSI e o nó borromeano.....	58
3.4	Os não-tolos navegam: a errância, os ódios e as vociferações nas redes digitais	61
3.4.1	Uma curta digressão: a pulsão invocante e seus desdobramentos nas redes sem voz	61
3.4.2	As vociferações e as redes	63
4	DADOS DE UM CAMPO “MINADO” : ANÁLISE DO QUE NOS TROUXE	
	A REDE	68
4.1	O campo.....	68
4.2	A abordagem e as ferramentas	70
4.2.1	As ferramentas	71

4.3	O método de coleta.....	73
4.4	Escutando sujeitos digitais - o que nos trouxe a busca?	77
4.4.1	#VitimasDaSociedade: da identidade presumida à castração química	77
4.4.2	#DireitoDosManos: a suspensão ao direito de ser humano	94
4.4.3	#STFVergonhaNacional: discurso de ódio <i>versus</i> democracia	99
	Seguindo adiante.....	113
	Referências	118

INTRODUÇÃO

No vasto oceano das redes sociais, navegamos em um mar de informações, conectando-nos a pessoas de todo o mundo, compartilhando nossas ideias, pensamentos e emoções. No entanto, esse mar digital tem sido agitado por tempestades. Tempestades nas quais o elemento comum é o ódio. Um antigo ditado diz que “mar calmo não faz bom marinheiro”, mas a agitação da maré digital, permeada pelo discurso de ódio, tem causado danos algumas vezes irreparáveis aos sujeitos que se lançam nessas “águas”.

Han (2018) menciona o termo “*shitstorm*“, palavra originária do inglês, que não possui uma origem conhecida, mas se traduz livremente como “tempestade de excrementos”, associando esse termo ao “barulho” existente nas redes quando uma publicação causa comoção e recebe centenas ou milhares de comentários. Geralmente, a maioria desses comentários são de indignação, desproporcional ao fato em si, trazendo uma carga de ódio, que fez com que outro termo surgisse para caracterizar aqueles que se engajam nessas discussões, os *haters*. Mais um estrangeirismo que nas redes é utilizado correntemente, sem que haja a necessidade de ser traduzido para ser compreendido. *Haters*, também em tradução livre, significa odiadores ou aqueles que odeiam.

Muitas vezes, os comentários dos *haters* são recheados de racismo, homofobia, discriminação, preconceito, xenofobia e tantas outras caracterizações que podemos agregar sob a expressão “discurso de ódio”. Não é de hoje que estamos navegando nesse mar de tempestades. Ponte & Vieira (2007), através da revisão de 235 trabalhos, pontuaram alguns dos riscos aos quais as crianças estavam expostas no ambiente digital. Dezesseis anos depois, ainda encontramos um ambiente hostil, semelhante àquele enxergado por esses autores. Isso não significa que as redes sociais digitais e a internet possuam apenas características nocivas, mas que existe um risco intrínseco na sua utilização que não podemos negligenciar.

O trabalho mencionado acima considerava apenas pesquisas realizadas com crianças europeias; porém, a internet não possui fronteiras delineadas, salvo a que delimita o que está *on-line* e o que está *offline*. Na internet, assim consideramos e acompanhando a proposição de Pierre Lévy (1996), estamos desterritorializados e destemporalizados. A desterritorialização diz respeito às fronteiras e consequentemente às identidades que essas nos impõem. Assim, se estamos inscritos no território do país Brasil, somos brasileiros; se em outro, nos diremos daquela outra nacionalidade ou naturalidade. Se nas redes sociais não expressamos explicitamente, esse e outros qualificadores que compõem

nossa identidade se perdem e passamos a pertencer a tudo e a nada; ao mesmo tempo que aquilo que publicamos na rede não possui prazo de expiração, algo que publicamos hoje poderá ser redescoberto dez anos à frente, presentificando-se para quem o encontrou. Logo, o tempo também não obedece a *Chronos*¹. Tais idiossincrasias não passam em vão e, sem dúvidas, causam efeitos na forma como os sujeitos contemporâneos percebem e lidam com suas realidades.

Os sujeitos, delineados por Rosa, Berta, Carignato, & Alencar (2009) como exilados e desenraizados de si, constituídos pelo desconhecimento do enigma que é o inconsciente, são potencializados pelo poder das redes. Lançam-se nas tempestades sem porto de chegada e, paradoxalmente, também sem terem clareza de onde partiram, são sujeitos à deriva no mar de informações que impõe as redes. Diante de tanta informação, desconexa, imprecisa, muitas vezes desnecessárias, perdem-se. Mantêm-se à deriva, jogados de lado a lado, alienados ao desejo do Outro, em busca de um significante que lhes permita uma parada de significação e que, mesmo que de forma precária, mantenha enodados Real, Simbólico e Imaginário.

Manter enodado Real, Simbólico e Imaginário é o que Lacan (2016) nos mostrou ser necessário para que permanecêssemos no campo metafórico, para haver deslizamento significante, para sermos *tolos do inconsciente*², porque, como veremos, os *não-tolos vagueiam*. Esse enodamento, a que chamou de nó borromeano e é anunciado no seminário XIX (subtitulado como “. . . ou pior”), mas que se aprofunda a partir do XXI (*Les non-dupes errent*), é o que nos mantém afastados da loucura, “é que, quando uma das dimensões lhes escapa por uma razão qualquer, vocês devem tornar-se verdadeiramente loucos” (p.65). É pela topologia do nó que nos é mostrada a necessidade da existência do Real em tríade com Simbólico e Imaginário, sem preponderância de um sobre o outro. Pois, em havendo qualquer primazia, não há “articulação de estrutura que se confirma ser tudo o que existe de ligação entre os seres falantes” (p.52).

A linha do tempo das redes sociais digitais mostra que as primeiras redes (algumas delas ainda bastante populares), a partir de 2002, apoiavam-se fortemente no império das imagens, o que já tinha e continua tendo efeitos. Trabalhos como e Rosa (2015); Fontes & de Fátima Vilar de Melo (2020); Recuero (2009, 2012, 2017), nos trazem essa perspectiva. O *Twitter* (atualmente chamado de “X”), rede utilizada como campo para este trabalho, diferente das anteriores, é uma rede que se baseia

¹ Referência ao deus da mitologia Grega que personificava o tempo eterno e imortal.

² A construção que trata de “ser tolo do inconsciente” é uma proposição do psicanalista Jacques Lacan, desenvolvida no seminário XXI - Os não-tolos vagueiam (título original: *Les non-dupes errent*) de 1973 - 1974. Essa proposição é trazida para esse trabalho como um respaldo teórico à pesquisa.

fundamentalmente em textos curtos. Em suas primeiras versões, as interações eram limitadas a cento e cinquenta caracteres (atualmente esse limite é um pouco maior). O que faz com que citemos ambos os cenários anteriores é que nas duas há uma primazia de um dos registros lacanianos em detrimento dos demais, seja do Imaginário ou do Simbólico. O que buscamos lançar luz nessa pesquisa, como ponto comum nos dois “modelos” de redes, são os indícios do contato com o Real, sem qualquer mediação, resultando em um público que adoece com o passar do tempo, pela impossibilidade de lidar com o excesso causado pela *hiper-conexão*. É a impossibilidade do “dizer” diante do excesso, excesso esse que expõe o buraco, a nossa falta. “Se o Real é, exatamente, o que só se avança pelo escrever” (Lacan, 2016, p. 123), pelo escrever da relação sexual, as redes nos colocam frente a frente com essa impossibilidade.

A questão é que na rede, o que é possível, através dos quase duzentos caracteres, é a publicação de “verdades” e “certezas”. Verdades que são apenas meias verdades, pois, na quase totalidade, representam apenas a expressão de pensamento de um indivíduo, sem que se abra espaço para o diálogo e conseqüentemente para o contraditório, mas certezas para os esses.

Um exemplo desse fenômeno das redes, que nos serve também para contextualizar socio-historicamente este trabalho, é o período que se inicia a partir do ano de 2013. Naquele ano, crescia um descontentamento com as instituições políticas no Brasil, o movimento ganhava força através de publicações que eram compartilhadas um sem-número de vezes nas redes digitais, principalmente no *Facebook*, mas também no *Twitter*, e que engajavam centenas de milhares de usuários. No *Facebook*, o modelo de interações daquela plataforma ainda favorecia alguma discussão, porém, não raro, já encontrávamos evidências de discursos de ódio e de vociferações, como mostrou o que propusemos em um trabalho anterior (Fontes & de Fátima Vilar de Melo, 2020).

Para que a publicação engajasse as pessoas, era preciso que fosse curta, impactante e de preferência repousasse sobre o esteio de algum fato que pudesse ter interpretações distintas. Essas publicações eram palco de diversos *shitstorms*. O movimento digital cresceu, caracterizado por uma individualização dos atores, que publicavam algo a partir de seu ponto de vista, engajavam outras pessoas, contra ou a favor e então surgia um consenso polarizado (de Souza & de Godoi Diniz, 2021).

O movimento saiu do ambiente digital e resultou nas manifestações de junho de 2013; ao observarmos essas manifestações, inúmeras publicações jornalísticas ressaltavam o caráter apartidário e sem lideranças estabelecidas. Em entrevistas veiculadas pela mídia tradicional, realizadas com

participantes das manifestações, era comum ouvirmos que aquele indivíduo estava ali, pois tinha visto “uma convocação” apócrifa na rede e decidiu ir ao local indicado, encontrando diversos outros que chegaram pela mesma forma. Outro ponto que também era trazido por veículos de mídia (jornais impressos, televisivos, portais de internet) era a diversidade de pautas, indo ao encontro do que referimos sobre a individualização. Era comum encontrarmos reivindicações, desde melhoria nas condições de transporte, saúde pública a outras que diziam respeito a algum contexto extremamente específico e que em nada tinham a ver com a coletividade e a situação do país.

Esse processo disperso, que começou em 2013, potencializado pelas redes sociais digitais, resultou objetivamente no impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016 e, posteriormente, na eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018, dito um representante da extrema-direita no país (do Espírito Santo, Diniz, & Ribeiro, 2016). Porém, houve outros efeitos, entre eles: uma presente polarização dos campos ideológicos; a apreensão de que as redes sociais são uma ferramenta de extremo poder; a percepção de que, por meio destas últimas, todos temos uma voz passível de ser escutada; a eclosão do discurso de ódio, utilizado como prática discursiva (Maingueneau, 1997) tanto nas redes quanto fora delas.

Maingueneau (1997) defende que devemos nos afastar da ideia de discurso que o afirma apenas como uma representação do mundo; em lugar disso, devemos pensar em *práticas discursivas*, visto que, para ele, existe uma relação intrínseca entre discurso e o contexto em que está inserido que faz com que haja uma relação reflexiva entre ambos. O discurso tanto é a representação do mundo como também ajuda a produzi-lo. “[. . .] para o autor, discurso (ou prática discursiva) é uma noção que se refere a uma dupla produção que tem lugar simultaneamente: a produção de textos e a produção de uma comunidade discursiva” (D. Rocha, 2014, p. 622).

Tendo o discurso de ódio se tornado algo do cotidiano das redes, nos inquietamos diante da possibilidade de que esse fenômeno estaria produzindo sujeitos do ódio ou uma sociedade do ódio. Encontrar publicações acerca dos assuntos mais banais que obtinham como resposta dizeres que enunciavam um desejo de aniquilação do outro. Esses dizeres nos afligiam, ao passo que causavam a curiosidade de tentar entender os mecanismos imbricados nesse modo de ser. Dessa forma, vimos como necessária a articulação das observações do campo com o arcabouço psicanalítico, pois, mesmo em se tratando de um fenômeno de larga escala, que atinge o âmbito do corpus social, trata-se de indivíduos, sujeitos, produzindo efeitos nessa sociedade e, diferente do que acontecia em outros momentos, onde

havia um direcionamento dessa sociedade influenciada por um ideário coletivo, a dinâmica nas redes potencializou o caráter individual dos atos.

Então, na estruturação desta dissertação, entendemos ser necessário partir do estudo do ódio, afeto que esteve sempre presente entre os sujeitos. O que, no entanto, o fez escapar das contingências humanas (da linguagem) a ponto de se tornar uma via de comunicação presentificada? Se o ódio é fundante, como colocou (Freud, 2010), como se deu a inflexão no digital para liberar seu poder aniquilatório? No oceano das redes, como se deu o chamamento desse *Kraken*³, que em tempos atuais tem atormentado e consumido os usuários digitais?

No desdobramento do ódio enquanto afeto, nos debruçamos sobre o discurso de ódio, pois entendemos que essa tem sido a ferramenta de disseminação. A contingência do ódio, em grande medida, se dá pela linguagem. É a linguagem que faz a borda e que interdita o ódio. O paradoxo se dá quando percebemos que no ambiente digital, é justamente a linguagem que o possibilita, dando indícios de outra forma de relação com esse afeto, que tem produzido uma sociedade pautada pelo rompimento de seus vínculos.

Compreender o vulto dos efeitos do discurso de ódio possui, contudo, uma dificuldade intrínseca que é o custo de se encontrar a “situação de fala total” no sentido proposto por J. L. Austin (em Viscardi (2021)), que considera que é preciso se pontuar as convenções do momento histórico-social em que aquela fala foi enunciada, além das circunstâncias de produção, legitimidade do ator que produz a fala; porque apenas essa caracterização poderia precisar qualquer que fosse a afirmação sobre o fenômeno. Nessa pesquisa, através de ferramentas e inspirados pela análise do discurso (AD) vislumbramos a possibilidade de um caminho, ainda que de maneira parcial, dado que a temporalidade e as condições de produção do discurso de ódio são ofuscadas, primeiro por serem um fenômeno linguístico e segundo porque tempo e espaço, no mundo digital, possuem características próprias, como sugere Lévy (1996). São essas características que nos permitem articular as redes sociais como exemplos de “não-lugar”, uma caracterização que elaboramos partindo do que foi posto por Augé (2018).

O *locus* digital difuso, em termos de linguageria, temporalidade e bordeamento, sob a incidência dos discursos de ódio, produz sintomas nos sujeitos que nos suscita elucubrações e nos impeliu à psicanálise para buscarmos possíveis compreensões desse mal-estar que ronda o corpo social, tal qual

³ Referência à lula gigante da mitologia nórdica que atormentava os marinheiros pois surgia das profundezas do mar para destruir os navios e dizimar os marujos.

Freud ressalta na obra *Mal-estar na Cultura*. Nosso intento não objetiva a grandeza da obra Freudiana citada, mas acreditamos poder agregar algum aporte científico contemporâneo.

Mais especificamente, tecemos uma questão de pesquisa que propõe uma articulação da teoria lacaniana da errância com o movimento das redes digitais. Ao pensarmos a noção de errância, articulada às redes, nossa questão de pesquisa tomou forma, pois o caráter individual das manifestações nos fez perceber que cada sujeito assumia sua fala como “a verdade”, sem, sequer, cogitar a possibilidade de estar errado e qualquer publicação que o punha em contato com essa perspectiva suscitava a agressão e o ódio. Para chegarmos até essa construção, partimos de observação de que a dinâmica das redes, no que tange a disseminação do discurso de ódio quase sempre era uma interação estanque, ou seja, a partir de uma publicação qualquer surgiam comentários agressivos, atacando o autor da publicação ou outros grupos que, eventualmente, nada tinha a ver com aquela primeira fala, mas que paravam por aí, não havia qualquer tentativa de diálogo ou questionamento; muitas vezes, em adição a isso, observamos também a existência de contestações imperativas: o contraponto era colocado como “a palavra final” sobre aquele assunto. Esses comentários raramente geravam algum engajamento de outros indivíduos ou qualquer outra forma de interação. Quando fazíamos uma observação mais detalhada, acessando o perfil de quem estava atacando, percebíamos que as publicações seguintes já eram sobre outro assunto diverso. Esse movimento *errático*, em que um sujeito demandava de outro a assunção de um erro de forma incontestável, agressivamente, atacando a pessoa (ou um grupo) nos remeteu as elaborações lacanianas sobre a *errância*.

Lacan, em seu seminário XXI, realizado entre 1973 e 1974, destaca a importância de se fazer tolo (*dupe*) do inconsciente - da linguagem -, a fim de nos mantermos no deslizamento metafórico, encontrando sentidos nos equívocos da linguagem, é o que chamou de errância, e já que, para Lacan, o inconsciente manifesta-se na linguagem através desses “lapsos”, é justamente aí que reside a possibilidade de o sujeito se decifrar (Lacan, 2016).

Observando também outra característica das interações relacionadas ao discurso de ódio que era a utilização do texto em caixa alta (*caps-lock*), forma tida no ambiente digital como a representação de um grito nos aproximou de outra proposição, essa mais contemporânea, as vociferações. As vociferações, para além da definição vernacular, é uma formulação do psicanalista lacaniano Mauro Mendes Dias, que tenta situar essas expressões do discurso de ódio nos tempos atuais; Dias (2020), um estudioso da voz enquanto objeto psicanalítico, observa que a voz, quando não advém de um sujeito

como criação própria estando alienada ao Outro, em um ambiente “adubado pelo ódio” (p. 43) abre espaço para as vociferações, definindo-as como uma espécie de grito que possui a marca do ódio, um grito que intenciona o silenciamento radical do outro e, portanto, impede qualquer diálogo.

Tendo em nossa frente a questão de pesquisa delineada anteriormente e, encontrando aproximações com o projeto de pesquisa “Errâncias: um estudo psicanalítico sobre o lugar do sujeito nos deslocamentos migratórios e subjetivos” P. Barros (2022), em andamento na instituição, propusemos como objetivo geral: investigar os discursos de ódio nas redes sociais digitais, veiculados através de um movimento que se institui em termos de uma “errância digital”, adotando como referencial teórico as proposições lacanianas acerca do ódio e da errância.

Definido o objetivo geral, os objetivos específicos estabelecidos foram os que seguem: empreender uma pesquisa nos construtos teóricos freudianos e lacanianos acerca do ódio, das vociferações e dos movimentos em massa; realizar um estudo teórico sobre a errância, com vistas a oferecer subsídios para o que propomos como uma “errância digital” nas redes sociais; mapear um conjunto delimitado de significantes que aparecem nas redes sociais como elementos fomentadores de ódio, utilizando ferramentas de tecnologia da informação para a Análise de Redes Sociais (ARS); articular a rede de significantes construída no ambiente digital com um movimento que propomos denominar de errância digital dos sujeitos.

Aventar a possibilidade de uma errância digital significou posicionar um sujeito a mercê de um discurso circulante que aparenta visar a segregação, que ao invés de promover abertura às alteridades, instiga o silenciamento do outro, interditando a dialética coletiva. Essa é a característica do que chamamos de “bolhas digitais”, que é uma conformação de interligação entre os indivíduos na qual o contato com o dito assume uma parcialidade que (na bolha) não admite o contraditório. Ou seja, tudo que é dito no interior da bolha é tido como verdade e qualquer coisa em oposição deve ser descartada, silenciada ou mesmo aniquilada. Essa tributação do saber a um organismo faz com que aqueles que estão na bolha prescindam das alteridades, fundamentais para nossa interlocução com o mundo, supomos. Descartar o contato com o outro e as possibilidades de perspectivas distintas abre espaço para a exposição ao Real, pois, quando nas redes, o outro me aparece, ele é ininteligível, impossível de ser falado.

A pesquisa empreendida para atingir os objetivos deste trabalho nos fez buscar apoio da tecnologia da informação como uma possibilidade de ampliar nossas perspectivas. Assim, traçamos

uma estratégia metodológica, a de elencar um campo onde os discursos de ódio fossem veiculados, executar uma coleta por um período delimitado de tempo, realizar uma análise suportada por um método de estudo das estruturas sociais, a Análise de Redes Sociais (ARS), e, a partir desses dados, analisar os discursos e seus desdobramentos, que acabam por formar tramas que impactam psicologicamente os indivíduos. O campo escolhido foi o *Twitter*⁴, cujas algumas características já mencionamos antes sendo uma rede em que os discursos de ódio são amplamente difundidos.

Por fim, sobre a estrutura do trabalho, iniciamos dissertando sobre o ódio, capítulo em que percorremos algumas formulações freudianas a respeito. Também fizemos aportes apoiados nas contribuições do psicanalista lacaniano Mauro Mendes Dias, diretor do Instituto Vox de pesquisa em psicanálise, onde faz pesquisas sobre a voz na psicanálise e que também estuda o tema do ódio e das vociferações. Nesse capítulo, também consideramos importante trazer um enquadre do ódio do ponto de vista orgânico.

No capítulo seguinte, trabalhamos o conceito de discurso de forma genérica e, em sequência, algumas proposições de Lacan para o entendimento dos discursos. Falamos sobre os quatro discursos, propostos por ele, a saber: o discurso do mestre, da universidade da histérica e do analista. Esses quatro discursos têm fundamental importância na psicanálise, pois eles formam um esteio para entender as relações e os laços sociais, mas, para além disso, são a base para a compreensão de um quinto discurso proposto por Lacan, o discurso do capitalista, discurso que consideramos mais incidente nas redes sociais digitais, uma vez que, ainda que abertas e “gratuitas”, as redes são plataformas controladas por grandes empresas, que têm, como força maior em seus objetivos (explícitos ou não) a obtenção de lucro. Então, de alguma forma, os atores ali precisam ser objeto produtor de capital. Terminamos esse capítulo dissertando sobre os discursos de ódio, articulando-os à Psicanálise.

O quarto capítulo percorre a errância, suas possibilidades e desdobramentos frente à dinâmica das redes sociais digitais. Nesse capítulo, trazemos a conceituação da errância conforme proposto por Lacan. Fazemos uma discussão da errância em um não-lugar, esse último proposto por Marc Augé, além de fazer uma exposição associando a errância aos ódios e às vociferações das redes.

O quinto capítulo é a análise dos dados coletados. Nele trazemos imagens transcrevendo as publicações, grafos e outros dados que irão conversar com o referencial teórico, no intuito de visualizarmos o fenômeno do discurso de ódio de uma maneira objetiva, para, a partir disso, fazermos

⁴ O *Twitter* agora se chama “X”. Durante a realização desse trabalho ele foi comprado pelo bilionário Elon Musk que desde abril de 2022 já estava em processo de negociação, concretizando a venda em 27 de outubro de 2022.

associações com as proposições de Lacan e Freud por meio de uma análise inspirada em alguns pressupostos da análise do discurso.

No último capítulo, trazemos nossas considerações finais, mas não definitivas; demarcamos dessa forma por entender que a trajetória percorrida nessa dissertação nunca teve como intenção chegar a um lugar fixo, mas obter uma compreensão de um fenômeno social que tem se alastrado há quase dez anos e atingido uma quantidade crescente de sujeitos, causando inúmeras repercussões que se mostram nos consultórios. Os sujeitos digitais se multiplicam e nos confrontam enquanto psicólogos com desafios que não eram imaginados até pouco tempo atrás. O mal-estar e o desamparo desses sujeitos é latente em uma sociedade cada vez mais polarizada e cada vez menos implicada no acolhimento das alteridades. Por isso, justificamos a necessidade deste e de outros estudos que considerem a incidência do digital nos mecanismos psíquicos dos sujeitos.

1 SOBRE O ÓDIO

1.1 Amar ao próximo como a ti mesmo

Na tradição judaico-cristã, a frase que intitula este tópico é proferida em Mateus, capítulo 22, pelo próprio Jesus Cristo ao ser questionado sobre qual seria o maior mandamento da Lei. Em sua resposta afirma que o maior é amar a Deus, mas o segundo é: “Ame ao próximo como a si mesmo” (MATEUS, 22:39) um dos mandamentos que Moisés comunica aos seus seguidores durante o Êxodo. Ao que parece, essa é aquela “regra” que existe para ser ignorada, visto que, desde os primórdios, as expressões do ódio são cotidianas. Em tempos atuais, vivemos quase o imperativo do ódio, que nos ordena a senti-lo, vivê-lo, expressá-lo, sem que nada haja para barrá-lo.

Porém, se modificássemos essa frase, substituindo-a pela sua valência oposta, “Odeia ao próximo como a ti mesmo”, em uma tentativa livre de fazê-la mais próxima da realidade, é possível que questionássemos o sentido que ela assume, já que isso nos levaria ao caminho de uma autofagia: se, ao odiar (o outro), pressupomos o desejo de aniquilar, ao nos odiarmos, estaríamos flertando com esse mesmo desejo, só que contra nós mesmos, gerando um paradoxo.

Freud apostou nesse paradoxo na obra *O Mal Estar na Civilização* (Freud, 1931), em que refletiu sobre como nesse dito (Amar ao próximo como a ti mesmo), havia uma impossibilidade radical. Como amar alguém que desconheço? Como direcionar o amor a alguém que ao menor sinal de vantagem, ou pior, de possibilidade de alguma obtenção apenas de prazer, não medirá esforços para me prejudicar? “Esse desconhecido não apenas não é digno de amor em geral; tenho de confessar, honestamente que ele tem mais direito à minha hostilidade, até meu **ódio**“ [grifo nosso] (p.50). Para ele, esse “é o fator que perturba a nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios“ (p.52). Afirma haver uma agressividade inata no humano, contida não por razões éticas ou míticas (como no livro de Êxodo), mas pela reserva de direito da civilização de ela própria poder usar da violência contra aqueles que infringem suas regras mais fundamentais. Do contrário, se fossem retirados os mecanismos psíquicos inibitórios da agressividade ou mesmo as leis civilizatórias, o que restaria aos humanos seria o ódio.

Mas o que é o ódio? Qual a sua gênese? Como explicar um afeto que nos torna irracionais em muitos momentos? Quais as explicações para esse sentimento que surge disperso nas redes e que, observado de forma superficial, se direciona a coisas ou pessoas que pouco conhecemos?

Almejamos iniciar este trabalho mergulhando nessas e noutras questões, a partir da teoria psicanalítica, que tecerão a malha complexa sobre os discursos de ódio nas redes sociais digitais.

Escolhemos, como nosso campo, as redes sociais digitais, pois é fato que existe vasto material disponível para ser observado; além disso, as redes sociais digitais (que a partir daqui generalizaremos apenas pelo termo *redes sociais*) têm se constituído como um simulacro da realidade, simulacro naquilo que, em seu trabalho, Baudrillard (1991) desenvolveu como a ideia de uma cópia que em certo instante atrai mais a atenção do que o original. O objeto principal em uma rede social digital parece ser justamente a Simulação da realidade e o Simulacro do Eu.

Estamos imersos em redes sociais; elas pululam nos seus mais diversos objetivos: redes profissionais, de aprendizagem, compartilhamento de momentos, de fotos, de ideias, cada uma dessas com seus críticos e defensores. Algo, porém, é comum a todas: em todas elas existem situações que poderiam ser classificadas como demonstrações de ódio, que grosso modo surgem quando um dos atores, alcançado por determinada publicação, discorda ou se desagrada daquilo que foi publicado.

O que torna mais interessante a observação sobre as redes é que, cada vez mais, os indivíduos parecem precisar estar presentes nesses “lugares” para acusar sua própria existência e se mostrar existente para o outro, *pari passu* que cresce a nossa percepção de que estar em uma rede social é o primeiro estágio para se estar elegível a ter sua alteridade negada.

Ao caracterizarmos as redes sociais, elas próprias, como um simulacro, tem-se um problema, haja visto que os indivíduos estão passando um tempo crescente conectados em suas redes digitais, muitas vezes deixando de experienciar a vida em sua dimensão concreta. Deixa-se de viver a vida “real” para viver-se a sua simulação. Baudrillard (1991), discorrendo sobre exemplos de simulacros perfeitos, diz em certo ponto que “as pessoas já não se tocam, fazem a contactoterapia (sic), já não correm, fazem *jogging*, reciclam as faculdades perdidas ou o corpo perdido, ou a sociabilidade perdida” (p. 23). Em que isso difere do que vemos nas redes sociais e suas repercussões nas rodas de conversas informais? Ou não é comum ouvirmos coisa do tipo: “ah, mas isso é a vida de *Instagram*⁵, a vida real é diferente”; ou, mais informal ainda: “quem vê *close*, não vê os corres que a gente faz”⁶? É justamente essa percepção que se apreende das redes, que tem tido impactos negativos relevantes nos afetos e vida dos sujeitos que consomem esse conteúdo. A revisão sistemática de Faelens et al. (2021),

⁵ Instagram é uma rede social digital cujo intuito é o compartilhamento de fotos e micro-videos, nessa rede as pessoas costumam exibir fotos de viagens, jantares, fazendo exercícios físicos etc, em sua grande maioria, momentos de bem-estar

⁶ Esse dito popular entre os jovens, faz referência ao fato de quem está vendo aqueles instantes, saudáveis, felizes, culturais etc. do instagram não sabe (ou não vê) o que acontece por trás disso.

sobre a relação entre o uso do *Instagram* e indicadores de saúde mental nos mostra isso. Nesse estudo, os resultados apesar de inconclusivos para um grande número de transtornos, demonstra que para alguns, como ansiedade, stress ou mesmo depressão, possuíam alguma correlação com o uso elevado da ferramenta.

Retomando Baudrillard (1991),

Mas e se o próprio Deus pode ser simulado, isto é, reduzir-se aos signos que o provam? Então todo o sistema perde a força da gravidade, ele próprio não é mais que um gigantesco simulacro – não irreal, mas simulacro, isto é nunca mais passível de ser trocado por real, mas trocando em si mesmo, num circuito ininterrupto cujas referências e circunferências se encontram em lado nenhum. (p.13)

Nesse circuito em que se perdem as referências do “real” e em que a suposta verdade de qualquer coisa torna-se fluida, não podendo ser atestada ou tomada como crível se não for aquela proferida por si próprio, aos indivíduos da rede não resta outra saída senão se organizarem em uníssono, acreditando cada qual apenas naquele discurso que é similar ao seu e tornando todo o resto estrangeiro, passível de ser renegado, devendo ser aniquilado. Forma-se uma grande massa que apenas repete, ecoa, sem maiores reflexões ou gestos criativos e, assim, tal qual Moisés e os seus seguidores, que embora possuíssem como destino uma terra prometida, vagaram pelo Sinai durante quarenta anos, entram em uma espécie de deserto semântico, em que nada lhes resta senão um movimento errante, que propomos aqui como uma errância digital.

O que nós vimos pensando a partir do que foi dito anteriormente foi: se, nas redes sociais, a negação do outro e os ódios têm relevante espaço, estaríamos passíveis a ver essas formas de relação e afeto tomar “corpo sólido” na vida concreta, exacerbar os limites do digital e não mais retroceder, em total presentificação do conceito de Baudrillard?

Indagados pela realidade, colocamos foco nas manifestações do discurso de ódio nas redes sociais e fomos a campo coletar material que nos permitisse analisar o fenômeno e extrair *insights* a partir do que fosse encontrado.

1.2 Os ódios nossos de cada dia, nos dai hoje

1.2.1 Ampliando os horizontes

Caracterizar o ódio parece ser algo relativamente simples. Ao vermos alguma ação violenta, em que os envolvidos parecem não conseguir se controlar, dizemos: “fulano estava com ódio”. Mas o

ódio (ou os ódios) é muito mais do que apenas uma gradação na escala do enraivecimento.

Podemos nos valer de diversas perspectivas para a definição de ódio, desde as encontradas nos dicionários, como nos mostra M. N. C. D. Barros (2013), em sua tese sobre o ódio no psiquismo, em que começa pela definição etimológica do termo advindo do latim: *odiu* medecorre pelo que é encontrado ao lado dos verbetes. Em resumo, nessas definições formais, de acordo com Barros, o ódio é tido como um afeto/sentimento ou paixão de alta intensidade, resultando em repugnância, desprezo etc.

Aqui, acrescentaremos o entendimento de Williams (2021), pois ele vai ao encontro das definições citadas por Barros (2013). Em seu livro, a Ciência do ódio, Williams associa o ódio, essencialmente, ao medo e ao preconceito, o que resulta em forte aversão àquilo que nos excede. Diz:

Participantes em estudos de neurociência exibiram diferenças na atividade cerebral quando olharam para fotos de rostos brancos e negros. O mais incrível nessa descoberta é o fato de a área cerebral que demonstra maior correlação com o preconceito **inconsciente** – a amígdala cerebelosa – estar associada ao medo e à agressividade [. . .]. A amígdala cerebelosa é onde são formados os medos [. . .] que adquirimos mais rapidamente e os medos aprendidos. (p. 14)

Porém, para afirmar que não nascemos “programados” dessa forma, o autor cita estudos psicológicos realizados com crianças que, através das brincadeiras, mostravam as mínimas distinções entre os indivíduos ou entre os “endogrupos ou “exogrupos”, não favorecendo a transformação das predileções em atos de violência. Todavia, ao começarem a atingir maiores graus de maturidade, essas preferências que os posicionavam em um endogrupo tornavam-se mais perceptíveis.

Ao chegarem à adolescência, Williams (2021) diz que “os pensamentos negativos sobre outros grupos podem se transformar em ações profundamente danosas. Preconceito e ódio contra membros dos exogrupos podem começar a se enraizar” (p. 16), concluindo que “todos temos dentro de nós precursores internos do preconceito, mas é preciso um conjunto específico de condições externas para ativá-los” ou seja, para transmutá-los em ódio. Ao que nisso concordará com o que nos disse Freud (1920-1923), em A Psicologia das massas e análise do Eu. Para Freud, não poderíamos creditar esse florescimento do ódio apenas à existência do grupo, mas

a expectativa [para o surgimento do ódio] é dirigida a duas outras possibilidades: a de que o impulso social não seja original e indecomponível, e a de que os primórdios de sua formação possam ser encontrados num círculo restrito, como, por exemplo, o da família (p.15)

Nos dias presentes, um desses conjuntos de condições que se apresenta são as bolhas criadas e amplificadas pelas redes sociais. Ao fazermos uma análise das interações nas redes, é possível perceber

a aglutinação de indivíduos em torno de postagens feitas, em que os ditos são ecoados e ratificados por outros atores que se identificam entre si; *posts* que vão no sentido contrário aglomeram outros indivíduos e, assim, surgem as polarizações.

Esse comportamento nas redes despertou nossa atenção, pois percebemos que, para entendê-lo, não bastava apenas olhar o movimento digital, porém, ampliar o quadro “[. . .] desde como a biologia e a socialização inicial predispõem os seres humanos a favorecer o endogrupo, até como as crises financeiras, as pandemias globais e a inteligência artificial podem criar as condições para o florescimento do ódio“ (Williams, 2021, p.18).

Também por percebermos os interesses diversos que poderiam ser subjacentes a essas polarizações e ao espraiamento do ódio nas redes, nos sentimos instigados a pesquisar esse fenômeno.

Em relação ao que dissemos anteriormente sobre as aglutinações da rede, é evidente como, ao formarmos um grafo⁷ representando as postagens e os atores, vemos surgir um vértice central que assume contornos de um líder, que, entretanto, não precisa ordenar; basta uma frase sobre algo, para que toda uma rede de pessoas passe a usar aquilo como um “norte” e todos os que são “estrangeiros” àquele grupo tornam-se imediatamente inimigos e devem ser odiados. Williams (2021), ratificando algumas de nossas observações, afirma que “o mais preocupante nesta tendência é que pesquisas mostram que mensagens divisionistas feitas por figuras públicas estão diretamente ligadas ao incentivo para que algumas pessoas pratiquem atos de violência nas ruas” (p.18).

Finalizamos este tópico com uma afirmação desse mesmo autor, que é um professor de criminologia da universidade de Cardiff no país de Gales, reconhecido como o maior especialista da atualidade em crimes de ódio. Diz ele:

O ódio surge da combinação de características centrais que todos compartilhamos com essas forças catalisadoras. Embora todos tenhamos a capacidade de odiar, somente alguns estão expostos a uma quantidade de catalisadores suficiente para levar a uma explosão. (p.19)

Não obstante, o ódio possuir um viés orgânico, atualmente a sua disseminação nas redes sociais digitais e na sociedade de uma forma geral, nos permite observá-lo sob uma ótica dos sujeitos, caracterizando-o não apenas como um atributo orgânico, mas como um fenômeno social. A seguir, recorreremos à psicanálise para discutir acerca desse fenômeno.

⁷ Grafo é uma estrutura algébrica que representa de forma abstrata um conjunto de objetos e das relações existentes entre eles, é definido por um conjunto de vértices e pelas arestas, que constituem as ligações entre os vértices ou nós.

1.2.2 E o que nos diz a Psicanálise?

A psicanálise não trata o ódio como um conceito, mas existe um número crescente de estudos que abordam o ódio como temática e encontramos passagens em teóricos fundamentais, como Freud e Lacan, que apontam para o ódio como um componente indispensável para a constituição do sujeito.

Contudo, encontrar material que se debruce sobre o tema de maneira concentrada não é tarefa fácil. (M. N. C. D. Barros, 2013) afirma que “a metapsicologia lhe possibilita mais ampla apreensão, incluindo o reconhecimento de seus atributos [. . .]” (p.14). Poderíamos, então, buscar entendimentos a partir de suas manifestações, mesmo assim Barros se surpreende e tenta nos dar alguma explicação dos porquês dessa ausência;

[. . .] a falta de referências surpreende, já que o ódio tem presença marcante na experiência humana cotidiana. Talvez este fato seja indicativo de quão difícil é dele nos aproximar, posto que remete a processos originários que se vinculam a desprazer, dor, medo, culpa, além de desvelar forças primitivas indomadas do psiquismo. Possivelmente daí resulta a atitude de evitação, que acaba por desencorajar e restringir a aproximação ao tema. (p.15)

Dado esse contexto, buscaremos abrigo em teóricos e pesquisadores que laboraram sobre essas referências espalhadas e fizeram compilações, possibilitando-nos um estudo mais concentrado, sem, contudo, prescindir das obras originárias.

Freud (2010) fala do ódio, ainda ligado à indiferença, como parte integrante do *Eu* originário no narcisismo primário. Se, no princípio, o *Eu* está ligado a tudo o que traz prazer, então o *Eu* o ama e o que é desprazer cai na gama da indiferença; porém, ao ir à fase de objetos, a dinâmica prazer/desprazer expande-se para a díade *Eu* (interno)/Objeto (exterior) e aí “a indiferença se liga ao ódio, à aversão, como um seu caso especial, após ter surgido primeiro como seu precursor” (p. 55).

Então, enquanto o objeto está amalgamado ao *Eu*, ama-se ou se é indiferente. Quando há a cisão, o objeto pode ser fonte de prazer ou desprazer; se assumir-se como fonte de prazer, será amado, ao passo que, do contrário, o destino será o ódio, o qual poderá, então, ser exacerbado “em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo”. (p. 55)

Portanto, o ódio estaria presente mesmo antes das relações eróticas, sendo um afeto componente da dinâmica de conservação do *Eu*, conforme proposto por Freud (2010), em 1915: “pode-se mesmo afirmar que os autênticos modelos da relação de ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do *Eu* por sua conservação e afirmação.” (p. 56). Logo, “enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da primordial rejeição do mundo externo dispensador de estímulos, por parte do *Eu* narcísico” (p.57).

Freud, ao discorrer sobre essa gênese do ódio, nos permite inferir que há ódio no encontro

com a alteridade e é esse o raciocínio de Mario Fleig, ao citar Hegel no prefácio do livro *O Futuro do Ódio*, de Jean-Pierre Lebrun, com a constatação de que “o encontro com o outro é sempre violento e perturbador, seja no cotidiano, seja na aproximação em culturas diversas.” (Lebrun, 2008, p. 7).

Lebrun (2008) aproxima-se de Freud e de sua obra: *O mal-estar na cultura ao questionar*: “não podemos dizer que ficamos tomados pelo ódio cada vez que somos obrigados a levar em conta o que vem de fora?” (p.14). Nessa perspectiva, o ódio aparece como algo inevitável no contato com a alteridade e isso se dá porque tal afeto, em sendo uma marca dessa última, nos mostra que mesmo na ausência desse outro, ele reivindica um lugar, o lugar da diferença, do não-igual, do não-eu, o que é intolerável, de modo que “o ódio é, portanto, também o vestígio de que o outro nos atingiu, pelo menos uma vez” (Lebrun, 2008, p. 14).

Remetendo-nos a nosso objeto de estudo, se as redes sociais, em seu objetivo inicial, são ambientes para conexão de pessoas, criadas para permitir uma comunicação mais ubíqua, por que têm despertado, em muitos casos, o pior que há no humano? Por que os indivíduos no contato face-a-face tendem a comportar-se de maneira diferente? A que dinâmica o ódio está submetido no ambiente digital?

Nas redes sociais, o ódio tem circulado e feito das pessoas vítimas (ou algozes) direta ou indiretamente. Tem sido comum ouvirmos falar desse afeto associado ao contexto digital, atualmente fomentando repercussões também no mundo concreto, tornando-se um afeto massificado.

O que pudemos observar com essa pesquisa e será mostrado mais adiante, é que o diálogo nas redes torna-se rarefeito, está perdendo seu estatuto de ser a via que permite o estabelecimento e a manutenção de vínculos. O fator de inviabilização (do diálogo) tem sido o ódio, ou seja, é o ódio, na maioria das vezes, que interdita o diálogo, o que é curioso, uma vez que outrora essa função era invertida e justamente era o diálogo (e a palavra) que fazia com que a expressão do ódio não eclodisse.

Dias (2012) concorda com Freud – sobre a gênese do ódio – acrescentando que o ódio nasce também da constatação de que somos castrados. É a condição de não-todo que impede que caiamos no narcisismo exacerbado. É no “não” que nos é imposta a apreensão de que o Outro não é possuidor do falo, portanto, não é capaz de nos atender em totalidade.

Nas redes, todavia, esse narcisismo exacerbado parece ser a tônica. Uma vez que os diálogos com a diferença estão prejudicados, os indivíduos primordialmente têm apenas a si mesmo (*a priori*), portanto, o dito não admite o contraponto e assume ares de verdade absoluta. Considerando haver uma

tendência de nos aproximarmos daqueles que possuem algo em comum (daqueles que reconhecemos), apenas se reconhecem os iguais e formam-se as “bolhas”. Mostraremos, em capítulos posteriores, como determinados assuntos aglutinam os iguais e excluem os diferentes, fazendo com que esse diferente, no ato da exclusão torne-se um indivíduo odiado, pois a diferença não é tolerada. Nessa perspectiva, odeia-se aqueles que nos relembram a nossa não-totalidade narcísica, odeia-se o outro.

Aprofundar-nos-emos, inicialmente, retomando Lebrun (2008). Para ele, vivemos uma mudança do nosso regime simbólico em que os sujeitos, em última instância, não mais se reconhecem e isso faz com que vivamos novas formas de ódio e violência. Talvez essa constatação seja uma das possíveis explicações para que, na vivência de um modelo relativamente novo de relacionar-se (as redes sociais digitais), nos surpreendamos tanto com esse ódio “atuado” no mundo digital.

O autor introduz o ódio como decorrente da falta que o falar⁸, e conseqüentemente a linguagem, implicam.

Temos ódio pelo fato de falarmos, pois falamos apenas com palavras que vêm do outro, nós somos, portanto, cada um, primeiramente e antes de tudo uns importunados, uns constrangidos pela língua que vem sempre do outro, uns alienados, portanto uns limitados pelas palavras, uns escravos da linguagem. (Lebrun, 2008, p.16)

E diz em sequência: “é que falar supõe o vazio. Falar supõe um recuo, implica não mais estar ligado às coisas, podermos nos distanciar delas, não estar mais apenas no imediato, na urgência.” (Lebrun, 2008, p. 16).

Ou seja, a fala nos inflige mais uma ferida narcísica; é na fala que novamente nos damos conta da nossa incompletude, da não-posse do falo e disso decorre o ódio.

Mas, nesse ponto, podemos pensar: a que ou a quem se destina esse ódio? Como o humano, cuja vida depende já nos seus estágios iniciais de um outro, odeia o seu semelhante? Diante da constatação da incompletude, seria mais lógico que se odiasse a própria condição de seres da linguagem, mas o que acontece, como dissemos antes, é dirigirmos ódio ao outro; e esse outro, que não faz parte mais dos nossos cuidados iniciais, é atualizado como completo estrangeiro, aquele ou aquilo que, em tudo, me excede, devendo, portanto, ser aniquilado.

Outro ponto que talvez suscite o excesso, o traumático, é o paradoxo de deparar-se com a incompletude da linguagem pautada na ausência daquilo que é falado, em um lugar (redes sociais

⁸ Entendemos aqui, e Lebrun também reforça isso, que “fala” não se refere apenas à utilização dos órgãos fonadores, mas à capacidade de fazer uso da linguagem, o que nos permite a articulação com o que acontece nas redes, em que a fala (fonada/sonorizada) quase inexistente e a comunicação é feita pela escrita. Como nos disse Freud, em *O mal-estar na cultura* (1930/2010), “A escrita é, na sua origem, a linguagem do ausente”.

digitais), esse simulacro, onde radicalmente impera a imagem cujo objetivo maior é transmitir algo em totalidade.

Nas redes, os indivíduos são expostos ininterruptamente à imagem, não há corporeidade e mesmo a linguagem prescinde da voz e de seus elementos imaginários (tom, timbre, frequência etc.). Sem esses elementos, o que nos sobra é a imagem da palavra: o escrito. A todo momento há o confronto do que o usuário supõe estar completo: o dizer, com o que “falta”, percebida pela existência de um outro que nas redes acaba constituindo um “ideal de Eu”, no confronto, o outro torna-se fonte de desprazer, pois denuncia a falha e por isso deve ser eliminado.

Mas, estando limitado no digital pela ausência de uma dialética, já que a dinâmica das redes privilegia o solilóquio, a simbolização do ódio, sua eventual sublimação torna-se prejudicada e podendo-se chegar então a uma “passagem ao ato” desse desejo de aniquilação, de modo que o ódio posto em ato nas redes digitais apresenta-se, geralmente, como o gozo do ódio por via do discurso.

Esse tipo de discurso tem se tornado uma forma comum de interação no *Twitter*, por isso a importância de se tomá-lo como objeto de estudo, mas, antes de abordá-lo, em razão das diversas compreensões do conceito, é necessário posicionarmos o nosso ponto de partida no que diz respeito ao tema.

2 O DISCURSO *PER SE*

O discurso do qual tratamos aqui não se limita ao que conseguimos capturar da teoria da comunicação, que trata o discurso com uma situação contextualizada em que há um emissor, um receptor, um código, o referente e a mensagem em si. Tal definição coloca o discurso como algo relativamente limitado cuja maior relevância se daria apenas pelo teor da mensagem ou pelas partes envolvidas, ao passo que, do nosso ponto de vista, existem diversos outros fatores (ou variáveis) que influenciam e impactam o objeto em questão.

Entendemos ser preciso que se leve em conta, sim, esses componentes citados, mas, para além disso, observemos os sujeitos, os contextos nos quais estão implicados, seus afetos e afetações pelo próprio discurso em si, enfim, uma série de outros elementos que nos permitiria analisar *como* aquela mensagem parte, *como* é recebida, quem é afetado por ela, quais sentidos são apreendidos e diversos outros impactos que podem não ser percebidos “a olho nu”. De forma resumida, apresentamos a definição trazida por Orlandi (2009): “o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (p.21).

Embora tenhamos apresentado tal conceito, discurso é um objeto que possui diversas concepções. Segundo C. I. L. Dunker, Paulon, & Milán-Ramos (2016) “[. . .] acontece com a noção de discurso algo análogo com a própria definição de psicanálise, que cada escola apropria-se segundo sua estratégia e fundamentação, sem ao mesmo tempo, conseguir suprimir totalmente as leituras concorrentes ou conflitantes” (p. 9).

Não sendo possível uma aceção única, optamos por uma compreensão que parte de Michel Pechêux, que, de acordo com Melo (2009), coloca o discurso como uma dispersão de ideologias introjetadas pelos sujeitos, de forma consciente ou inconsciente.; passando por Norman Fairclough, para quem o “discurso é uma prática social transformadora de realidades sociais”, (Melo, 2009, p.3), segundo a qual o sujeito da linguagem opera podendo se conformar, ou resistir, pensamento que o perpassa na criação de outra corrente da análise do discurso, a Análise Crítica do Discurso (ACD); chega em Michel Foucault com seus estudos sobre arqueologia e genealogia, trazendo a noção de que o discurso é uma prática performativa dialética do saber e do poder (Vandresen, n.d.), ou seja, os discursos têm um papel fundamental na construção e manutenção do poder, é por eles que o poder é mantido, pois são eles que determinam o que pode ou não ser dito.

Embora cada um desses teóricos tenha seus pontos específicos que podem se aproximar ou se distanciar em determinados momentos, pensamos que o ponto de confluência entre eles se dá no

raciocínio de que:

- a) Discursos são carregados de ideologias que nem sempre são apropriadas pelos sujeitos;
- b) É um elemento de transformação social que incide sobre os sujeitos, afetando-os de forma direta positiva ou negativamente;
- c) São práticas que criam e permitem o exercício de saberes e poderes.

Diante desses três pontos, retomamos Eni Orlandi, não como um fechamento, mas exatamente o oposto, uma definição que permite abertura: Discurso é efeito de sentidos entre locutores.

2.1 O discurso em (psic)análise

É essa abertura que nos permite compreender que, para a psicanálise, não é o conceito de discurso propriamente que importa, mas o efeito que causa nos sujeitos e como isso incide sobre os indivíduos. Chemama (1995), no Dicionário da Psicanálise, inicia o verbete “discurso” com a seguinte definição: “Organização da comunicação, sobretudo da linguagem, específica das relações do sujeito com os significantes e com o objeto, que são determinantes, para o indivíduo, e que regulam as formas do vínculo social” (p. 47). Consideramos, entretanto, que essa definição pragmática do termo não é suficiente para abarcar a grandeza desse significante em relação à própria psicanálise em si. Talvez por isso, Chemama, ao longo das próximas três páginas de seu dicionário, continue dissertando sobre o discurso, no entanto, se valendo da teoria lacaniana para dar conta desse conceito.

Durante a nossa pesquisa teórica sobre esse tema, encontramos diversos artigos científicos, como por exemplo: de Mello (2011), de Fátima Vilar de Melo (2005), que, de alguma forma, remetiam ao discurso, porém nenhum dos que acessamos trabalhava o tema sob a ótica da conceituação; as buscas indicavam como resposta textos acadêmicos ou livros que tratavam não o “discurso em psicanálise” (com uma conotação de conceito), mas sim o discurso psicanalítico, salvo aqueles que partiam da teoria lacaniana e tratavam sobre os quatro discursos (mestre, universidade, histérica e do analista). Ao nos questionarmos o porquê da dificuldade em encontrar autores que trabalhassem esse conceito desde os preâmbulos da psicanálise (até mesmo em Freud), encontramos uma possível resposta em C. I. L. Dunker et al. (2016), quando o autor afirma haver, na psicanálise, “uma série de restrições e objeções para se comportar no nível ordinário da ciência” (p. 113), ou seja, os seus teóricos não se

pretendem, para aquilo que não é essencial ao próprio desenvolvimento da mesma, precisar termos ou reelaborar definições que não sejam necessárias.

Portanto, definir o que é discurso não parece, de fato, ser uma preocupação da psicanálise, o próprio C. I. L. Dunker et al. (2016) diz que Lacan fez o oposto de conceituar o discurso, caracterizando-o de variadas formas ao longo de seus ensinamentos, mantendo uma constância apenas sobre dois pontos: “a ligação entre o discurso e o tempo e a precedência sobre os registros da experiência” (p.113).

“O discurso sobre o discurso nada mais é que discurso” (C. I. L. Dunker et al., 2016, p. 117). Talvez essa seja uma possível razão para que, em nossas pesquisas, tenhamos encontrado inúmeros resultados que remetiam ao “discurso psicanalítico” e não ao “discurso em psicanálise” ou “para a psicanálise”. O próprio caráter subversivo da teoria psicanalítica, que busca promover a não-alienação dos sujeitos, através da separação desses em relação a certos significantes que os aprisionam, nos indica esse caminho.

O discurso não é considerado um objeto pilar da psicanálise. Com isso, não estamos afirmando que nenhum teórico (da psicanálise) empreendeu esforços de tecer alguma definição com essa ou aquela finalidade, mas que no arcabouço teórico psicanalítico, até mesmo pela sua própria constituição epistemológica, que tem em sua raiz a não disciplinarização, não encontraremos uma longa contribuição acerca desse conceito de forma isolada. Na via da não disciplinarização, Lacan (1992) traz o estudo do discurso como o estudo de laços sociais que se dão por meio dele.

No fim das contas, há apenas isto, o liame social. Eu o designo com o termo discurso, porque não há outro meio de designá-lo, uma vez que se percebeu que o liame social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante. (Lacan, 1985, p. 60)

Ao significar o discurso como o laço (liame) social, Lacan traz o entendimento de que a sociedade, como a conhecemos, se concretiza no discurso. É por meio dele que sujeitos se ligam e se deslocam (e criam), apesar de existir também um caráter paradoxal que é o fato de que por meio dele também sujeitos podem ser aprisionados. Ideologias, por exemplo, se entendidas por conjuntos de ideias ou doutrinas, são provas disso e daí podemos depreender como os discursos influenciam as experiências humanas, moldando a realidade na qual os sujeitos estão inseridos. Porém, é essa peculiaridade que torna a tomada do discurso enquanto objeto de estudo algo complexo, pois, retomando o que dissemos alguns parágrafos atrás, qualquer definição ou conceituação do termo também se torna um discurso.

Se a sociedade se dá pelo discurso, torna-se impossível também dissociá-lo dela, logo, o discurso está intrinsecamente ligado à historicidade de cada sujeito na sociedade, Lacan (1988) (em:

C. I. L. Dunker et al. (2016)) afirma não haver discurso onde não se considera a temporalidade. Para analisar o discurso, portanto, é necessário que tomemos cada sujeito em seu momento sócio-histórico, mas, para afastar-se das práticas de poder que buscam disciplinar ao invés de libertar, Lacan, ao estudar o discurso, propõe que nos atenhamos a suas falhas. Nesses equívocos do discurso é justamente onde podemos nos deparar com o sujeito do inconsciente.

Assim, é possível perceber a importância do “discurso” para a psicanálise, não como um objeto de estudo de forma isolada, mas como um fator de agência social, uma trama que incide sobre os sujeitos e os molda, podendo libertar, mas também aprisionar. Por meio dele, podemos encontrar vias de acesso ao inconsciente; é na esteira dessas conclusões que Lacan avança e estabelece quatro estruturas discursivas, as quais nomeia de: Discurso do mestre, da histórica, da universidade e do analista. A partir destes há uma subversão feita por Lacan no discurso do mestre, o que ele chama de Discurso do capitalista sendo considerado o “+1” pelos teóricos posteriores a Lacan, será esse que enfatizaremos nessa dissertação, pois é o que enxergamos mais presente na dinâmica das redes e falaremos adiante.

2.1.1 Lacan e os quatro discursos + 1

A teoria lacaniana dos quatro discursos oferece uma abordagem única para compreender as dinâmicas sociais e psíquicas. Cada discurso representa uma configuração específica de poder, linguagem e assujeitamento, desempenhando um papel crucial na formação dos sujeitos.

A relevância do discurso na psicanálise, conforme percebida por Lacan, transcende a mera análise linguística (ou do discurso), estendendo-se para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e psíquicas. O discurso, longe de ser um objeto isolado, emerge como um agente de influência social, moldando e, por vezes, aprisionando os sujeitos. Lacan, ao avançar em suas investigações, estabelece, a princípio quatro estruturas discursivas fundamentais: o discurso do Mestre, da Histórica, da Universidade e do Analista, cada uma oferecendo uma perspectiva única sobre a complexidade dos laços sociais. Abordaremos a seguir resumidamente cada um deles, pois não intencionamos, nessa pesquisa, nos aprofundarmos no tema dos discursos na perspectiva lacaniana. Trouxemos os quatro discursos como um ponto introdutório para a compreensão de um quinto discurso: o do capitalista, que cremos se relacionar diretamente com o ambiente digital e a com a forma com que esse ecossistema de atores (usuários/indivíduos) e campo (a própria rede digital) estão imbricados.

Essa noção de discurso, à qual nos referirmos no parágrafo anterior, não foi concebida em um momento pontual e específico da obra de Lacan. A noção de discurso foi construída ao longo de seu ensino passando por diversos momentos até culminar no Seminário XVII. Mas desde o Seminário I, por exemplo, em que o discurso ainda é tratado como algo relacionado à história e à diacronia, Lacan propõe a diferenciação entre a “análise do discurso” e a “análise do Eu”, pontuando que a análise se dará através do discurso dirigido ao analista (Drummond, 2020). Discurso esse que só pode ser apreendido através da fala do analisante, por meio da qual a “verdade” do sujeito mostra-se encoberta, posto que pautada num semi-dizer, destinando o trabalho do analista a pontuar as lacunas do discurso, os atos falhos do sujeito e demais estratégias do inconsciente.

Daí em diante, nos seminários seguintes, ele irá desconstruir e reconstruir o entendimento de “discurso”, até chegar à concepção dos quatro discursos enquanto estruturas discursivas que orientam os laços sociais, conforme dito. É nesse momento, no seminário o Averso da Psicanálise (Livro XVII), que Lacan situa o discurso, “afastando-se da dimensão diacrônica da fala e apresentando-se em sua dimensão sincrônica e estrutural” (Drummond, 2020, p.29).

Ao distanciar-se desse juízo (da dimensão diacrônica da fala), “o sujeito deixa de ser, portanto, uma função primária do discurso e passa a ser um operador do discurso como estrutura” (Drummond, 2020, p.30). Pensando o discurso enquanto uma estrutura, Lacan busca na lógica, o repertório para representar o seu pensamento, retomando alguns termos já definidos em outro momento, a saber - *a*: objeto *a*; \$: sujeito barrado; S₁:significante-mestre; S₂: o saber. Esses termos se alternam posicionalmente dentro de uma estrutura que possui lugares fixos:



Figura 1 - Estrutura do discurso
<http://pepsic.uvsalud.org/publicacional/v4n6/v4n6a09.pdf>

Cada uma dessas posições irá determinar uma função para aquele que a está ocupando. São posições lógicas, o que significa que os atores podem se alternar em cada papel. Iremos fazer uma breve descrição dessas posições e dos tipos de discurso, mas não avançaremos nos detalhes do que desenvolveu Lacan a partir do Seminário 17, pois apesar de nos prestar suporte nas articulações com os achados do campo, não é nosso foco de estudo.

O *agente* é aquele que ordena a produção discursiva, que irá modular e direcionar o discurso. O *outro* é a quem o discurso está sendo dirigido, é ele quem, em certa medida, irá suportar a existência

do agente (como na teoria do Estádio do Espelho, por exemplo), pois recebe as suas demandas. A produção, em alguns trabalhos (C. Dunker (2017); C. I. L. Dunker et al. (2016)) também mencionada como o “*mais-de-gozar*”, é o efeito do discurso, é o que resta, o que da relação que está sendo ordenada por aquela estrutura é produzido. Por último, a posição da verdade, que sustenta o agente mas que nunca será completa, pois, como já falado, a verdade só se pode meio-dizer (Coelho, 2006). Entre essas posições e símbolos, restam ainda dois que compõem a invenção de Lacan: a seta: “→” entre o agente e o outro, representando a relação de demanda; e a dupla barra: “//”, indicando a interdição entre a produção e a verdade.

Posicionando os símbolos no matema dos discursos, temos então as seguintes formulações:

<p>Discurso do Mestre</p> $\frac{S1 \rightarrow S2}{\$ // a}$	<p>Discurso Universitário</p> $\frac{S2 \rightarrow a}{S1 // \$}$
<p>Discurso da Histérica</p> $\frac{\$ \rightarrow S1}{a // S2}$	<p>Discurso do Analista</p> $\frac{a \rightarrow \$}{S2 // S1}$

Figura 2 – Matemas dos discursos
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n6/v4n6a09.pdf>

Lacan situa o Discurso do Mestre como o primeiro tipo, do qual os demais irão se originar, resultando de 1/4 de giro (levógiro ou dextrógiro) do termo na fórmula. Nesse primeiro, o S1 - significante mestre assume o lugar de agente, demandando algo do *outro*, essa implicação do S2 pelo S1 gera uma produção que é o objeto *a*, para o que a verdade, posição em que está o \$, nunca estará completamente revelada. O discurso do mestre destaca-se também pela imposição unilateral de significados - um agente se posiciona como do detentor do saber e do poder, refletindo uma dinâmica de poder autoritária em que domina o campo simbólico.

De certa forma, os discursos de Lacan começam com o do mestre, tanto por razões históricas quanto pelo fato de que esse discurso incorpora a função alienadora do significante ao qual estamos todos assujeitados [. . .] É a matriz fundamental do vir a ser do sujeito através da alienação (Fink, 1998, p. 161).

Portanto, Lacan inicia por esse discurso, pois ele seria a estrutura básica, essencial, a que estamos submetidos. Ao sermos inseridos na linguagem, estaremos assujeitados, alienados aos significantes presentes nos discursos que nos antecedem e assim permaneceremos sofrendo as repercussões dessa

posição em que o gozo do *Outro* (*a* - produção) nos norteará como sujeitos castrados (\$), impossibilitados (//) do encontro com algo da verdade.

No discurso Universitário, o saber (S2) assumirá o lugar de agente, será ele que funcionará como um “novo mestre”. Esse irá se dirigir ao *objeto a* que é como esse discurso trata o outro, como objeto a ser moldado, “astudado”, como disse o próprio Lacan (Lacan, 1992). O que daí resulta (produção) é o aluno, ou o sujeito (\$) (C. Dunker, 2017). Dunker (2017) ressalta que esse discurso também é conhecido como discurso do burocrata ou aquele que remete sempre seu desejo ao outro, que não se responsabiliza pelo seu próprio desejo. Essa seria também a forma regressiva do discurso do Mestre, uma vez que é obtida realizando um giro levógiro no discurso original.

Se o giro no discurso do Mestre for o dextrógiro, temos o discurso Histórico, que se caracteriza por ter como *verdade* a posição de objeto (*a*) (C. Dunker, 2017). Nessa forma, o S1 assume o lugar do outro interpelado pelo \$; “a histórica vai ao mestre e demanda que ele mostre sua substância, prove sua índole através da produção de alguma coisa séria em termos de saber” (Fink, 1998, p. 163). No lugar do gozo, fica o S2, o saber, indicando que a histórica obtém prazer na percepção dessa produção.

Por último, nas acepções iniciais lacanianas acerca do discurso, tem-se o discurso do analista. Nele, o *objeto a*, a causa de desejo, está na posição de agente, lugar ocupado pelo analista. O analista irá suportar as projeções dos analisantes, seus anseios e desejos, sem questioná-los, e irá “interpelar” o \$ a fim de extrair de suas narrativas os S1 aos quais está alienado, deles se separando à medida que a análise se desenrola, mas sempre estando interdito pela impossibilidade da obtenção completa da verdade - S2. Chemama (1995, p. 49), no verbete referente ao discurso, indaga o seguinte: “se o discurso do psicanalista inscreve *a* no lugar dominante, se ele não separa mais \$ e *a* (*a* \$), pode-se dizer que o psicanalista assegura a cada um, o reencontro efetivo com o objeto de seu desejo; para responder em seguida: ”de fato, é um dos principais traços do discurso corrente dos nossos dias, prometer a todos a satisfação de todos os desejos, desde que se coloque neles o preço, a pagar a diferença entre o objeto do desejo e objeto da consumação“.

Essa construção nos serve de preâmbulo para referir o quinto discurso pensado por Lacan, o discurso do capitalista (o “+1” que compõe o título desta Sessão). No discurso do Capitalista, escrito em uma conferência de 1972 em Milão (Drummond, 2020), Lacan posiciona um sujeito que “se acha, ao mesmo tempo, fixado ao seu objeto e em posição de semblante, isto é em posição de acreditar-se assujeitado a nada, mestre das palavras e das coisas” (Chemama, 1995, p. 50). Esse discurso é uma

flexão do discurso do Mestre, onde o \$ assume o lugar de agente e o S1 irá para a posição da verdade, como ilustrado abaixo.

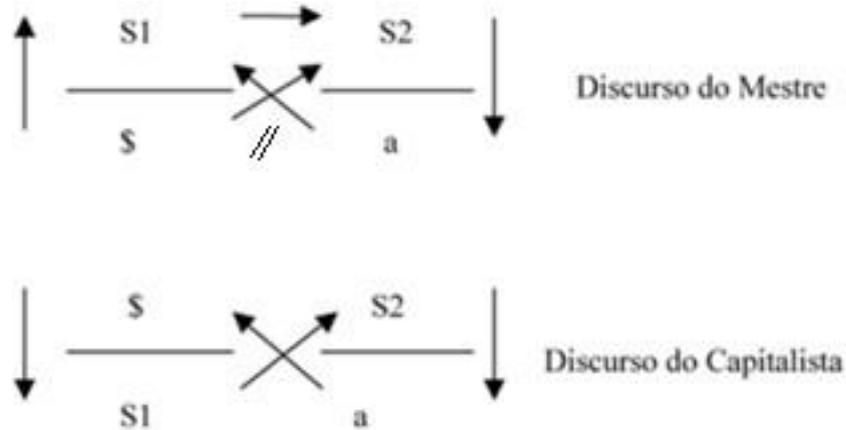


Figura 3 – Matema do discurso do capitalista

Para se ter um entendimento inicial dessa quinta estrutura, dado que explicamos o significado dos símbolos que compõem a estrutura dos discursos (S1; S2; \$; a) precisamos nos atentar aos vetores que também a compõem. Primeiramente, o vetor da esquerda que, no discurso do Mestre parte do lugar da verdade em direção ao lugar do agente, está invertido. Outro ponto é a inexistência das barras (//) da interdição, da impossibilidade. Além disso, tem-se um vetor que parte direto do objeto *a* para o sujeito (\$) e outro direto do lugar da verdade, em que está o S1, para o outro (S2).

Dessa formulação, podemos depreender que se, no discurso do Mestre, há algo que aliena o sujeito na relação com o objeto, no discurso capitalista, por sua vez, o “mais-de-gozar” (dado pelo objeto *a*) liga-se diretamente ao \$, indicando a pretensão de se chegar diretamente ao objeto perdido, causa de desejo (*a*), ou seja, o sujeito aqui supõe-se tributário de ter todos os seus desejos atendidos e de ser conhecedor de toda a verdade (Drummond, 2020). É essa forma de funcionamento, sem perdas, em que não há propriamente uma relação de um significante com outro significante, que questiona o estatuto de discurso, pois não viabiliza o estabelecimento do laço social, visto que se trata de um sistema de “circulação fechada [. . .] como um sistema sem ponto de basta e, enquanto tal, fadado ao colapso” (Drummond, 2020, p. 55). A esse respeito Malcher e Freire (2016), citadas por (Drummond, 2020) nos diz:

Mesmo que a promessa de forclusão da castração sustentada pelo discurso capitalista não se cumpra, isso não significa que ela não tenha efeitos discursivos. O fracasso da

promessa realimenta o funcionamento do sistema, deslocando metonimicamente para o próximo objeto de consumo a possibilidade de satisfação da promessa, capturando o sujeito - como consumidor - na trama do mercado, justificando as denominações de interminável e desmedido que Marx atribui ao modo de produção capitalista (Malcher e Freire (em Drummond, 2020, p. 55) .

No contexto desta pesquisa, consideramos ser o discurso do capitalista o de maior relevância para a tentativa de compreensão do fenômeno das redes. A forma como se dão as interações no ambiente digital mostram esse deslocamento ininterrupto sem ponto de basta. Cada usuário parece tratar seu interlocutor como objeto a ser consumido, partindo em seguida para o próximo, fazendo-nos considerar que a estrutura da rede social digital é pensada para ser assim.

Os grandes *players* digitais implantaram uma interface de utilização cujo objetivo é manter o usuário conectado o maior tempo possível, rolando as páginas de “conteúdos” para que a cada número X de rolagens possam ser exibidos novos anúncios de produtos passíveis de aquisição. Além disso, conceitos como “engajamento”, “alcance”, “fator de influência”, tornam-se indicadores para essas empresas (que produzem e mantêm as plataformas de redes sociais), para que esse ou aquele perfil seja destacado, em razão de sua possibilidade de reunir mais pessoas em seu campo de influência e assim, entregar mais possibilidades de consumo para o maior número de pessoas possível. Então, uma conclusão é que cada usuário é, ele próprio, considerado um objeto de consumo e exploração. Uma vez que para as *big techs* há o claro objetivo de lucro, precisamos ter em vista de qual maneira esse objetivo impacta os sujeitos, para isso, atribuímos os respectivos papéis aos componentes da fórmula criada por Lacan, o que nos permite inferir que um dos produtos gerados como resultantes dessa dinâmica é o gozo do ódio, disseminado por meio de seu próprio discurso.

2.2 Os discursos de ódio

O discurso de ódio está situado num equilíbrio complexo entre direitos e princípios fundamentais, incluindo a liberdade de expressão e a defesa da dignidade humana. De maneira geral, o discurso de ódio costuma ser definido como manifestações que atacam e incitam ódio contra determinados grupos sociais baseadas em raça, etnia, gênero, orientação sexual, religiosa ou origem nacional.

A definição acima foi encontrada no *site* da *saferlab* (<https://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/>), um projeto *spin-off* da Safernet Brasil, uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como objetivo a promoção e defesa dos Direitos Humanos na Internet, no Brasil. Abrimos esse tópico por ela, pois ela traz uma definição abrangente do “discurso de ódio”.

Não nos limitando a ela, também encontramos no “Guia para análise de discurso de ódio” (Lucas, Gomes, & Salvador, 2020, p. 4) o seguinte: “[. . .] são manifestações que avaliam negativamente um grupo vulnerável ou um indivíduo enquanto membro de um grupo vulnerável, a fim de estabelecerem que ele é menos digno de direitos, oportunidades ou recursos do que outros grupos [. . .]”.

Em um estudo publicado no 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Silva, Monteiro, & Gregori (2017) destacam que o discurso de ódio é classificado como tal apenas quando as ofensas são dirigidas a um grupo, embora façam algumas citações que lançam luz para os ataques individuais.

de Oliveira (2021, p.21), em seu artigo “Liberdade de expressão x discurso de ódio na internet”, ressalta que o discurso de ódio ou *hate speech* “ocorre quando alguém incita o ódio contra uma pessoa ou um grupo ou uma determinada classe de pessoas [. . .] podendo ser verbal, ou escrito [. . .]”.

O que pudemos perceber, dos estudos e publicações anteriores, é que a definição do discurso de ódio é algo amplo e cada autor possui uma compreensão própria em pontos específicos, ao menos; mas o ponto comum entre eles é a concepção de que o discurso de ódio é um ataque direcionado a um grupo ou a uma pessoa.

Outra questão peculiar em nossa busca inicial⁹ é que a maioria das publicações e menções encontradas são do campo do Direito. Isso não quer dizer que outras áreas não se debrucem sobre o assunto, mas é interessante perceber que o algoritmo de busca, que se baseia em relevância do resultado, entende que os achados mais importantes são aqueles que circulam no âmbito das normas; portanto, as definições mais difundidas são oriundas, em maior ou menor escala, do campo da lei. Por um lado, podemos observar isso com bons olhos, pois depreende-se que há uma preocupação das instâncias controladoras para coibir tais manifestações; por outro lado, seria possível também pensar que reflexões mais profundas, que tenham um olhar para as repercussões subjetivas e psicológicas e que podem propiciar uma problematização dessa forma de agir, conseqüentemente provocando uma mudança individual, podem não estar tendo a devida reverberação.

Ainda sobre a amplitude de definições, Ruediger & Grassi (2021) fazem um contraponto que coaduna com nossa visão sobre os possíveis prejuízos de uma definição mais restrita; citando trabalhos de Benesch (2013); Herz & Molnar (2012), dizem que existem definições danosas, colocando nesse

⁹ Para realizar a busca mencionada acessamos o buscador mais utilizado na internet (www.google.com) e colocamos os termos: “discurso de ódio pdf” e navegamos nas 10 primeiras páginas do resultado. O objetivo dessa busca aberta e com termos “vagos” consistia em avaliar o que surge em uma pesquisa feita por um usuário comum (sem objetivo formal) sobre o tema.

cesto aquelas que se restringem a dizer que o discurso de ódio são ataques direcionados à massa ou grupo e isso prejudicaria não só a própria caracterização, como a percepção do fenômeno como algo extremamente danoso. Entender o discurso de ódio como algo apenas direcionado a grupos, pode fazer com que os ataques a uma pessoa específica, ainda que tendo como fundo uma agressão por generalização da identidade (ofender alguém trazendo características étnicas, por exemplo), possam passar “despercebidos” e dessa maneira, o prejuízo àquela pessoa ser pomenorizado.

Ficamos então com a aceção de dos Santos (2013) que aqui citamos literalmente: “Os discursos de ódio designam insultos contra indivíduos e grupos com o objetivo de provocar o ódio contra eles, e eventual violência, simplesmente porque são quem são. Referem-se às discriminações contra raças, religiões, etnias, gêneros e *preferências sexuais*¹⁰”.

Em adição a essa definição, trazemos Rinaldi (2018) que parafraseia Santos (2013), para quem o discurso de ódio é o “discurso que sustenta a violência e até mesmo o extermínio do outro, simplesmente por ser ele o outro.” (p. 36)

São essas últimas as definições de discurso de ódio a que nos apegamos neste trabalho. Compreendemos que, na discussão desse fenômeno, não cabe a restrição apenas ao que a Lei alcança; de forma contrária, faz-se mister considerar todas as “falas” (e discursos) que de alguma forma ensejem a violência, verbal, física, psicológica etc. Esse entendimento não é gratuito; dados acumulados pela *safernet* mostram que as denúncias só crescem ao longo dos anos e que apenas em 2021 foram contabilizadas mais de 750.000 denúncias.

¹⁰ Decidimos marcar explicitamente o termo utilizado pelo autor pois, embora um cientista social premiado, entendemos que a própria utilização da expressão “preferências sexuais” no lugar de “orientação (ou orientações) sexual (ais) torna-se um significante de preconceito. Contudo, é importante observar, também, o texto ao seu tempo e perceber que em 2013 mesmo com os movimentos de defesa da diversidade sexual já em franco andamento, os discursos discriminatórios rondavam e rondam das maneiras mais sutis possíveis; não significando, a nossa ação, qualquer juízo de valor acerca do cientista; achamos importante, apenas, demarcar, no âmbito dessa pesquisa, como o discurso pode ser algo que se infiltra e se camufla nas nossas falas.

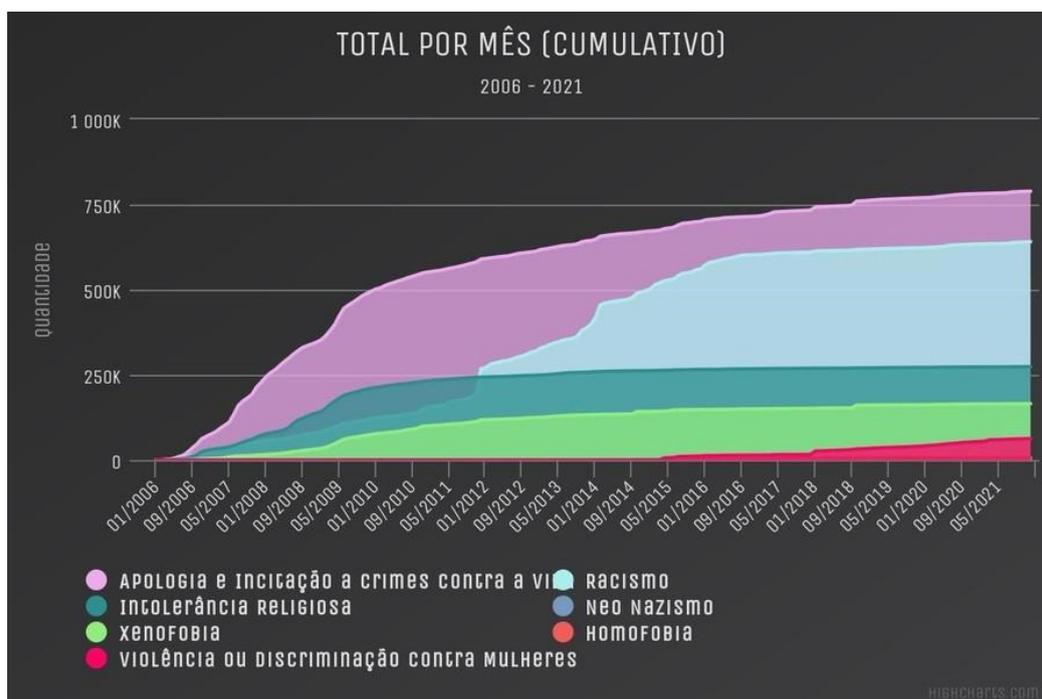


Figura 4 – Gráfico de denúncias por dia
Fonte: <https://safenet.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/>

Todas essas denúncias partiram de alguém que, em algum momento, ao se deparar com alguma mensagem nas redes sociais digitais, se sentiu atacada pelo conteúdo ou mesmo foi o alvo do ataque. Portanto, embora não se possa deixar de lado o caráter generalizador que a lei impõe para que se classifique como discurso de ódio, não podemos deixar de considerar o fato individual.

Esse mesmo estudo diz que, desde 2006, 2.532.146 foi o número de denúncias recebidas pela *safenet*. Acreditamos que esse quantitativo, muito provavelmente, está subestimado porque milhares (ou milhões) de interações com conteúdo de ódio não chegam a ser, de fato, denunciadas.

Talvez isso se dê por uma crença de que nada será feito, de que não haverá resultado prático ou mesmo por um sentimento de banalidade, algo que já foi introjetado na cultura *web*. Porém, é importante também considerar o que Viscardi (2021, p. 16) enseja ao citar Richard Delgado e Mari Matsuda, compartilhando a ideia de que o discurso de ódio tem efeitos comparáveis ao de um ataque físico. Referem-se a isso mostrando que constantemente ataques verbais são metaforizados por termos do domínio somático: “aquela fala me machucou; o que ele disse foi como um soco no estômago, etc.”. Esse efeito “somático” acaba, portanto, produzindo “sintomas físicos que incapacitam temporariamente a vítima”, Lawrence (em Butler, 2021, p. 16).

Dados tais efeitos, referidos por Butler, fica evidente o caráter performativo dos discursos de ódio. Uma vez que toca os indivíduos, algo será processado no destino, modificando a forma com que

eles se relacionam com o mundo ao seu redor: é um ato que constitui sujeitos.

2.2.1 Discursos de ódio e performatividade

A perspectiva butleriana é interessante e nos traz alguns horizontes para além da injúria em si mesma. Ela introduz a noção do discurso de ódio como um ato de fala e, em sendo esse um ato, respalda-se na teoria de Austin para nos fazer questionar se seria ele ilocucionário ou perlocucionário.

Os primeiros são os atos de fala que, ao dizerem algo, fazem o que dizem e no momento em que dizem; os segundos são atos de fala que produzem certos efeitos como consequência, ou seja, quando algo é dito, certo efeito é produzido (Butler, 2021, p. 13-14).

Essa definição, aprioristicamente, nos fez pensar nos discursos de ódio como atos de fala perlocucionários, pois o raciocínio mais lógico é: uma vez que sou atacado por uma fala (ou um *post* na rede social) me sinto mal a *posteriori*; entretanto, mais adiante, a autora nos apresenta a ideia de que tais falas acabam por constituírem sujeitos, são performativas, portanto, ilocucionárias. O ato ilocucionário, no contexto do discurso de ódio, é suposto ser realizado para que se exerça um poder sobre aquele a quem ele é direcionado, além disso, o efeito que se busca é imediato, o indivíduo que ataca, intenciona ferir no momento em que o outro percebe a fala.

[...] o discurso de ódio constitui seu destinatário no momento do enunciado; ele não descreve uma injúria ou tem uma injúria como consequência; ele é, no próprio proferimento desse discurso, a performatização da própria injúria, em que a injúria é entendida como uma subordinação social (Williams, P. em Butler, 2021, p. 39).

E conclui dizendo que “o que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada” (p.39).

Outro ponto peculiar nos atos ilocucionários é a questão do *momento* em que é proferido, o momento, para a filósofa é algo que possui uma “historicidade condensada” (p. 15), ele se *destemporaliza*, passado e futuro se presentificam no ataque porque ele traz consigo enunciados anteriores e que perdurarão porquanto não será o único ataque que aquele indivíduo receberá - em se tratando das redes vemos isso na repetição sequenciada das agressões a um determinado sujeito. O que se apresenta como de alta relevância para o que vimos pesquisando e que articularemos com o que vimos pesquisando é a percepção que Butler traz quando diz que “ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto, ou seja, é não saber onde se está [...] desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso” (p.15). Então, temos indivíduos (tanto quem profere

como quem é alvo) que se deparam a todo momento com a desorientação do tempo e espaço, sem que isso seja mediado ou modulado.

Em função desse caráter de “assujeitamento”, Judith Butler afirma que os discursos de ódio têm uma função interpelativa, fazendo essa associação a partir da teoria de Louis Althusser. Nessa perspectiva, o discurso de ódio, no momento em que ocorre, produz ferimentos e constitui sujeitos; o que novamente nos traria alguma confusão, pois, se acarreta efeitos em seu nascedouro, poderíamos dizê-los ilocucionários. A sutileza, todavia, surge no fato de que, para Austin, o sujeito antecede o discurso enquanto, para Althusser, “o ato de fala que dá vida ao sujeito na linguagem precede o sujeito em questão” (Butler, 2021, p. 48).

O exposto acima se justifica pelo que Butler traz a seguir, ao dizer que a ponte entre Althusser e Austin se dará pelo **chamamento do Outro**, pois é através dele que o sujeito se fará capaz de chamar os outros. É pela existência do **Outro** que o sujeito nem terá a linguagem apenas como uma ferramenta de agência, nem será um mero efeito dela, mas, ao mesmo tempo será situado em ambas as posições, produtor e produto.

A tese que sustenta que o discurso de ódio é ilocucionário e que ele produz o sujeito em uma posição de subordinação se aproxima do ponto de vista segundo o qual o sujeito é interpelado por uma voz anterior, que exerce uma forma ritual. No discurso de ódio, o ritual em questão parece ser o da subordinação (Butler 2021), argumento que aproxima a construção de Butler do discurso do capitalista, de Lacan, pois neste último, o sujeito toma o outro como objeto passível de ser consumido, ou seja, está subordinado ao sujeito que pode gozar livremente, por esse não estar mais interdito. Com isso, a filósofa, além de trazer Lacan em sua argumentação, por meio do conceito do grande Outro, também, de forma implícita, remete-nos a noção do circuito da pulsão invocante, que exploraremos em momento ulterior.

2.2.2 *Discurso de ódio na psicanálise*

Seguindo na via do que foi dito, se o discurso de ódio é significado por cada indivíduo de uma maneira própria, entendemos como posta a necessidade de se encarar o fenômeno buscando compreender as repercussões psíquicas que provoca em cada sujeito. Nesse âmbito, a psicanálise tem um arcabouço teórico e prático de extrema relevância a ser levado em consideração.

Expusemos previamente sobre o ódio, como esse afeto é algo que nos habita e, também, nos

constitui enquanto sujeitos, estando relacionado aos nossos mais primitivos contatos com o mundo extra psíquico (Freud, 1915/2010). Todavia, ao ódio deve ser dado um destino impulsionado pelas pulsões de vida para que o ressignifiquemos e nos afastemos da *passagem ao ato*.

Como afeto, circula, se acumula, se dissipa, se transforma ou se mantém indestrutível, sendo abordado por Freud em uma dimensão econômica, no contexto do princípio econômico do funcionamento do psiquismo. (Barros, 2013, p. 194)

Ao se manter indestrutível, é possível que um de seus destinos seja sua expressão no discurso. Essa aparição sempre esteve calcada pelas regras da interdição ou do impedimento. Para fazer a distinção desses dois, nos pautamos pelo que apresentou Frej (2003) em sua tese de doutorado: *Le don du nom et son empêchement: au sujet des enfants de rue au Brésil*. Ali, a autora expõe que, no impedimento, estando dois indivíduos à beira do confronto, é necessário que ao menos um dos dois seja contido, sem que sua destruição se dê e, assim, opere a interdição.

Portanto, argumentaremos que, quando o impedimento não é um efeito do recalque, não se constitui como um sintoma (em sentido amplo), porque o conflito psíquico que reside no confronto com as diferenças, com as alteridades, não entra em jogo. O que acontece é uma luta no imediatismo do corpo a corpo, antes que qualquer mediação seja simbolizada (Frej, 1996).

Então, o impedimento consiste na contenção de determinado ato, no nosso caso, uma moderação prévia à postagem, por exemplo, ou mesmo sua exclusão, antes que ganhe vulto e atinja maior número de pessoas. Já a interdição advém da submissão às regras, à condição dos *fallasses*. É através da linguagem, e conseqüentemente por estarmos inseridos em suas leis, que somos interditados no gozo do ódio e podemos, assim, operar uma sublimação desse afeto, destinando-o a algo construtivo para os sujeitos; é por falarmos que podemos elaborar um dito e não chegarmos as vias de fato.

Paradoxalmente, como mostra Lebrun (2008, p. 22), é impossível se dizer tudo, sempre seremos tributários do vazio, sendo essa condição que nos permitirá sermos sujeitos para um outro e reconhecer esse outro também como sujeito em sua alteridade. Confrontar-se novamente com esse vazio, pensando que o havíamos transposto, faz com que o ódio emerja nas redes sociais, por se tratar de um ambiente que é imediato, as falas (publicações) que lá aparecem, são performativas (como dissemos antes), é um espaço onde há um ofuscamento do registro Simbólico, dando espaço para o gozo desse ódio ao invés de qualquer ato sublimatório.

Se toda fala pressupõe a ausência, já que falamos daquilo que não está lá e isso põe em movimento o nosso ódio, faria sentido perguntar: todo discurso é de ódio? A resposta é não, pois são

justamente as dinâmicas da interdição, do impedimento, dos afetos, que faz com que nossos discursos sejam balizados, que lidemos com nossas emoções, que digamos “estou com ódio de você”, ainda que isso não queira dizer que quero a sua aniquilação. Porém, é aí que chegamos a um ponto de inflexão quando consideramos o cenário das redes sociais digitais.

Diz Lebrun (2008, p. 29):

[. . .] devemos aqui introduzir a diferença entre o ódio e o que chamamos de gozo do ódio, em outros termos, a satisfação que se pode tirar do fato de autorizá-lo, de deixá-lo em livre curso, e, portanto, gozar de odiar aquele ou aquela que está encarregado ou encarregada de transmitir-me esse traço da minha condição, mais do que de assumir que meu ódio se endereça ao vazio.

No ambiente digital, especificamente nas redes, o que parece surgir de forma majoritária é justamente o gozo do ódio. Não raro vemos matérias jornalísticas em que a “notícia” é uma pessoa ou grupo de pessoas que se reúnem para atacar, ofender, impor violências ou, de outro lado, uma legião de usuários que se satisfazem observando a dinâmica entre algozes¹¹ e vítimas.

Lacan, no seminário 5 – As formações do inconsciente, ao falar sobre o estudo de Glover sobre interpretações, afirma: “a violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano, não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala” (Lacan, 1998b, p. 471). A grande questão é que, nas redes, onde a “fala” é claudicante, aquilo que já nos põe em contato com o vazio, a saber, a linguagem. Desse modo, o ódio, advindo dessa conjuração das ausências, transborda e o resultado é a violência presente no discurso de ódio, que encontra na “fala” (postagens), sua única via de escoamento.

É no dizer que se fura a cólera, o ódio; é o bem-dizer que o faz; contudo, o discurso de ódio consiste justamente em se utilizar do dizer para se obter o gozo do ódio. Talvez seja, justamente, o dizer, conforme consideraremos adiante, errante, o dizer endereçado a um outro que não se presentifica e que, portanto, não preenche os critérios imaginários que nos permita identificá-lo ou percebê-lo como esse outro, tomando-o como um ausente, que nos coloca frente a frente com a nossa impossibilidade da completude, com a presença do vazio, mencionado por Lebrun.

Esse vazio, que nos impõe um menos-de-gozar (Lebrun, 2008), entra em rota de colisão com o mundo concreto, a sociedade atual, em que o mais-de-gozar é a norma. O imperativo é o do gozo, a sociedade pautada pelo modo de produção capitalista possui esta premissa: compre; consuma; tudo lhe

¹¹ Aliás, a própria palavra “algozes”, parece dizer all – em inglês, idioma fortemente misturado ao português nas redes; + gozes, goze: “gozem todos!”, um imperativo de gozo, que se coloca nos tempos atuais e que fez com que o termo saltasse durante a escrita desse trabalho.

é permitido, basta querer. Mas se no âmbito do *outro*, não existe a possibilidade consumo, porque é impossível se consumir a alteridade, é preciso que se encontre outro meio de gozo para que a máquina consumista/capitalista continue funcionando e gerando dividendos para as corporações, o do ódio, quiçá.

Rinaldi (2018, p. 37) diz que as novas (não mais tão novas assim) formas de comunicação por meios digitais se dão a partir dos encontros na virtualidade e isso engendra um novo tipo de laço, que “[. . .] prescindem da presença e favorece o anonimato [. . .] articulam-se fundamentalmente pelo princípio da identificação, e as conexões fazem-se entre semelhantes, que compartilham principalmente imagens e signos”; então conclui haver uma primazia do imaginário, colocando o simbólico e o real na marginalidade. À vista disso, o imaginário acentua-se e então manifesta-se o ódio.

No caso do *Twitter*, há uma especificidade, trata-se de uma plataforma cujo o objetivo não é a ligação entre indivíduos por meio das identificações padrão que vemos nas outras redes (*hobbies*, preferências musicais, lugares, comidas, etc.). Nessa rede, o elemento que se torna o fator de decisão se irei me associar a esse ou àquele perfil é um dito (ou uma série deles), que, via de regra, chega na forma de um comentário curto sobre algo. Qual seria o efeito então, de uma rede social que a imagem está elidida, consistindo geralmente em um pequeno ícone ao lado da publicação e igualmente posicionado próximo ao botão de “seguir”? Que signos ou significantes identificatórios não são alcançados tão facilmente? Em que os sujeitos estão à deriva em um mar de informações, de ditos que costumam se encerrar em cerca de 150 caracteres? Em que a única forma de identificação possível é através do discurso comum?

Lacan (1979, p. 316) nos ajuda a responder: “O ódio se reveste no nosso discurso comum de muitos pretextos, encontra racionalizações extraordinariamente fáceis. Talvez seja esse estado de floculação difusa do ódio que satura em nós o apelo a destruição do ser”.

Esse discurso comum, raso, à deriva, encontra-se com o discurso tecno-científico e com o discurso capitalista e é em torno dessa relação ternária, permeada pelo ódio ao diferente, ao estrangeiro, que surge o novo laço que Rinaldi (2018) menciona, a saber: o laço social “sob a vigência do discurso capitalista em sua copulação com o discurso técnico-científico” (p.36).

Porém, cabe notar que, nas redes sociais, todos podemos nos considerar estrangeiros; a rede social digital é um ambiente em que os limites geográficos (ou de qualquer tipo) estão ofuscados; pode-se ser de qualquer lugar e, ao mesmo tempo, de lugar nenhum. O caráter temporal também assume

contornos próprios, na rede não importa se é dia ou noite, ela estará sempre “aberta”. Somem-se a tudo isso, interações submetidas a uma regra característica dessa rede que exige que o sujeito se expresse em 150 caracteres. O que daí resulta, a nosso ver, são exatamente interações, não relações, mas interações que não permitem compreender, apenas ver e concluir¹². Assim sendo, ao prescindir do momento de compreensão daquilo que está sendo dito, o simbólico fica prejudicado e a possibilidade maior é o erro.

Na rarefação do discurso, das referências temporais e geográficas, os sujeitos pulam de comentário em comentário se deparando com “estrangeiros” (e com um próprio “eu-estrangeiro”) oriundos de um lugar que não faz borda, não provê identificação, isto é, não possibilita aos usuários desenvolverem qualquer senso de pertença com base em atributos identificatórios. A um ambiente que reúne essas características, empregamos o termo de “não-lugar”, seguindo a caracterização feita por Augé (2018) e que iremos explorar adiante; é no não-lugar que vemos um sujeito em estado contínuo de inércia, incapaz de constituir sentidos, que apenas vaga **errante**, tendo encontrado no ódio (ou seu gozo) uma possibilidade, suposta, de existência.

¹² Fazemos aqui uma referência ao tempo lógico de Lacan (Lacan, in: Escritos)

3 O ERRO, O ERRAR, O VAGAR. . . UMA ERRÂNCIA DIGITAL?

Não há dúvidas de que o sujeito atual vive em mal-estar, já nos mostrava (Freud, 1931, p.29) em sua obra “O mal-estar na civilização”: “parece fora de dúvida que não nos sentimos bem em nossa atual civilização [. . .]”. Freud desenvolve essa afirmação dizendo que esse mal-estar advém das restrições impostas aos indivíduos pela sociedade e pela cultura. Tais contenções seriam necessárias para o ordenamento e manutenção dos vínculos sociais, de forma que cada indivíduo precisa trocar um quinhão de liberdade pela condição civilizatória, a fim de evitar um retorno ao primitivo.

Descobriu-se que o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe, em prol de seus ideais culturais, e concluiu-se então que, se estas exigências fossem abolidas ou bem atenuadas, isto significaria um retorno a possibilidades de felicidade. (Freud, 1931, p. 28)

Na condição de neuróticos, submetidos ao inconsciente, encontramos possíveis caminhos para darmos significado a essa sujeição, caminhos que o senso comum chamaria, talvez, apenas de “erro”. É no erro que encontramos abrigo durante as fugas dos ditames normativos (ou normalidade). Soares (2016, p. 25) citando Guy Briole em seu artigo *L’erreur et le malentendu* (2011), diz: “o erro liberta da tirania do normal”.

No texto do sonho, nos atos falhos e nas técnicas de elaboração dos chistes, a interpretação psicanalítica procura descobrir o sentido escondido de nossos desejos inconscientes e recalçados ou, de modo mais exato, procura reestabelecer um sentido lá onde parecia que ele não existia. (Z. Rocha, 2019, p. 169)

A obra freudiana sempre teve espaço para o erro; o ato falho, por exemplo, é um deles. Pinçamos esse exemplo por ser bastante amplo, posto que o ato falho pode acontecer na fala, na escrita, no sonho e acontece não apenas na troca de um termo por outro, revelando algo que estava recalçado, mas também no esquecimento. Ato falho, em alemão, de acordo com Z. Rocha (2019, p.142), é definido pela palavra *Fehlleistung*, que significa “algo que falhou”. Fica mais interessante quando ensaiamos uma taxonomia do termo: *Leistung* significa trabalho, ação, enquanto que *Fehl* “é o radical do substantivo Fehler (**erro, falha**) e significa errado, falho [. . .]“ [grifo nosso].

Curioso perceber que, apesar de originalmente nomear esse fenômeno com algo que remete à falha, é através dessa falha, do equívoco, que Freud nos aponta uma das vias para explorar o inconsciente, tece inúmeras interpretações acerca de seus pacientes a partir daquilo que se expressa pelo equívoco - *erro* - (chiste, ato falho), não só indicando a possibilidade criativa nele contida, mas também demarcando, embora não de forma explícita, em um construto, como nossa vida é permeada

pela condição de “errantes”.

Essa condição é a que nos põe na posição de não podermos alcançar uma verdade integral, radical, sobre qualquer coisa, não obstante, não serem antagônicas, pois a verdade é sempre meio-dita, como nos lembra Soares (2016, p.25) a partir das proposições lacanianas: “o erro não se opõe a verdade, pois é sua condição, a impossibilidade de dizer toda a verdade, esta é sempre meio-dita. É da divisão do sujeito que se trata, de sua desarmonia, sua falha estrutural”.

A verdade é que não se pode dizê-la, já que ela só pode se *meio-dizer*. A verdade não se funda, acabo de dizer, senão na suposição do falso: ela é contradição; ela não se funda senão sobre o *não*; seu enunciado não é senão a denúncia da não verdade. E não se diz nada senão pelo *meio*, *digamos*, *a palavra*, *ela é* mi-mética. (Lacan, 2016, p. 110)

O *erro* está intrinsecamente ligado ao sujeito, visto que é condição indissociável do inconsciente e se “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1996, p. 25), podemos inferir, através da lógica (tão cara a Lacan), que o *erro* também está presente na linguagem. É no equívoco da linguagem que reside boa parte da sua riqueza e por onde se apresenta o inconsciente.

Até aqui, tratamos o *erro* de forma isolada e atômica; mas se faz necessário observá-lo, para além de um substantivo, na condição de movimento, enquanto verbo, na ação do errar.

A passagem do substantivo ao verbo denota o movimento, o deslocamento. Esse sentido também é encontrado nos dicionários. O dicionário (Houaiss, 2015) define errar como: “incorrer em erro, em engano”; outra definição, contudo, diz: “andar sem rumo certo; vaguear, percorrer”; embora não prescindamos da primeira, é a segunda que ressoa com mais força no contexto desta pesquisa.

A errância não é um conceito estruturado e delimitado na obra lacaniana (nem na freudiana), apesar de que o *errar*, o equívoco, o mal-entendido, têm fundamental importância, como mencionamos. Encontramos a errância de forma mais significativa no Seminário XXI, em que já no título, Lacan nos lança ao equívoco, conforme retomaremos a seguir.

3.1 Les non-dupes errent [Les noms-du-père]

É assim que Lacan nomeia seu seminário em 1973-1974. O título original possui uma riqueza fonética cuja tradução para o português não consegue trazer consigo, que é a homofonia de *Les non-dupes errent* [Os não-tolos vagueiam¹³] com *Les noms-du-père*¹⁴ [Os nomes-do-pai]. Com isso,

¹³ Esta tradução segue a edição e impressão do seminário feita pelo Espaço Moebius. Tradutoras: Leticia Fonseca; Fátima Vilar; Maria Lucia de Queiroz e Nanete Zmery Frej

¹⁴ Ao fazer esse jogo de palavras e sons em seu seminário, Lacan “brinca” com a situação de retomar algumas questões sobre “o-nome-do-pai” ou “os-nomes-do-pai”, tema que havia decidido não mais abordar em razão de desacordos com

Lacan, já no título, nos introduz à questão dos diferentes saberes, pois, a partir deste ardil fonético, demonstra haver um equívoco intrínseco na língua falada ou escrita que nos leva a sentidos diferentes, ao mesmo tempo que podemos apenas sermos lançados nas equivocidades e conseqüentemente, no *erro*.

A partir dessa homofonia, também podemos afirmar a mobilidade dos significantes - aquilo que para alguns fala dos não-tolos, para outros referenciará os nomes-do-pai.

O significante se movimenta constantemente, está sempre se deslocando, visto que não há como encontrar um significado último. Se o sujeito é o que é representado por um significante para outro significante, podemos depreender que o sujeito está sempre em movimento ou para nossos propósitos, sempre em errância. (Soares, 2016, p. 57)

Na primeira lição desse ensino, Lacan (2016, p. 23) faz uma explanação a partir da nomeação do seminário, compara a similaridade fonética do título à mesma que acomete as palavras *erra* e *errar* e acrescenta:

errer resulta da convergência de *error*, [*erreur*], com algo que não tem, estritamente, nada a ver e que é aparentado com este *erro* do qual falava há pouco, que é estritamente, a relação com o verbo *iterare*. *Iterare* (*e mais que isso! pois, se só fosse isso, não seria nada!*) *está aí, unicamente, por iter*, o que quer dizer *viagem*. Ébem por isso que o cavaleiro *errante* é simplesmente um cavaleiro itinerante.

Simplesmente, *errar* vem de *iterare*, que não tem nada a ver com uma viagem, pois isso quer dizer *repetir* (*de iterum, re-*)! Entretanto, a gente não se serve deste *iterare* senão para o que ele não quer dizer, isto é *itinerare*, como o demonstram os desenvolvimentos que foram dados a este verbo *errar*, no sentido de errância, quer dizer, fazendo do cavaleiro *errante* um cavaleiro itinerante.

Neste excerto, há o que vimos de mais essencial na tentativa de demarcar a errância; ao relacionar a etimologia de *errer* com *iterare*, que remete à repetição e explicitando na etimologia desse último que o radical *iter-* significa viagem, podemos reorganizar e pensar a errância como *um erro que se repete durante a viagem*. E é desse erro que Lacan nos faz tributários e que aponta que aqueles que dele (do erro) se pretendem não-tolos, esses, vagueiam.

O vaguear a que se refere nos sinaliza um percurso alienante, pois esse não-tolo, assim como todos nós, também está inserido e submetido às leis da linguagem, conseqüentemente aos equívocos que dela decorrem e, inexoravelmente, ao desejo. Todavia, ao não se deixar ser tolo (do inconsciente) e resistir à errância do desejo, como se algum controle tivesse, incorre no erro, já que, não obstante, não podendo alcançar e descobrir em termos precisos qual o nosso desejo, é justamente a busca dele que nos põe em movimento. É a fantasia de saber o que quer de nós o Outro que nos indica o suposto

a instituição psicanalítica a qual pertenciam.

“caminho”, do contrário, apenas vagariamos.

O erro é condição do inconsciente e é dele que devemos ser tolos, “o erro daqueles que se pretendem *non-dupes* do inconsciente, que não se esforçam para colar nele, para os quais a vida não é senão uma viagem, a vida é aquela do *viator*” (P. Barros, 2015, p. 119).

Dentre as acepções em francês do *erre*, há uma que aumenta a relevância do termo; “*erre*” é uma palavra presente no domínio dos termos náuticos e quer dizer o movimento residual que uma embarcação mantém ao ter a propulsão mecânica cessada, conforme menciona Fonseca (em Lacan (2016, p. 6)). Nesse âmbito, a tradução que melhor dela se aproxima é “à deriva”.

Estar à deriva implica em dois caminhos que recorremos à P. Barros (2015, 119) para melhor explicar:

Baseando-nos na alusão ao movimento do navio, poderíamos dizer que ser *dupe de l’erre* da metáfora implica um consentimento, um direcionamento no trajeto impulsionado pela operação do Nome-do-Pai; *être dans l’erre* remete a *iterare*. Por outro lado, ser *non-dupe* implica um desvio no *erre* da metáfora, remetendo a *itinerare*, no sentido da errância.

Encontramos aqui a distinção dos *erres*, em que, por um lado, o sujeito segue em um movimento de deslizamento significante orientado pelo seu desejo (que não será jamais conhecido), que atua como possibilidade e potencial de devir, a potência criativa na vida; por outro, mantêm-se na “vida do *viator*”, apenas “errando”, sem jamais encontrar um ponto de balança, algum significante que desvele sentido e que possibilite criação.

Esses que se pretendem não-tolos “estão duplamente enganados, porque, mesmo sendo, como todos os sujeitos, determinados pela estrutura inconsciente, posta em evidência por Freud, agem como se não fossem enganados por ela”(Soares, 2016, p. 70).

É na posição de não-tolos que, aparentemente, muitos se colocam nas redes digitais. Não-tolos do inconsciente e cada um, portador das verdades que escolheu, não percebendo que “[. . .] há sempre, por trás, um desejo, uma intenção, como se diz” (Lacan, 2016, p. 26). Vagam em um ambiente carente de referências em que as identificações estão enfraquecidas e as alteridades são rejeitadas, impossibilitando qualquer “achar-se”, justamente porque esse ambiente, a nosso ver, consiste num *não-lugar*.

3.2 As redes sociais como um não-lugar, a errância *by default*

Que a internet não possui fronteiras, está posto. Não é possível situar um usuário, por exemplo, em relação a sua origem, etnia, língua ou qualquer característica do tipo apenas observando-o do

ponto de vista lógico-computacional; ali, ele é apenas uma sequência de código binário interpretada pelos sistemas computacionais como um agente. De maneira análoga, as redes sociais digitais seguem a mesma “técnica”, apenas examinando os usuários enquanto “@usuario”¹⁵, não se conseguindo apreender suas características mais naturais, que nos ajudam a tornar o outro inteligível para nós.

Para Pierre Lévy (1996), estaríamos vivendo um processo de virtualização; já na época em que lançou seu livro “O que é o virtual”, estaríamos, para ele, enfrentando essa mudança paradigmática. Vinte e sete anos após esse lançamento, podemos afirmar que já consolidamos esse movimento.

Virtualizar-se implica em “descobrir uma questão geral a qual [uma entidade] se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão em particular” (Lévy, 1996, p.7). Nossas realidades, pontos de partida, referências, estão absolutamente diferentes daquelas de outrora e diferente também está nossa (in)compreensão do outro. A maneira como os encontros se dão (ou não se dão) nas redes sociais digitais, nos força a isso; o problema reside no fato de que não mais encontramos pontos de chegada (ou parada). A vida digital torna-se, assim, cada vez mais, um contínuo estado de trânsito.

Lacan (2016), na primeira lição do seminário XXI, afirma que o sujeito decifra o inconsciente por ser falante, sendo, aliás, forçado a isso, pois faz parada quando encontra um sentido. O que acontece, então, se não conseguirmos encontrar esse ponto de parada, fato corriqueiro na virtualização e levado a cabo nas redes sociais?

A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema: ela transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica. Com isso, a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor. Se a virtualização fosse apenas a passagem de uma realidade a um conjunto de possíveis, seria desrealizante (Lévy, 1996, p. 7).

Nesse processo de fluidificação, estão inclusas as nossas referências mais essenciais. Naturalidade, tempo, referências morais e tantas outras que, no ambiente virtualizado, tornam-se opacas e lançam os sujeitos “ao mar”; no ambiente virtual, “seus elementos são nômades, dispersos, e a pertinência de sua posição geográfica decresceu muito” (Lévy, 1996, p.8), quando, nesse mar, estamos desterritorializados. Assim “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário” (p.9).

¹⁵ É sabido que a grafia de “usuário” é acentuada, contudo nos ambientes digitais não são utilizados sinais gráficos como acentos e cedilha em diversas aplicações, por isso aqui suprimimos tal sinal.

A desterritorialização a que vimos nos referindo no início deste tópico, nos faz, no ambiente virtual, “não-presentes”¹⁶, ela nos põe em trânsito constante, no sentido mais amplo (os sujeitos estão sempre passando de postagem em postagem, sem que nenhuma lhe capture a fim de possibilitar qualquer elaboração maior acerca do que está lendo). Porém, quando pensamos que estamos “não-presentes”, geralmente pensamos na perspectiva do indivíduo que não está onde supostamente deveria habitar. E qual a perspectiva do lugar?

As características que Lévy traz ao definir o virtual ou a virtualização, nos impulsionam na direção de outro pensador: Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês. Augé escreveu um livro chamado: Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Em seu livro, não aborda questões tecnológicas diretamente, no âmbito que estamos tratando aqui; contudo, suas acepções acerca dos lugares (ou não-lugares) vêm ao encontro do que estamos expondo para nos ajudar a pensar aquilo que mais à frente chamaremos de “errância digital”.

Augé nos traz o entendimento de que o mundo indubitavelmente está em transformação; a forma como percebemos o tempo é uma dessas características em mutação e, para alguns, o tempo não é mais um critério de inteligibilidade (2018); não só isso, mesmo os processos de identificação estariam prejudicados. A própria história está acelerada, fatos ocorrem diariamente sempre flertando com a iminente mudança de toda ordem estabelecida. Diante disso, o ser humano se vê “perdido” num mundo superabundante. Lembremo-nos, Augé está tomando como ponto de partida o mundo físico, concreto, e não o virtual/digital.

Ao articularmos o que disse Augé com o mundo digital, a relevância de suas observações são elevadas a enésima potência. O sujeito do mundo digital está a todo tempo em contato com *tera* ou *petabytes* de imagens, vídeos e informações, fatos, contra-fatos, verdades e inverdades, ditos que suplantam os interditos; referimo-nos aqui à questão anterior da internet como um ambiente cuja interdição encontra dificuldades e isso traz problemas, pois se trata do excesso que paralisa os sujeitos, prejudicando suas identificações e as possibilidades de laço, o que nos remete ao que Bonomo (2021) chamou de *identificações hiperdinâmicas*.

Pelo fato da perda da referência da tradição, é, portanto, primeiro, com um relativismo generalizado que lidamos; e, já que tudo se equivale, não há mais meio de dar o devido valor regulador à diferença de lugares; portanto, é a um momento senão de caos, em todo

¹⁶ Levy, ao articular a ideia da “não-presença” está citando Michel Serres que em seu livro Atlas, faz um contraponto ao *Dasein* heideggeriano acerca das características que conferem o caráter existencial ao ser humano, Levy pontua que ao tratar do tema do virtual, Serres diz que mesmo estando não pertencendo a um lugar específico, frequentando um espaço que não se coloca fisicamente ou ainda, não havendo corporeidade presentificada, a existência está garantida.

caso de turbulência generalizada que assistimos, cada um tentando constituir uma escala de valores a partir de suas próprias referências, mas, como estas são diferentes das do vizinho, o empreendimento se mostra senão inútil, em todo caso problemático (Lebrun, 2004, p. 151)

As identificações hiperdinâmicas, tal qual mencionou Bonomo, se aproximam mais do que vemos no mundo digital e seriam mais coerentes com o que diz Augé, pois nelas o sujeito está sempre *passando* de referência em referência, errando por entre esses significantes assim, sem elaborá-los ou mesmo simbolizá-los.

Essa necessidade de dar um sentido ao presente, senão ao passado, é o resgate da superabundância factual que corresponde a uma situação que poderíamos também classificar como uma questão da “supermodernidade”, cuja característica essencial é o excesso (Augé, 2018). É nesse contexto da supermodernidade que Marc Augé cunha o termo “não-lugar”, como sendo a localização para aqueles que estão em movimento sem um “chegar” apropriado:

Os não lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens [. . .] quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta (p.28).

Pensamos, portanto, a internet e as redes como manifestações disso que Marc Augé conceitua como não-lugares. As redes são locais em que, retomando Lévy (1996), fronteiras não estão delimitadas, o tempo é difuso, características culturais não se realizam e, logo, as identificações claudicam; há um excesso de tudo que as permeia, os usuários estão sempre em “trânsito”. O que adicionamos é que esse transitar acontece sem um destinatário preciso, um local de estrangeiros sem origem e sem porvir conhecido; *Errância by default*¹⁷.

Usar o termo “estrangeiro”, como fizemos no parágrafo anterior, pode parecer um pleonismo, mas é a essa condição que somos lançados uma vez nas redes. Estrangeiros em um não-lugar, onde não há borda ou contenção, apenas um mar de significantes em que significados são dificilmente alcançados, e com uma característica mortificante: os significantes são tomados por axiomas, aproximando esses estrangeiros dos *non-dupes*.

São estrangeiros de não-lugares, não conseguem enxergar características que os aproximem uns dos outros, que viabilizem reconhecimentos de si e das alteridades, e o são porque são também exilados do íntimo, conforme chamou Segers (em Barros, 2015, p.117), um sujeito que:

¹⁷ A utilização do estrangeirismo “*by default*”, que quer dizer “por padrão”, em tradução livre, é uma alusão ao estado contínuo de vagar nas redes sociais que mais parece ser o modo padrão de funcionamento dos sujeitos no mundo digital.

exposto a rupturas com sua cultura de origem, encontra-se sem o Outro que possa compreender os significantes fundamentais de sua origem. Há uma perda não simbolizada da palavra que faz dos exilados “viajantes sem viagem”, migrantes num “vazio de referências comuns” (Segers, 2008, p.91), delineando a errância como um exílio mais radical [. . .]

“*Errare humanum est, sed in errore perseverare dementis*”¹⁸ [errar é humano, mas perseverar é insensatez]. Os *non-dupes* digitais perseveram, navegam¹⁹ sem encontrar nada que os faça “parar”. O termo “navegar” então acaba ressoando mais como um (na)vagar. Erram, ao serem *non-dupes do l’erre* da metáfora, mantendo-se na “vida do viator” (Lacan, 2016), em uma errância radical. Radical porque constitui-se como o modo essencial, aquilo que está na raiz e que surge como razão para o não estabelecimento de vínculos virtuosos ou mesmo o rompimento destes, colocando em xeque o próprio laço social, rompem-se porque esses a quem chamamos de *não-tolos digitais*, se fundamentam em supostas e pretensas verdades absolutas (como veem os seus escritos), negam-se a serem tolos da linguagem, da estrutura, sendo esse o laço que “só se rompe para que o sentido desapareça” (Lacan, 2016, p. 91). Os não tolos digitais, são os sujeitos subordinados ao discurso do capitalista, que têm seus significantes mestre (S1) posicionados no lugar da verdade e ao outros só resta o lugar de objeto, pretendem-se os *falasseres ideais*, portanto, evitam o reconhecimento do equívoco inerente ao inconsciente e assim, suspendem o deslizamento metafórico.

Cada indivíduo digital, enredado por um dizer ao qual responde com o ódio, o faz baseado em uma crença de que o que outro “afirma” em sua publicação é falso, não se dispendo, porém, a dialogar ou apenas questionar, faz um ataque à pessoa. Com esse ataque, no momento em que a publicação recebe algum destaque por se conectar à bolha oposta, vêm junto inúmeros outros que engajam naquela interação e passam a atacá-la também. Essa repetição do *modus-operandi* e o prazer em ver o outro ser achincalhado é o que apontamos como o gozo do ódio nas redes sociais. Quando a publicação perde a audiência, pela efemeridade da rede em manter algo em destaque, não resta nada senão os afetos mortificantes.

¹⁸ Frase atribuída ao filósofo Sêneca, mas não encontrada em seus escritos.

¹⁹ Na internet, o termo navegar define o ato de acessar diversas páginas virtuais, vagar em busca de conteúdo que lhe interesse, sem que necessariamente haja um objetivo definido previamente.

3.3 Entre um rosto e um retrato, o *Real* e o abstrato, entre a loucura e lucidez. . . : considerações sobre o RSI e o nó borromeano.

Na introdução deste trabalho, fazemos menção, a partir do quarto parágrafo, ao conceito de Real, Simbólico e Imaginário (RSI) de Jacques Lacan. É importante retomar aqui, pois uma possibilidade que enxergamos, é de que essa forma de estar na rede, em que os afetos são permeados pelo ódio e que as alteridades são percebidas como ameaças, decorre da hipótese do encontro traumático com a linguagem (Lebrun, 2008). Em adição às dificuldades de se lidar com a castração imposta pelo outro ao tornar visível para aquele indivíduo que ataca nas redes, que ele não é possuidor da verdade ou que sua verdade não é unívoca, ele não é possuidor do *falo*. Esse fato, em um ambiente que suscita o gozo livre, parece incidir sobre os três registros ao qual Lacan se refere e sobre os quais falaremos a seguir.

Real, Simbólico e Imaginário são três registros extraídos por Lacan da obra freudiana (Jorge, 2016), os quais nomeou e os anunciou no discurso proferido por ocasião da fundação da *Société Française de Psychanalyse*:

De modo que, em resumo farei talvez, incidentalmente, uma breve alusão, mas tratarei sobretudo de simplesmente dizer algumas palavras sobre a exposição de um tal problema: sobre o que quer dizer o confronto desses três registros que são os registros essenciais da realidade humana, registros muito distintos e que se chama: o simbólico, o imaginário e o real. (Lacan, 1953)

Esses três registros irão atravessar todo o ensino de Lacan, tendo início já no Seminário I - Os escritos técnicos de Freud e sendo reestruturados algumas vezes até culminarem em um seminário específico, o XXII - RSI. Durante o seminário anterior, o XXI - Les non-dupes errent, Lacan desenvolve a ideia de que os três registros têm “força” equivalente, não havendo primazia entre eles, organizando-os na forma de três anéis que se entrelaçam de tal modo que, somente estando os três é que se mantém a estrutura como um todo, formando um nó borromeano.

Para Lacan, a estrutura a ser mantida é a da ordem simbólica do sujeito, dada pelo enlaçamento do RSI, em que não só os três registros estão envolvidos, mas há também, na interseção dos três, a presença do objeto *a*, como o objeto causa de desejo. Vale dizer que, na construção lacaniana, o Real não é a realidade, mas justamente aquilo que escapa da simbolização, o impossível de se nomear; é aquilo que na análise traz a surpresa, que não encontra lugar na narrativa do indivíduo, mas que, mesmo assim, insiste em voltar. O simbólico está no campo da representação, aquilo que está no lugar de algo, ainda que não se saiba o que é esse algo. A língua (idioma), por exemplo, encontra abrigo no simbólico,

as palavras são *símbolos* que representam o que não se faz presente. Por último, o imaginário, não diz respeito ao que é imaginado, mas às imagens, o que ganha corpo, a partir do que é falado ou idealizado.

A teoria acerca do RSI nos serve de esteio no que diz respeito ao nó borromeano e sua relação com a dinâmica das redes sociais digitais. Em relação ao discurso de ódio, é possível que a forma de (não) relação nas redes consista minimamente em um esgarçamento do entrelaçamento do nó. Esse sujeito das redes, ao se deparar com um outro incognoscível, que diz coisas que contradizem suas certezas, é lançado ao Real e não encontra a mediação do Simbólico, sugerindo uma ligação entre Real - com uma valência maior deste - e Imaginário em oposição ao Simbólico, a abstração necessária para que seja possível uma simbolização que os mantenha no campo da civilidade, supomos. Em um ambiente em que imperam as imagens, mas que não fazem corpo, tudo se transforma em um retrato borrado que reforça essa incognoscibilidade, é aí que resgatamos a fala de Lacan (2016, p. 65): “é que, quando uma das dimensões lhes escapa por uma razão qualquer, vocês devem tornar-se, verdadeiramente loucos”.

O título deste tópico refere-se a uma música da banda gaúcha Engenheiros do Hawaii, fizemos alguns recortes da letra, em que ela diz o seguinte:

Entre um rosto e um retrato, *o real* e o abstrato, entre a loucura e a lucidez, o uniforme e a nudez [. . .] eu me sinto um estrangeiro, passageiro de algum trem, que não passa por aqui e que não passa de ilusão. Entre mortos e feridos, entre gritos e gemidos, a mentira e a verdade, a solidão e a cidade [. . .] Entre a minha boca e a tua, há tanto tempo, há tantos planos, mas eu nunca sei, pra (sic) onde vamos. (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1987)

A interpretação de uma obra artística depende daquele que se depara com ela, nesse caso, encontramos sentido e relação não apenas no uso explícito da palavra “real”, mas, no contexto das redes, pode-se suspeitar a queda na capacidade de abstração, em outras palavras, da metáfora, demarcando uma falha do simbólico. “O uniforme e a nudez; eu me sinto um estrangeiro”, o estrangeiro a que se referem os autores, faz referência ao Estrangeiro de Albert Camus, que aqui atribuímos aos indivíduos das redes, os quais, desterritorializados, são todos estrangeiros, ou se percebem assim. “Entre mortos e feridos, entre gritos e gemidos, a mentira e a verdade, a solidão e a cidade”; não é isso que temos encontrado? Gritos, pelas vociferações; gemidos daqueles que sofrem com os ataques de ódio, a verdade de uns, que, por inferência lógica, supõe a mentira dos outros. . . essa parece ser a dinâmica do discurso de ódio nas redes. Finalizamos o excerto com “mas eu nunca sei, pra (sic) onde vamos”, em nosso entender, o trecho remete ao *errar* no seu formato mais autêntico.

Tudo isso, com um sujeito sob a égide do Real, que não reconhece o rosto frente ao retrato, que

não é capaz de simbolizar aquele “retrato” como havendo um corpo por trás e que, portanto, pode destruir como se fosse um pedaço de papel fotográfico. “O Real é um lugar ao qual sempre se retorna como alguma coisa de estritamente impensável, da ordem de um impossível ao qual o sujeito não tem acesso” (Capanema & Vorcaro, 2017, p. 390). As autoras mencionam ainda o gozo do dizer, existente no Simbólico e a necessidade do Imaginário para se ler além do escrito, de forma que seja possível a apreensão dos significantes; mas diante do Real fortalecido, em parceria com o Imaginário e com a Mediação claudicante simbólico, o que pode restar aos que se veem mutuamente como estrangeiros? A nossa hipótese é que, na rede, esse resto trata-se do gozo do ódio.

Daí a importância do nó borromeano, conforme ressaltado por Lacan. O nó, no entanto, com enlaçamento perfeito constitui uma concepção impossível, já que se perfeito fosse, resultaria em um sujeito sem falhas (Lacan, 1974), “o falante ideal” (Capanema & Vorcaro, 2017, p. 391). Sabemos que esse sujeito não existe, pois o neurótico sempre terá seus equívocos, intrínsecos ao inconsciente, todavia, o que Lacan não poderia prever, tal qual vemos hoje, era um sujeito que integra um ambiente que fluidifica as referências temporais e identitárias como o faz as redes sociais digitais e que, junto a isso, o *locus* digital, tende afetar o enlaçamento do RSI, deixando ao indivíduo um Real superlativo em parceria com o Imaginário frente ao Simbólico ofuscado.

3.4 Os não-tolos navegam: a errância, os ódios e as vociferações nas redes digitais

Antes de seguirmos adiante e fazermos as devidas articulações do tema da errância com as redes sociais, achamos por bem fazer um pequeno desvio para trazermos à luz a questão da voz e das vociferações, já que articularemos tal conceito à maneira como o discurso de ódio circula na rede. Ao mencionarmos a voz, nos referimos mais especificamente à pulsão invocante e seus desdobramentos. Julgamos necessária essa explanação, visto que, nas redes digitais, a voz (fonada) não é algo comum, porém, no que se escreve (se publica), as vociferações são fatos cotidianos.

3.4.1 Uma curta digressão: a pulsão invocante e seus desdobramentos nas redes sem voz

A pulsão invocante - ou vociferante, às vezes - foi nomeada por Lacan, o primeiro a tê-la identificado e situado o objeto voz como pulsão, no decorrer do seminário VI - O desejo e sua interpretação, mais precisamente na lição vinte e um (Vives, 2009) (Porge, 2015). A posição de destaque da voz vinha se desenhando de momentos anteriores, porém foi nesse seminário que acrescentou esse

objeto à lista de objetos *a*, a saber: o seio, as fezes, a voz e o olhar.

Se o significante, portanto, é um vazio, é por atestar uma presença passada. Inversamente, no que é significante, no significante plenamente desenvolvido que é a fala, há sempre uma passagem, isto é algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados, e que por natureza são fugazes, evanescentes. É essa passagem de um para o outro que constitui o essencial do que chamamos de cadeia significante. Essa passagem, como evanescente, é justamente o que se faz voz - nem sequer digo articulação significante, pois é possível que a articulação continue enigmática, mas o que sustenta a passagem é voz (Lacan, 1998b, p. 355).

Lacan, nessa citação, a título de exemplo, no seminário V, traz a voz como algo diferente do significante, pois ela está entre-significantes, é a voz que possibilita a passagem de um a outro, reafirmado por Porge (2015, p. 34): “ela [a voz] é um resto não redutível ao significante, mas essencial a sua articulação na medida em que sustenta a passagem”.

Mas, por que trazer a voz justamente em um tópico cujo título menciona “as redes sem voz”? Existem duas razões imediatas: a primeira, que inaugura este capítulo, fala das vociferações, enquanto um desdobramento possível da voz do qual falaremos à frente; a segunda é o que apontamos em outro estudo, Fontes & de Fátima Vilar de Melo (2020), dizendo que não devemos considerar como voz apenas o que é sonorizado, mas trata-se da voz do sujeito do inconsciente, aquela que viabiliza “o ato de fala, fazendo do inconsciente o lugar da enunciação” (p. 17). Nesse sentido, concordamos com Porge (2015, p.37), ao considerar que, tendo Lacan promovido a voz ao lugar de objeto *a*, este “não tem imagem especular e ele também se desgruda das representações que temos dele [. . .] a voz não é necessariamente auditiva, sonorizada. O sonoro é uma imaginarização da voz”.

Nas redes sociais, em especial no *Twitter*, o código utilizado é, na quase totalidade, a escrita, portanto, não há que se falar em vocalização, embora afirmemos que existe voz! Há a voz do sujeito (barrado), os enunciados do inconsciente. O que falta são justamente seus atributos imaginários que existem no mundo físico, facilitando o reconhecimento do outro e de si, falta que faz com que todos sejamos vistos como estrangeiros (de não-lugares). Diante desses estrangeiros, cuja alteridade não é reconhecida, somos lançados no desamparo e no *erro* dos significantes que não fazem estofo. Ambiente propício para o surgimento das vociferações.

Retomemos aqui a pulsão invocante. O circuito da pulsão invocante repousa sobre uma estrutura de três tempos: “ouvir, ser ouvido, se fazer ouvir” (Porge, 2015, p.40). Em cada um deles, há uma relação com Outro, seja ela de demandante seja de demandado, ele sempre será invocado.

O circuito da pulsão invocante se declinará, assim, entre um “serchamado”, um “se fazer chamar” eventualmente, de todos os nomes. . .) e um “chamar”. Mas, para chamar, é

preciso dar voz, depô-la, como depomos o olhar diante de um quadro. Para que isso ocorra, é preciso que o sujeito a tenha recebido do Outro que terá respondido ao grito, que ele terá interpretado como uma demanda. É preciso também que, posteriormente, ele a tenha esquecido, a fim de poder dispor de sua própria voz sem estar saturado da voz do Outro. (Vives, 2009, 330)

Eis aí, rapidamente, o circuito da pulsão invocante, que faz do sujeito um ser desejante, ao receber uma voz, concedida pelo Outro. Pelo circuito da pulsão invocante, conforme colocaram Porge (2015) e Vivès (2009), lembramos que dependemos sempre do Outro para existirmos, sermos validados enquanto uma alteridade e é por meio dele que reconheceremos as demais alteridades. Ele sempre será invocado, conforme colocou Lacan (1996, p. 184): “enquanto o *se fazer ver* [refere-se aqui à pulsão escópica] se indica por uma flecha que verdadeiramente retorna para o sujeito, o *se fazer ouvir* vai para Outro“ [grifo nosso].

Logo, o *se fazer ouvir* surge, inicialmente como uma demanda direcionada ao Outro, estando essa demanda na raiz da nossa constituição enquanto um ser cindido desse Outro, é isso que Vives clarifica. “Se fazer ouvir implica a divisão entre o sujeito e Outro. Divisão que implica em um ganho: a aparição de uma voz, portanto, de um espaço subjetivo próprio - e uma perda, aquela do gozo da ‘Coisa’ que se abrirá pela procura da voz” (Vives, 2015, p.87). A questão é que, nas redes sociais, a pulsão invocante parece operar de uma forma diferente daquela nos momentos iniciais da vida; ali, “o que vemos é apenas texto, um texto que muitas vezes nos remete a vociferação, que não conta com a dimensão imaginária [da voz] para que se demande algum tipo de simpatia ou mesmo empatia” Fontes & de Fátima Vilar de Melo (2020, p. 258)

O que adicionamos é que, na condição de estrangeiros, os indivíduos na rede não reconhecem a alteridade, não atingem significados, ficando cristalizados no *errar*. Não conseguindo estabelecer qualquer vínculo ou identificação, se “conectando” apenas para uma interação, sem que se faça abertura para simbolizações, o que decorre é o intuito de destruição por não possuir repertório para lidar com a diferença. Nisso, ao ver a bolha confirmando esse estranhamento, emerge o gozo com os gritos (marcados pelo ódio) direcionados ao outro, é isso que estamos chamando de gozo do ódio.

3.4.2 As vociferações e as redes

Mauro Mendes Dias é quem define as vociferações como gritos marcados pelo ódio (Dias, 2020), cujos fundamentos seriam a recusa ao diálogo e o impedimento da escuta. Quando fazemos um escrutínio das redes sociais digitais, seja “navegando” a ermo seja utilizando ferramentas de ARS

(Análise de Redes Sociais), como as que foram empregadas nesta pesquisa, confirmamos em muito o que disse Dias; não há diálogo, são apenas falas lançadas no *ciberespaço*, atacando, difamando ou exigindo.

[. . .] a fera humana, pelas vociferações, não fala, ela, no entanto, não deixa de ter voz. Nesse caso, a voz se explicita ao sustentar a relação entre as palavras que, nessas condições, se transformam em imperativos. Mesmo que nas vociferações existam palavras, elas não cumprem mais as leis da fala que, como metáfora e metonímia, permitem o acesso ao sentido, pela substituição e pelo deslocamento do que é dito. (Dias, 2020, p. 21)

É pelo ato de vociferar que o outro, a quem as palavras se dirigem, pode acabar perdendo o interesse de ler o que vem a seguir (quando ele próprio não engaja também no ódio), porque desconfiará que, em essência, são mais ataques. Esse saber, contudo, ainda que não percebido, é reflexivo, ou seja, tanto a vítima quanto o algoz sabem que aquele dito não terá vida longa, visto que, após algumas interações, serão ignorados ou bloqueados²⁰; então, por que insistem? Essa pergunta não é passível de resposta, ao menos não uma única, universal (ainda que tentássemos, lembremo-nos de Lacan (2016, p. 91): “[. . .] são apenas meias verdades [. . .]”), mas algumas possibilidades nos rondam, na forma de novas perguntas: seriam essas palavras dirigidas ao Outro? Ou estaríamos apenas ecoando um discurso de um Outro digital, tendo-o como um novo imperativo superegóico, que nos mantém na errância de um discurso despido de possibilidades *Simbólicas*?

No mar digital, esses indivíduos que gozam do ódio, se assemelham a Ulisses (Odisseia), com a diferença de que, no digital, todos esses cedem aos cantos das sereias e seguem em direção ao gozo mortífero, sendo poucos os que sofrem para “salvar a vida e o regresso dos companheiros”. No poema, Ulisses pede para ser amarrado a um mastro, denunciando seu desejo de ouvir o canto, mas ser *impedido* de segui-lo. Ulisses, após passar dez anos guerreando em Tróia, passa mais de uma década na viagem de retorno. Interessante notar que, no poema, aparece, logo no primeiro canto, o seguinte:

Fala-me, Musa, do homem versátil que tanto vagueou,

depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.

De muitos homens viu as cidades e a mente conheceu;

e foram muitas no mar as dores que sofreu em seu coração

para salvar a vida e o regresso dos companheiros.

²⁰ Ato de encerrar de forma unilateral o alcance do outro. Quando se bloqueia um usuário as publicações deste não mais chegam a quem o bloqueou. Não haverá mais possibilidade de interação a menos que haja o desbloqueio.

(Homero, 2018 (Tradução: Frederico Lourenço), p. 42)

Em outras traduções, também é possível encontrar a expressão “peregrinou” ou mesmo “errou”, no lugar de “vagueou”. Havia, em Ulisses, um desejo de “experimentar perder por inteiro qualquer princípio de limitação” (Dias, 2020, p. 31); todavia, a errância à qual Ulisses estava lançado lhe fazia sujeito desejante, queria experimentar, mas ainda assim retornar, precisando de um *ponto surdo*²¹ (Vives, 2009, 2015) para garantir a defesa ao gozo mortífero existente na melodia das sereias e, por conseguinte, seu espaço subjetivo. A diferença sutil, é que no mar das redes (e em quase tudo que é digital, que está na internet) há componentes estruturais das plataformas que visam garantir a permanência nelas (a rolagem, por exemplo) e têm tido sucesso, o que pode ser validado por pesquisas como a da COMSCORE²². Então os indivíduos entram no “mar”, e gradualmente se perde o discernimento que ressaltamos de Ulisses, de querer ser impedido e poder retornar.

Como mencionamos, na internet, o interdito falha e pululam espaços de não interdição/impedimento; o ponto surdo parece falhar, pois não me ensurdeço frente ao Outro e o vagar ali existente não se constituirá como uma errância do desejo, aquela para a qual me faço *toló*. Os sujeitos se perdem entre significantes de ódio, vociferados, impedindo qualquer possibilidade de elaboração. Reduz-se a metaforização e percebemos a “vigência de um apelo à objetificação, enquanto apelo a abandonar a condição de escolha e ceder a dominância da voz do Outro com seu cortejo de objetos” (Dias, 2020, p. 40). Objetificação do outro que deixa de ser semelhante e torna-se estrangeiro, desconhecido, podendo, nessa condição, ser aniquilado.

Esse outro é alçado à possibilidade de aniquilamento justamente porque é percebido como uma ameaça. O movimento aí é interessante, pois é o outro que convoca à diferença, mas há uma massa que ecoa a suposta condição de unicidade, então, tudo aquilo que foge a essa unicidade, é *resto*, logo, descartável.

Em outros tempos, essa “massa” à qual nos referimos, seria vagarosa em sua formação, já que outrora não existiam os elementos aceleradores das redes, teria dificuldade em se manter pelas

²¹ O ponto surdo é um conceito trazido por Jean-Michel Vives, componente do circuito da pulsão invocante. Nele, Vives argumenta que o infans no tempo *chamar* precisa ensurdecer-se a voz do Outro, para que no advir enquanto falasser, faça emergir sua voz. O momento do ponto surdo marca também o esquecimento do timbre da voz do Outro, embora não haja o apagamento da memória do momento em que aquele decai, é esse esquecimento que faz com que a voz do Outro assuma contornos de objeto *a*, inscrevendo o sujeito na condição desejante.

²² Segundo essa pesquisa o brasileiro tem passado cerca de 46 horas por mês em redes sociais, representando um aumento de 31% do levantamento feito em 2020 e colocando o Brasil como um dos países que mais se consome conteúdo de redes sociais digitais. Fonte: <https://www.convergenciadigital.com.br/Internet/Brasileiro-passa-46-horas-por-mes-em-redes-sociais%2C-31%25-acima-de-2020-62723.html>

dificuldades de comunicação entre os indivíduos e sua mensagem uníssona encontraria barreiras na disseminação. Com as redes digitais, tudo foi facilitado e acelerado, principalmente pela entrada em cena da entidade a que muitos conhecem como “o algoritmo”.

O algoritmo nada mais é que o código-fonte por trás das redes, uma série de instruções codificadas em linguagem de programação computacional, executadas automaticamente e que gera os resultados desejados pelas corporações que detêm a propriedade das redes. A maneira como o algoritmo atua faz com que sejamos organizados (nas redes) por características comuns, o que, se por um lado facilitaria as identificações, por outro, torna cada vez mais distante o outro, gerando bolhas que garantem o sentimento de que “somos todos iguais e detemos a verdade”; assim, o que está fora está errado, por ignorância ou desonestidade.

Nas bolhas formadas, apesar de possuírem um “usuário digital”, o anonimato também autoriza a vociferação, prescindindo da metáfora, a “ausência de particularidade se faz substituir por um discurso e uma posição subjetiva em que aquilo que importa são as crenças e não a verdade” (Dias, 2020, p. 41). A bolha digital possui suas “verdades” e não são passíveis do contraditório, esse é o movimento também descrito por Freud (1920-1923, p.26), a respeito das massas:

A massa é extraordinariamente influenciável e crédula; é desprovida de crítica; para ela, o improvável não existe. Ela pensa por imagens que se evocam associativamente umas às outras, tal como ocorre ao indivíduo nos estados do livre fantasiar, e nenhuma instância razoável afere sua correspondência com a realidade. Os sentimentos da massa são sempre muito simples e muito exagerados. Assim, a massa não conhece nem a dúvida, nem a incerteza.

Freud, nesse trecho, aparece completamente atual ao ser articulado às redes. Esse é o comportamento da bolha, ela não faz crítica, aceita aquilo que legitima o que “pensa”, comunica-se grande parte do tempo por *memes*²³ e, no que diz respeito aos afetos, o odiar (e vociferar) não exige grande complexidade em sua *atuação*.

O gozo do ódio, presente nas vociferações das redes, traz a aspiração, inalcançável, de não lidar com fracassos, de não ser castrado pelo Outro. É na massa (bolha) que “todas as inibições individuais são anuladas e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que dormitam no indivíduo como restos dos tempos primitivos, são despertados para a livre satisfação dos impulsos” (Freud, 1920-1923, p.28).

Aquele gozo traz também o componente imperativo. As falas vociferadas não são apenas ofensas, mas também, ditas como ordem, adquirem a força de lei fazendo com que o indivíduo

²³ O termo *meme* é definido através de uma busca rápida na internet como: uma imagem, vídeo ou frase, cuja origem quase sempre é desconhecida e que se espalha entre diversos usuários rapidamente, alcançando uma alta popularidade.

assujeitado, uma vez desinvestido de crítica, como disse Freud, assumia a posição de juiz e carrasco concomitantemente. Lembremo-nos, por exemplo, da constituição do Terceiro *Reich* Alemão; o *Fuhrer*, ao fazer os seus discursos, tornava-se hipnotizante àquela massa que o assistia; os discursos eram vociferados e capturavam a massa que, a partir dali, se sentia autorizada a perseguir e a matar o povo judeu.

A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente de formatação mais natural, quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito se faz notar. (Klemperer, 2009, p. 11)

As palavras de Klemperer se articulam ao que disse Lacan em relação à errância e potencializa a nossa necessidade de sermos *tolos*, sob o risco de um efeito nefasto quando o indivíduo se coloca como portador da verdade. Um desses efeitos, ao menos em princípio, se mostra nas redes, sob a forma das vociferações.

O que vimos, a partir do campo desta pesquisa, foram demonstrações de como as relações nas redes digitais podem se degradar quando o diálogo está ausente. As possibilidades de produção e escuta tornam-se rarefeitas e as falas ou *posts* são parcas denotações de um mundo particular, que não admite o oposto. São vociferados, na tentativa, talvez, de impor ao outro um discurso que exige a crença, a fé. O resto da recusa desse discurso é ódio, que, por sua vez, é gozado pelo sujeito e por uma série de “outros”, que se colam no aspecto de espetacularização intrínseco às redes.

4 DADOS DE UM CAMPO “MINADO” : ANÁLISE DO QUE NOS TROUXE A REDE

4.1 O campo

Com o crescimento e a popularização da internet, diversos serviços e ferramentas foram inaugurados no ambiente digital. Dado que, para haver um propósito na existência e continuidade da internet, se faz necessária a utilização pelos indivíduos, eles naturalmente começaram a se comunicar e a se *conectar*. Não tardou para que começassem a surgir modelos de organização social coletivos, através dos quais as conexões e as trocas entre as pessoas fossem facilitadas.

As redes sociais digitais são plataformas online que permitem a interação e o compartilhamento de informações, ideias, conteúdos e conexões entre indivíduos e grupos. Essas redes são baseadas na formação de laços sociais virtuais, possibilitando que os usuários se conectem e se comuniquem de maneira rápida e eficiente. O conceito de redes sociais, de forma mais ampla, remonta a estudos sociológicos e antropológicos do século XX, em que estudiosos como Georg Simmel e Jacob Moreno destacaram a importância dos relacionamentos sociais e dos padrões de interação nas sociedades humanas (Recuero, 2017).

Faz-se necessário, tornar explícito que redes sociais e sites de redes sociais, não obstante, intimamente ligados, são distintos entre si. Uma rede social refere-se a um sistema de interconexões entre indivíduos ou grupos, em que as pessoas podem se relacionar, compartilhar informações e interagir por diferentes meios de comunicação (Hansen, Shneiderman, Smith, & Himelboim, 2020) [**tradução nossa**]. Essas redes podem existir tanto no mundo virtual quanto no mundo físico e estão presentes em várias esferas da vida humana, como família, trabalho, escola e comunidade. As redes sociais podem se manifestar por laços de amizade, parentesco, interesses em comum e interações sociais regulares.

Por outro lado, os sites de redes sociais são plataformas online que facilitam a criação e a manutenção de redes sociais virtuais. Esses sites são projetados para permitir que os usuários criem perfis pessoais, adicionem amigos ou seguidores e compartilhem conteúdo com outros membros da rede. Exemplos populares de sites de redes sociais incluem o Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn. Essas plataformas fornecem ferramentas e recursos para que os usuários se conectem, se comuniquem e interajam de maneira rápida e eficiente, ampliando suas redes sociais além das fronteiras físicas e geográficas. Em suma, as redes sociais são as conexões e interações entre as pessoas, enquanto os sites

de redes sociais são as plataformas digitais que facilitam essas conexões e interações online (Hansen et al., 2020; Recuero, 2009, 2017; Wasserman & Faust, 1994a).

O surgimento das redes sociais digitais está diretamente relacionado ao desenvolvimento da internet e das tecnologias de comunicação. No final do século XX e início do século XXI, com o avanço da internet, surgiram as primeiras plataformas que pavimentaram o caminho para as redes sociais digitais modernas. Um dos marcos foi o SixDegrees.com, lançado em 1997, que permitia que os usuários criassem perfis e se conectassem com outros usuários. No entanto, sua popularidade foi limitada e encerrou suas atividades em 2001.

A primeira rede social digital que ganhou grande destaque e sucesso foi o Friendster, lançado em 2002. O Friendster foi pioneiro ao permitir que os usuários criassem perfis, adicionassem amigos e compartilhassem conteúdo em um ambiente virtual. No entanto, sua popularidade diminuiu rapidamente devido a problemas técnicos e à concorrência de outras redes sociais emergentes.

Foi somente em 2004 que o Facebook foi lançado, e sua história de sucesso é amplamente conhecida. Inicialmente disponível apenas para estudantes universitários, o Facebook logo se expandiu e se tornou a principal rede social do mundo. Em setembro de 2021, o Facebook atingiu a marca de mais de 2,8 bilhões de usuários ativos mensais, tornando-se a plataforma de redes sociais mais amplamente utilizada em todo o mundo.

Apesar das diversas redes ainda em funcionamento hoje constituírem um campo quase infinito de informações acerca do humano e suas interações, para nossos objetivos, fizemos um recorte que tornasse mais explícito aquilo que nos propusemos a pesquisar - os discursos de ódio nas redes sociais digitais articulando-os à errância -, razão pela qual elegemos o Twitter (atualmente chamada apenas de “X”) como o nosso campo de coleta.

O Twitter é uma plataforma de mídia social que permite aos usuários compartilhar mensagens curtas e públicas, conhecidas como “tweets”. Criado em 2006, o Twitter rapidamente ganhou popularidade como uma das principais redes sociais do mundo. Os usuários podem postar tweets com até 280 caracteres, que podem conter texto, imagens, vídeos e links. Esses tweets são visíveis para todos os seguidores do usuário, bem como para qualquer pessoa que acesse o seu perfil. Além disso, os usuários também podem seguir outras contas e ver o conteúdo compartilhado por elas em sua linha do tempo.

Em termos técnicos, o Twitter é uma plataforma baseada em *microblogging*, que permite

aos usuários publicar conteúdo curto e em tempo real. A plataforma utiliza uma arquitetura de rede distribuída, o que significa que seus servidores estão espalhados por diferentes localizações físicas, garantindo maior estabilidade e velocidade de acesso. O Twitter também emprega algoritmos e mecanismos de aprendizado de máquina para apresentar conteúdos relevantes aos usuários, como tweets populares ou perfis sugeridos para seguir.

O Twitter pode ser classificado como uma rede social do tipo “seguir-seguir”. Nesse tipo de rede, os usuários têm a liberdade de seguir outras contas de interesse e, ao fazerem isso, recebem os tweets compartilhados por essas contas em sua linha do tempo. Isso permite que as pessoas criem conexões unilaterais, não sendo necessário que ambos os lados concordem em seguir um ao outro. Essa característica contribui para a rápida disseminação de informações, opiniões e conteúdos na plataforma.

O Twitter é um campo relevante para a pesquisa do discurso de ódio devido à sua natureza aberta e pública. Milhões de tweets são enviados diariamente, abordando diversos tópicos, incluindo questões controversas e sensíveis. A facilidade de compartilhamento de conteúdo, a velocidade das interações e a ampla audiência tornam o Twitter uma arena propícia para a disseminação do discurso de ódio. Além disso, a limitação de caracteres em cada tweet pode levar a simplificações excessivas, tornando o discurso mais propenso a ser polarizado e provocativo. Consideramos que a pesquisa no Twitter pode fornecer *insights* valiosos sobre os padrões e as dinâmicas do discurso de ódio, permitindo uma melhor compreensão desse fenômeno e o desenvolvimento de estratégias para enfrentá-lo e promover um ambiente online mais saudável e inclusivo.

Contudo, mesmo elencando apenas uma rede, sua composição de usuários de natureza infinita nos obrigou a fazermos outros filtros, tendo sido necessário que elegêssemos uma abordagem possível e ferramentas que nos auxiliassem a selecionar, coletar e armazenar os dados. Dessa forma, encontramos como possibilidade a Análise de Redes Sociais ou ARS.

4.2 A abordagem e as ferramentas

A ARS é uma abordagem de pesquisa que atua sobre o que é disponibilizado nas redes *online*, desde as mensagens à própria estrutura social que aquele indivíduo (usuário) estabelece na rede. É uma abordagem teórico-metodológica que busca compreender as estruturas e padrões de interação entre atores em uma rede social. Segundo Recuero (2009), em seu livro “Redes Sociais na Internet”, a ARS permite visualizar as relações entre os indivíduos e identificar como a estrutura das conexões

pode influenciar o fluxo de informações e a disseminação de conteúdo na rede. Recuero destaca que a ARS é uma ferramenta valiosa para analisar redes sociais digitais, como o Twitter, Facebook e outras plataformas, pois permite revelar aspectos importantes da dinâmica social e da formação de comunidades online.

É um estudo de grupos sociais, suas interações, conexões, estrutura, baseado na sociometria e na teoria dos grafos, permitindo análises sobre as relações performatizadas pelas pessoas e grupos que compõem a rede (Recuero, 2017). Por meio da ARS, é possível observar como os indivíduos estão se comportando, agrupando (polarizando), quais e como os assuntos estão sendo comentados. Essas análises permitem ao pesquisador/analista obter percepções *sobre como* cada ator influencia e é influenciado. Através dessa abordagem, é possível identificar líderes de opinião, comunidades de interesse e as interações entre indivíduos que podem moldar as dinâmicas sociais em ambientes online e para além deles.

Os movimentos de interação nas redes sociais podem criar polos ou serem difusos, mas sem dúvida, uma vez que cada ator assume um papel bivalente, contribui para a formação, manutenção ou alteração da visão de mundo que cada um possui naquele ambiente. As redes podem ser espaços tanto de espontaneidade quanto de controle, evidenciando como a análise das conexões entre usuários pode revelar dinâmicas de poder, influência e participação dentro dessas plataformas.

A ARS não está limitada a essa ou àquela rede, de modo a se poderem aplicar as suas técnicas e ferramentas a qualquer estrutura social. Baseou-se na abordagem de Moreno e na invenção do sociograma, que considera os atores como nós e suas conexões são representadas como linhas entre os nós (Wasserman & Faust, 1994b). Além da inspiração em Moreno, a ARS trouxe para si os princípios da teoria dos Grafos, de maneira que a compreensão das estruturas geradas ao se coletar os dados foi sistematizada e facilitada pela utilização de métricas e estudo do posicionamento e relacionamento dos nós (Recuero, 2017).

Considerando esses aspectos, a ARS constitui-se como uma poderosa ferramenta de investigação das redes e uma robusta ferramenta de pesquisa para as ciências humanas, que têm na internet vasto material público à disposição para coleta e análise. Em nosso caso específico, percebemos que, por meio da ARS, foi possível observar, analisar e interpretar dinâmicas sociais, discursos (de ódio); mapear envolvidos, influenciadores e buscar alguma compreensão dos movimentos dos sujeitos nas redes. E, a partir dessas compreensões, tecer, sob o olhar da psicanálise, uma trama que nos permitisse

vislumbrar aspectos inconscientes, imiscuídos na rede.

4.2.1 As ferramentas

Visando a realização da coleta e análise de dados, foram necessárias seleções criteriosas de softwares que pudessem auxiliar e suportar as demandas da pesquisa em questão. Uma avaliação minuciosa das opções disponíveis foi conduzida, considerando as funcionalidades mais adequadas ao propósito da investigação. Os critérios avaliativos contemplaram aspectos como custo, facilidade de uso, disponibilidade de funcionalidades, interface com a plataforma de rede social designada (Twitter) e qualidade dos resultados obtidos pela análise, incluindo a qualidade gráfica, dados e visões relevantes.

Como resultado dessa avaliação criteriosa, dois softwares se destacaram: o NodeXL e o Gephi. O NodeXL, desenvolvido de forma colaborativa por um grupo de pessoas de diversas universidades e organizações como Microsoft Research Cambridge, University of Maryland, Stanford University, Oxford Internet Institute, entre outros, é uma ferramenta de código aberto que apresenta uma interface amigável e integração com o Microsoft Excel (Smith et al., 2009). Essa característica o torna particularmente adequado para pesquisadores com níveis variados de familiaridade com tecnologia da informação (T.I.). Notavelmente, o NodeXL destaca-se por sua capacidade de representação visual das redes de interações no Twitter, proporcionando uma compreensão mais clara dos padrões emergentes e das dinâmicas subjacentes à disseminação do discurso de ódio. Essa característica amplia o potencial de investigação na esfera das redes sociais digitais ao simplificar a análise e ao torná-la visualmente mais acessível.

A análise do Twitter por meio do NodeXL oferece percepções valiosas sobre o fenômeno do discurso de ódio nas redes sociais digitais, lançando luz sobre os desafios psicossociais contemporâneos. A exploração dos dados coletados possibilita a identificação de padrões de interação, grupos de usuários e os mecanismos subjacentes à propagação do discurso de ódio na plataforma (Hansen et al., 2020). Essas análises proporcionam uma compreensão mais profunda das dinâmicas envolvidas na disseminação de tais discursos e como eles podem influenciar a formação da identidade e subjetividade dos usuários. Ademais, a Análise de Redes Sociais (ARS) tem potencial para possibilitar a investigação dos mecanismos de defesa psíquica manifestos no contexto digital, revelando aspectos intrínsecos à psicanálise e ampliando a perspectiva psicológica diante dos desafios contemporâneos inerentes às redes sociais digitais. A compreensão dessas dinâmicas contribui para aprimorar o enfoque clínico e

teórico dos profissionais da psicologia, possibilitando uma compreensão mais abrangente das interações entre processos psíquicos e dinâmicas sociais na era digital.

Além do NodeXL, outra ferramenta relevante na Análise de Redes Sociais é o Gephi. Este software de código aberto destaca-se por sua capacidade de análise avançada e visualização sofisticada de redes complexas (Bastian, Heymann, & Heymann, 2009). Diferentemente do NodeXL, reconhecido por sua acessibilidade, o Gephi oferece recursos mais robustos, atraindo pesquisadores que buscam uma análise mais aprofundada das interações e padrões nas redes sociais.

A combinação das funcionalidades do NodeXL e do Gephi oferece uma abordagem abrangente e complementar para as investigações realizadas. Enquanto o NodeXL se sobressai pela facilidade de uso e representação visual, o Gephi proporciona uma análise mais avançada e visualizações mais detalhadas das estruturas da rede. A utilização conjunta dessas ferramentas pode ser estrategicamente empregada em diferentes fases da pesquisa. Inicialmente, o NodeXL pode ser empregado para a coleta preliminar e análise dos dados do Twitter, identificando usuários influentes, hashtags relevantes e padrões de interação. Essa etapa introdutória é particularmente adequada para pesquisadores com níveis básicos de familiaridade em análise técnica.

Num segundo momento, o Gephi pode ser empregado para uma análise mais profunda e complexa. O software permite a aplicação de algoritmos avançados para identificar comunidades de usuários, calcular métricas de centralidade e aprofundar a análise da estrutura da rede. A visualização gráfica proporcionada pelo Gephi também enriquece a compreensão das conexões e agrupamentos na rede, facilitando a identificação de padrões mais intrincados (Bastian et al., 2009).

Em resumo, a combinação sinérgica do NodeXL e do Gephi amplia o escopo da pesquisa, proporcionando uma abordagem holística para o estudo das redes sociais digitais. Enquanto o NodeXL oferece uma introdução acessível à Análise de Redes Sociais, o Gephi fornece ferramentas avançadas para uma exploração mais detalhada das dinâmicas de rede. A utilização conjunta destas ferramentas enriquece a análise e amplia a compreensão dos complexos fenômenos psicossociais presentes no ambiente digital contemporâneo.

4.3 O método de coleta

As ferramentas mencionadas foram facilitadores para o processo de coleta e análise, mas, para ser possível a construção de um corpus analítico relevante, foi preciso estabelecer um método

que sistematizasse a busca e apreensão de informações. Dessa forma, entre os dias 03/07/2022 e 25/08/2022, foram feitos acessos ao *twitter* em horários aleatórios, verificados quais eram os tópicos mais comentados a partir da lista de “*trending topics*”²⁴, dentre os quais selecionamos o primeiro item da lista e o inserimos na ferramenta de busca NodeXL.

A partir daí, nos parâmetros de busca da ferramenta (figura abaixo), a data inicial (Di) e final (Df) foram definidas como $Di = D-3$ e $Df =$ o momento da busca. A data inicial foi definida para três dias antes da data corrente na tentativa de buscar postagens que tivessem sido feitas antes da palavra-chave/*hashtag* ter sido ranqueada. O limite foi definido como 20.000 tweets, embora na versão utilizada à época, gratuita, a ferramenta limitava a aproximadamente dois mil *tweets*.

O resultado dos eventos de coleta foi de cerca de duas mil postagens por assunto, como mencionado. Ao final do período de vinte e três dias investigando a rede, chegamos ao acúmulo de trinta e três arquivos de coleta, constituindo um corpus de aproximadamente setenta mil postagens de usuários aleatórios. Acumulamos cerca de 74.000 publicações, divididas de maneira não uniforme em 37 temas ou *hashtags*. Esses temas eram selecionados observando-se aqueles mais discutidos no dia, durante os dias em que a coleta estava sendo realizada. Para nossos objetivos, não se fez necessário analisar todos os 37 conjuntos de dados, embora eles estejam disponíveis para caso se deseje executar pesquisas futuras.

Nos deparar com esse universo de dados poderia nos levar aos caminhos mais inusitados, então, assim como um dos pilares teóricos desse trabalho, nos deixamos levar na errância dos dizeres existentes nos dados, sem uma percepção clara e pré-definida de onde iríamos chegar. A própria execução da busca - embora atendesse a critérios como assunto mais comentado no momento, publicações abertas a todos, mesmo horário de busca todos os dias - continha uma certa aleatoriedade, pois não sabíamos nunca qual o assunto estaria sendo comentado e, algumas vezes, o assunto mais comentado deixava de sê-lo para outro assumir seu lugar ainda durante a execução da ferramenta.

Na ferramenta, entre a opção de rede básica (*Basic Network*) e a de rede básica mais amigos (*Basic network plus friends*), foi selecionada a segunda, embora mais lenta. Essa escolha deveu-se à tentativa de buscar qualquer possibilidade de interação maior entre os atores. No pequeno grafo abaixo, é mostrada como o software “*enxerga*” a estrutura das interações, o círculo preto representa um usuário e os vetores são as suas interações com outros usuários, representados em círculos azuis menores,

²⁴ *Trending Topics* é a lista dos vinte assuntos mais comentados no *twitter* em determinado momento. Por meio desse recurso, é possível saber o que está sendo discutido na rede social. São as palavras-chave ou *hashtags* que aparecem com mais frequência nas publicações da rede social. Fonte: <https://www.sebrae.com.br>

grafado no centro do vetor está o tipo da interação que pode ser detectada. A imagem abaixo mostra selecionado o *Basic Network*, a diferença do grafo para a *Basic network plus friends* é que da ponta azul saem outros vetores que alcançam os seguidores, tanto dos azuis quanto dos pretos.

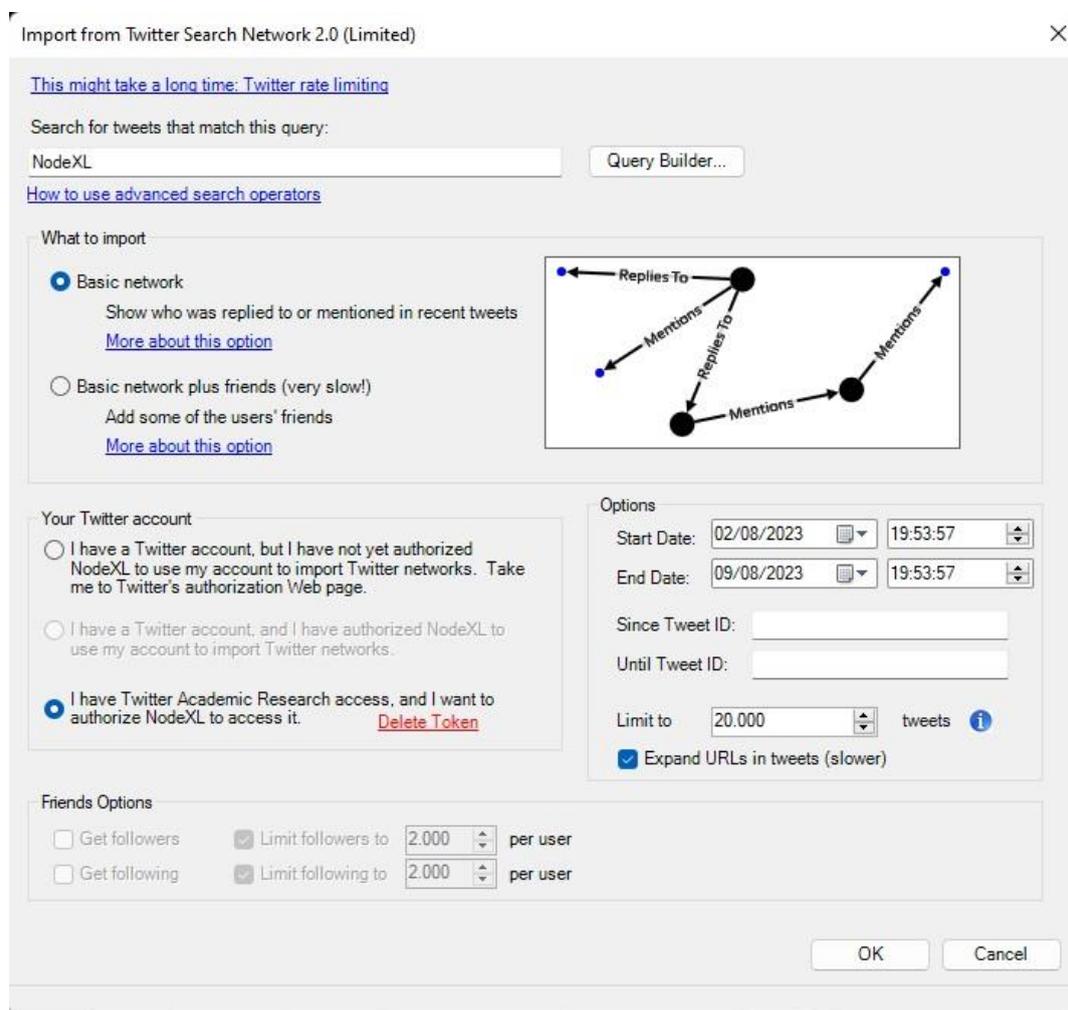


Figura 5 – Tela de parametrização de buscas - NodeXL

Os temas (ou palavras-chave) buscados foram os mais variados, tendo sido excluídos apenas itens que remetesse a assuntos patrocinados pela rede (marcas, times, assuntos indicados explicitamente como “patrocinados”). A heterogeneidade nos tópicos de pesquisa se deu por verificarmos que não existe tema específico para que falas ou atos linguísticos de ódio apareçam para, a partir daí podermos encontrar o discurso de ódio, por exemplo, na figura do racismo, discriminação por orientação sexual, classe social, credo religioso, entre outros.

A quantidade de arquivos diverge da quantidade de dias em razão de que, em algumas situações, em um curto espaço de tempo (cerca de meia hora), a posição da palavra-chave era modificada, subindo para a primeira posição uma *hashtag* diferente. Outra situação que aconteceu durante a coleta foi algum assunto que, no momento da busca, passou a ser divulgado em portais de notícias, gerando

algum engajamento e aguçando a curiosidade do pesquisador, que tomou a decisão de pesquisar aquele assunto e coletar informações a respeito.

Um exemplo disso foi no dia 01/08/2022, em que começou a ser difundido um documentário sobre o crime que vitimou a atriz Daniela Perez. Os portais de notícia passaram a destacar a matéria que tratava do assunto e rapidamente a *hashtag*: “#nunesMarques” perdeu a primeira posição e a *hashtag* “#pactoBrutal”, sendo seguida por “#paulaThomaz”, assumiram as primeiras posições e, então, optamos por coletar informações a respeito.

Uma vez feita a coleta das postagens referentes àquele tema, já entregues pelo *software* no formato de planilha eletrônica, esses dados foram armazenados para posterior análise com base nas orientações da ARS; por último, realizamos uma leitura flutuante do que foi coletado para que fosse possível realizar uma análise daquele material à luz da psicanálise, articulando-o ao conceito da errância.

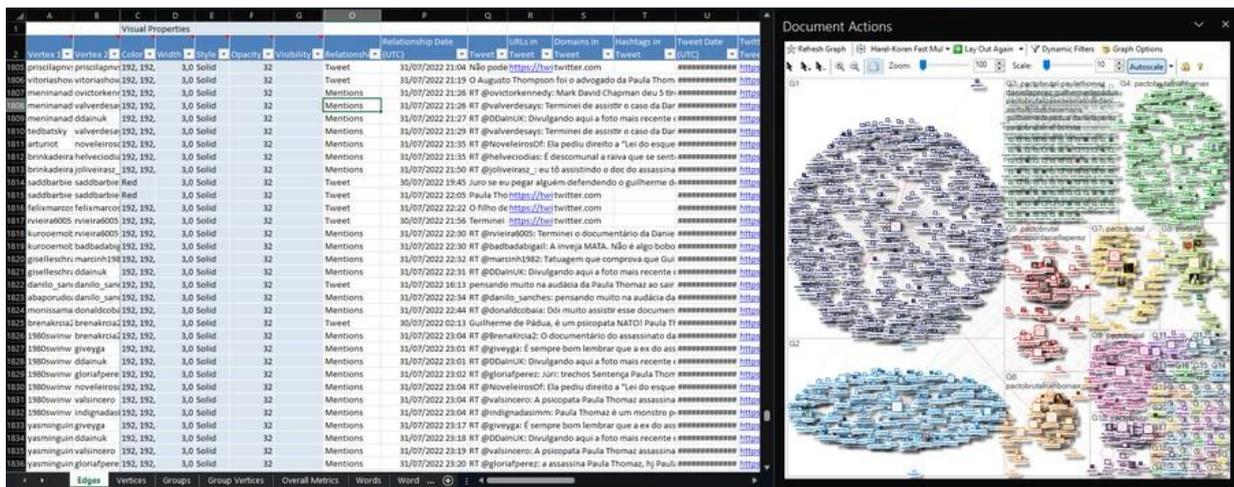


Figura 6 – Exemplo de Resultado de Coleta; #paulaThomaz

No próximo tópico, apresentaremos grafos, tabelas e análises de discursos e perfis que nos proporcionarão uma visão do fenômeno. Não buscamos determinar uma posição específica, mas sim observar e elaborar algumas interpretações sobre como esses indivíduos se relacionam nas redes sociais, tanto consigo mesmos quanto com os outros.

Ademais, selecionaremos ocasionalmente perfis relevantes dentro desse conjunto de dados, ou seja, perfis que apresentem um grande número de menções ou interações. A partir desses perfis, examinamos um conjunto das últimas interações (postagens), com o intuito de trazê-los à pesquisa de forma atualizada em relação ao tema.

4.4 Escutando sujeitos digitais - o que nos trouxe a busca?

Os tópicos a seguir são resultantes da coleta descrita em seções anteriores. A respectiva intitulação deu-se a partir do *trending topic* que foi utilizado como parâmetro de busca; cada um, ao ser tratado como um significante, traz consigo diversos significados que são atribuídos pelos atores da rede. Nesse sentido, por vezes, pensamos que uma determinada *#hashtag* poderia conter conteúdos benéficos, discussões propositivas ou mesmo curtas frases, mas que indicasse terem sido extraídas de alguma reflexão que contribuísse com os demais atores da rede, até mesmo que indicassem algum tipo de laço estabelecido entre aquele que postava e os demais que respondiam. No entanto, no universo dessa coleta, encontramos exatamente o oposto; as publicações em sua maioria eram pontuais, atômicas, uma grande parte consistiam em algum tipo de ataque ou discurso agressivo (violento?) velado.

Selecionamos três índices que nos servissem para demonstrar como os discursos de ódio, explícitos ou não, são difundidos nas redes e algumas de suas repercussões, bem como pudessem nos permitir alguma inferência do grau de prejuízo ao qual as relações permeadas por esses discursos estão expostas.

4.4.1 #VitimasDaSociedade: da identidade presumida à castração química

O primeiro conjunto de dados que ora apresentamos foi coletado no dia 20/07/2022. A *hashtag* em questão é que dá nome a este tópico “vitimas da sociedade”. Olhando apenas o parâmetro, poderíamos inferir que se tratava de alguma manifestação em prol de pessoas marginalizadas. Ao observar os dados, pudemos confirmar o oposto. Tal agregador fora utilizado para criticar o significante utilizado em grande medida, para lançar luz à segregação social e às atrocidades que o projeto neoliberal inflige às populações de baixa renda, que, por falta de suporte do Estado, são cooptadas pelo crime.

O primeiro grafo gerado foi o que segue:

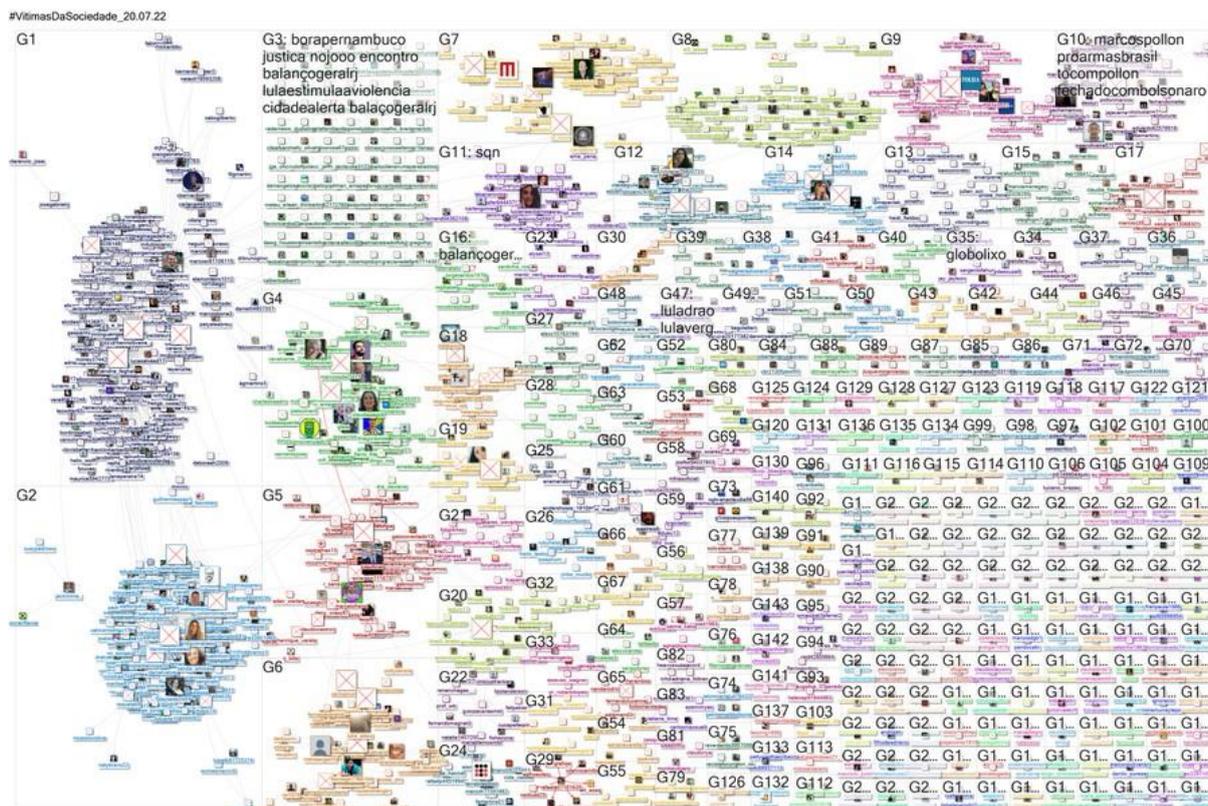


Figura 7 – #VítimasDaSociedade - NodeXL

À priori, faremos algumas explicações do grafo que permitam um entendimento básico, dado que não é nossa intenção, para os fins dessa pesquisa, aprofundarmo-nos em detalhes da ARS.

No grafo acima, cada item representado com uma foto (ou um X, nos casos em que não foi possível recuperar a imagem do perfil) é um usuário, o que significa que ele, de alguma forma, interagiu com a *#hashtag* utilizada como parâmetro. Os agrupamentos nomeados com a letra “G” representam usuários que se relacionaram de forma mais direta uns com os outros. Já os “grupos” que estão no canto inferior direito, dispostos em pequenos quadrantes, geralmente são compostos por um número menor de usuários (tendendo a 1) que, em sua maioria, se auto-referenciam, ou seja, postaram algo relacionado ao parâmetro mas não mencionaram, citaram ou responderam a nenhum outro perfil.

Os grupos são formados utilizando um algoritmo de cálculo chamado *Clauset-Newman-Moore* (CNM), que é um algoritmo de detecção de comunidades em redes complexas, tendo sido projetado para identificar grupos densamente conectados de nós em uma rede, representando comunidades ou clusters dentro da rede (Smith et al., 2009). Aqui, ele está sendo utilizado para identificar grupos de indivíduos ou entidades com interações mais frequentes e intensas entre si do que com indivíduos fora do grupo. Isso é especialmente relevante para compreender como as relações sociais se formam e como

diferentes grupos interagem em uma rede social. A utilização do CNM nos fornece percepções sobre como esses grupos se formam, quais conexões existem entre eles e como eles interagem com outras partes da rede.

Outro aspecto importante a ser considerado é a variável *Betweenness Centrality* (BC), também utilizada na formação do grafo, influenciando o tamanho com que cada usuário é impresso no grafo. Ela quantifica a importância do nó (ou vértice) em uma rede, com base em sua capacidade de atuar como intermediário na comunicação entre outros nós. Em outras palavras, essa medida avalia a frequência com que um nó está presente nos caminhos mais curtos entre outros pares de nós na rede. Além do seu valor gráfico para o grafo, essa medida nos ajuda a identificar quais nós têm um papel significativo na propagação ou interrupção do discurso de ódio. Isso pode ajudar a compreender quais usuários têm maior influência na disseminação desse tipo de conteúdo.

Junto com o BC, consideramos também o *in-degree* (IDg) que é uma medida usada para analisar redes direcionadas, nas quais as conexões entre os nós têm uma direção específica. Em termos simples, o “in-degree” de um nó é o número de conexões que chegam diretamente a ele. Essa medida aponta quantas outras entidades estão se conectando com esse nó específico. Essa conexão poderia ser traduzida como uma “citação”; um usuário com alto *in-degree* pode ser lido como um usuário que foi mencionado por “n” outros atores da rede.

Começaremos aqui observando alguns dos atores mais significativos do grupo G1 considerando o BC e o IDg. Esses usuários foram notados no grafo como as caixas maiores, são eles: @henriolliveira_; @jairbolsonaro e @jandira_feghali.

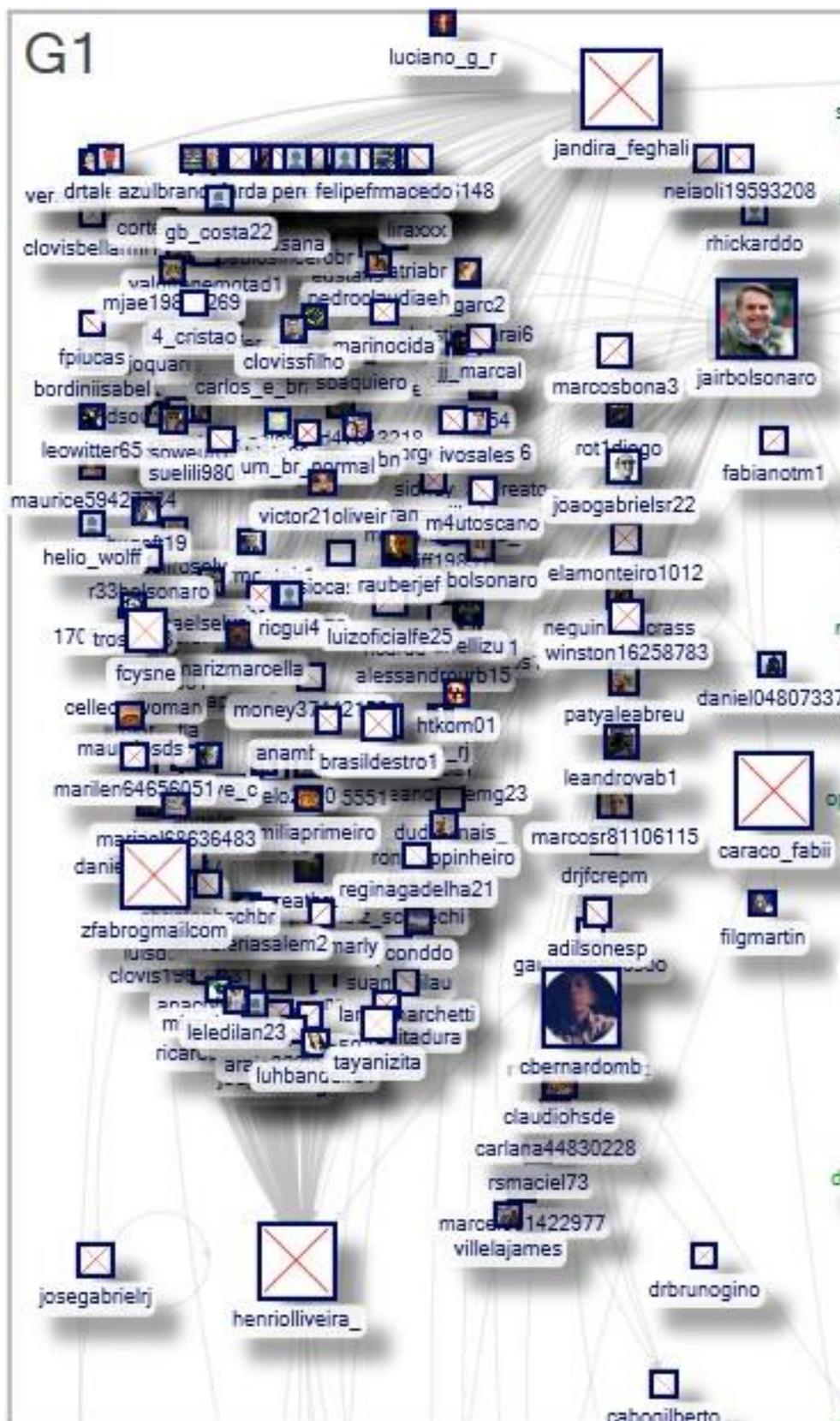


Figura 8 – Atores mais significativos do grupo G1

Para os elegermos como usuários mais significativos, além do que nos mostra o grafo, recorreremos também aos números exibidos na tabela gerada pelo NodeXL (imagem abaixo). Através dessa tabela, podemos perceber que a coluna *in-degree* indica: 73; 169 e 146. Conforme o que dissemos antes, no

grupo G1, os atores mencionados abaixo foram citados aquele número de vezes, fazendo com que se destacassem na dinâmica do respectivo grupo. Há que se considerar também que nesse número está inclusa uma ou outra menção que os conecta com os demais grupos do grafo maior.

Vertex	Subgraph	Label	In-Degree	Out-Degree	Betweenness Centrality	Followed	Followers	Tweets	Favorites	Description
jairbolsonaro		jairbolsonaro	73	0	430655,383	491	8449010	14486	5843	Capitão do Exército Brasileiro, eleito 38º Presidente da República Federativa do Brasil. BR.
henrioliveira_		henrioliveira_	169	2	171233,428	479	136874	15247	2172	Contra o Comunismo, o Socialismo e a praga do politicamente correto! Minha família é tudo pra mim! Cofundador do @EuSouMBC
jandira_feghali		jandira_feghali	146	0	65162,887	1273	569313	32877	8462	Médica, baterista, dep. federal (PCdoB/RJ) e defensora da Democracia!

Figura 9 – Imagem da tabulação de dados do NodeXL

Tendo partido dessa taxonomia sobre os dados, grafos, tabelas e por conseguinte a ARS, que servirá como base para as próximas análises, optamos por analisar os ditos, a fim de articularmos com as ideias centrais da pesquisa.

Iniciamos observando quais foram as interações com o ator²⁵ @jandira_feghali, dado também obtido por meio da coleta do nodeXL. O ator mencionado fez duas postagens iniciais, uma era uma postagem de agenda e a seguinte uma postagem de indignação a um caso que estava repercutindo à época.



Figura 10 – Postagem de agenda política - 11/07/22

²⁵ Iremos tratar todos os usuário como “ator”, no masculino, uma vez que tratam-se de usuários e também para evitar personalizações.



Figura 11 – Comentário acerca de um crime cometido

O primeiro *post* de @jandira_feghali aparece no grupo G1 devido a uma resposta emitida que traz a #vitimasDaSociedade, na qual o ator diz o seguinte:



Figura 12 – Resposta ao post do ator @jandira_feghali

Nessa resposta, o aparecimento do discurso de ódio em si, é sutil. Ele é disfarçado por uma suposta liberdade de expressão, que permitiria, na internet, dizer qualquer coisa independentemente de quem afete. Mas quando fazemos uma reflexão mais profunda, é possível ver que, de início, já há uma associação do campo progressista da política a bandidos, já que a agenda anunciada pelo primeiro ator era de um político daquele campo. Na sequência, vemos o aparecimento do significante “vítimas da sociedade” que, aqui, ao invés de denotar, como dissemos outrora, pessoas em vulnerabilidade, associa-se a criminosos supostamente defendidos pelos políticos de esquerda.

Na linha seguinte, @Luciano_G_R toma certas características (“... cabelos azuis e olhos tipo ‘farol baixo’”) por assustadoras e que o impediriam de seguir. Acreditamos que essa fala seja “apenas”

um ataque textual e o contexto sugere que ele nem chegou de fato a estar próximo à caminhada, mas alguns pontos podem ser interpretados. Diante de características que excedem o seu domínio de identificação, ou seja, os elementos que possui e que possibilitam a identificação do outro, demonstra o medo que o estranho ao Eu causa. Cunha (2018) lança luz ao fato de como, em tempos atuais, recorre-se ao ódio (principalmente nas redes sociais digitais) como um afeto que conseguiria auxiliar a compreender o outro, a lhe dar inteligibilidade, essa tem sido uma maneira constante de se efetuarem separações entre “o eu e o outro”, entre “alguem que não queremos, desejamos ou simplesmente não podemos nos identificar” (p.111). O discurso de ódio, portanto, assume a função de efetuar a distinção entre esse Eu e aqueles com quem não quero ser confundido, aproximando-se portanto os processos de “enunciação do ódio e os processos de construção e afirmação identitária” (p.111). Nas redes sociais, o discurso de ódio se torna, então, também uma forma de demarcar território identitário, separando aqueles que adotam determinadas visões, valores ou pertencem a grupos específicos, daqueles que não o fazem. É a ferramenta que distingue o *estrangeiro* dos demais.

No que diz acerca das identificações, Cunha (2018) vai ao encontro de Woodward (2014), que afirma como as identidades também são construídas com base nas condições sociais e materiais. A partir dessa e de outras categorizações, como etnia, naturalidade, relações de parentesco, ideologias, são formadas representações por meio dos significantes apreendidos (ou não), levando grupos a serem marginalizados e odiados, apenas por diferirem do Eu, narcísico, tomado como referência primordial.

Interessante notar também como há um *erro* na interação entre os dois atores, o *erro* a que nos referimos aqui consiste na interação incoerente que vimos. O *post* de @jandira_feghali trata de uma informação pura e simples, em resposta à qual surge um discurso agressivo. Isso aproxima-se O que disse @luciano_G_R poderia ser qualquer outra coisa que conectasse semanticamente com o que disse o primeiro. Contudo, o enunciado em questão, como discutimos antes, vem de forma hostil a determinados grupos, sugerindo um gozo ao acreditar que será lido (por tantos outros), mas, sem um destinatário preciso, a mensagem é lançada como em uma garrafa ao mar, esperando que encontre alguém que a recolha e a leia, mas sobre a qual recai apenas maior probabilidade do vagar. Um vagar sem possibilidades criativas, pois está interditado pela negação da alteridade e pelo ódio. Note-se que não há *reply* ou *mention* ao *post* de @luciano_G_R.

Esse *erro* originado na não existência de nexos entre o que disse o primeiro e a resposta que suscita, aparentando uma conexão entre os atores de maneira aleatória, nos permite avaliar o que está

ofuscado nos escritos de @luciano_G_R. Como disse Lacan (2016, p. 123),

é ao dizer a verdade (quer dizer, as babaquices, aquelas que nos vêm à cabeça, aquelas que nos moem, assim) que se chega a abrir caminho em direção a alguma coisa que é, realmente, contingente, apenas algumas vezes - e por erro! - isso cessa de não se escrever, como defini o contingente. A saber, que isso leva, entre dois sujeitos a estabelecer alguma coisa que tem a aparência de se escrever.

Assim consideramos que, nessa interação entre @luciano_G_R e @jandirafeghalli, nada se estabeleceu, apenas houve a aparência.

Aparência que torna nítida a tentativa falha de vinculação. Não há estabelecimento de contato, nessa postagem, com nenhum outro sujeito na rede, como mencionamos, mas há aparência, um simulacro de que uma conexão se estabeleceu entre os sujeitos. Supõe-se o sucesso do endereçamento, afinal a publicação em resposta foi feita mencionando o outro, mas a mensagem não proporciona o deslizamento, e permanece o sujeito cristalizado em sua posição originária. É no campo do Real que supomos esse “encontro” que nunca se consolida, na impossibilidade de significar a alteridade, naquilo que precisa ser escrito, ainda que não surta efeito, para que se faça a borda concedendo alguma possibilidade de entendimento do outro. Mas, nesse caso, jamais será simbolizado. É o nó que se desfaz na prevalência do Imaginário (“cabelos azuis e olhos tipo farol baixo) e do Real, porém prescindindo do Simbólico; com isso, não há avanço do sujeito, apenas permanece ou mesmo retrocede (“... fiquei assustado, e voltei para trás”).

Passemos ao segundo *post*. Este ganha notoriedade e amplitude porque é respondido (*replies to*) por um outro ator (@henriolliveira_). Tal conta não existe mais atualmente, mas ainda assim conseguimos recuperá-lo através da investigação de outras linhas na tabela e pelos indícios da postagem original.

Vertex 1	Vertex 2	Relationship	Relationship Date (UTC)	Tweet
				@jandira_feghalli Propostas defendidas pelo presidente BOLSONARO: 1) Castração química - você é contra
henriolliveira_	jandira_feghalli	Replies to	11/07/2022 20:34	2) Penas ma... https://t.co/IWWTvcHqqr Propostas defendidas pelo presidente @jairbolsonaro 1) Castração química - você é contra
henriolliveira_	jairbolsonaro	Mentions	11/07/2022 20:40	2) Penas mais duras - vo... https://t.co/sMHZkdWv2B

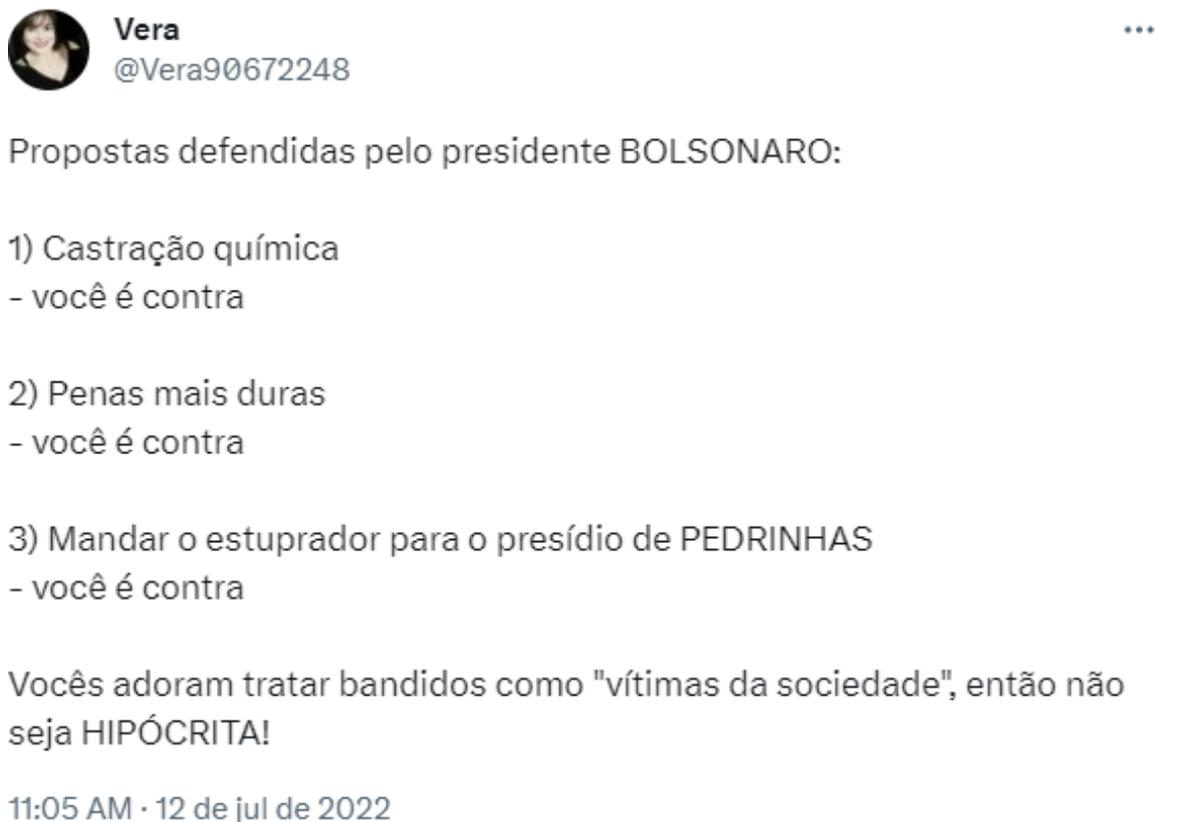
Figura 13 – Tabela (fragmento) com dados da postagem que impulsionou a postagem original

A partir da mensagem truncada do ator @henriolliveira_, encontramos o texto integral na

postagem de outro ator, @Vera90672248:

Vertex 1	Vertex 2	Relationship	Relationship Date (UTC)	Tweet	URLs in Tweet	Domains in Tweet	Hashtags in Tweet	Tweet Date (UTC)
vera90672248	jandira_feghali	Replies to	12/07/2022 14:05	@jandira_feghali Propostas defendidas pelo presidente BOLSONARO: 1) Castração química - você é contra	https://t.co/JFkR0bO95B	twitter.com		12/07/2022 14:05

Figura 14 – Linha da tabela que identifica o texto integral



Vera
@Vera90672248

Propostas defendidas pelo presidente BOLSONARO:

- 1) Castração química
- você é contra
- 2) Penas mais duras
- você é contra
- 3) Mandar o estuprador para o presídio de PEDRINHAS
- você é contra

Vocês adoram tratar bandidos como "vítimas da sociedade", então não seja HIPÓCRITA!

11:05 AM · 12 de jul de 2022

Figura 15 – Texto integral @henriOlliveira_

A construção desse percurso se faz necessária para que seja possível tentarmos uma compreensão do achado e, além disso, tanto observarmos a dinâmica do discurso nas redes como constatar a consistência da informação.

É relevante também situar a conta do ator do post original, @henriolliveira_, no momento da coleta. Este ator tem um alcance mais expressivo do que o primeiro. Quando olhamos para os indicadores trazidos na planilha, o índice BC mostra-se bastante elevado, o que significa que uma postagem dele tende a alcançar inúmeros outros atores na rede, o que é confirmado pelo seu número de seguidores (136.874), havendo, portanto, uma “bolha” ao seu redor. No momento em que ele comenta, responde ou apenas replica uma mensagem de outro ator, essa mensagem é amplificada e,

consequentemente, as respostas a essa segunda, ou mesmo à primeira, uma vez que essa é replicada para os demais integrantes da “bolha”.

Essa interação chama atenção, já de partida, por duas razões: primeiro que, após a postagem de @jandira_feghali em defesa das mulheres e explicitando sua indignação, o ator @henriolliveira_ não estabelece um contato, mas é imperativo. Ele apenas levanta pontos e faz afirmações sobre como o outro vértice se posiciona a respeito. Não há diálogo ou algo do tipo, encerrando com um ataque.

Em segundo lugar, a postagem é violenta desde o princípio. Abre a fala mencionando “castração química”, passa pelo apelo a “penas mais duras”, o que poderia sugerir a aspiração de uma legislação mais rígida (ou violenta). Já no item “3”, fala sobre “mandar o estuprador para o presídio de pedrinhas”. O presídio de Pedrinhas é uma casa de detenção que ganhou as notícias após uma rebelião extremamente violenta em que os apenados chegaram a jogar futebol com a cabeça de outros presos, dentre outras atrocidades.

Em um primeiro momento, um indivíduo mais desavisado poderia afirmar que o *post* fora “apenas” agressivo, mas é importante fazermos uma distinção entre a agressividade e a violência na psicanálise.

Lacan (1998a) nos apresenta um texto intitulado “A agressividade em psicanálise”, mostra como, nas manifestações neuróticas, a agressividade consistiria num “querer dizer” cujo sentido deveria permanecer oculto, destarte poderíamos dizê-la “sintoma”; sintoma, pois a agressividade aparece na tentativa de ofuscar algo que insiste em querer se mostrar. A agressividade também está, para Lacan, presente desde a mais tenra idade, não devendo ser interpretada apenas como um exercício de tônus muscular, mas como uma experiência integrativa que antecipa a própria percepção de seu corpo que será obtida a partir do Estádio do Espelho. Ferrari (2006) aponta como a agressividade é uma forma de comunicar-se, o que, percebido por Lacan, o faz desenvolver a ideia de demanda: “dirigir-se ao outro pedindo algo do que se julga merecedor” (p.52).

Logo, no *post*, podemos inferir que há uma demanda do ator que faz às vezes de algoz contra aquele que fez a publicação inicial; demanda essa, no entanto, que não se explicita, não nos é conhecida (nem pelo sujeito), mas é lançada, sem garantia alguma de que o alcançará um destino, apenas de que estará posta e talvez atingirá alguns outros. Diferente do falado, que possui um interlocutor atento ou um público sabido, ela permanece, errando de destino a destino, não se extinguindo após sua emissão enquanto houver algum engajamento. Uma evidência disso que falamos é que a conta em questão

(@henrioliveira_) não mais existe, mas ainda assim, foi possível recuperarmos o que ele disse.

Mas há ainda um ponto importante: nesse *post*, para além da agressividade, nele apreendemos um ato violento. Há uma violência intrínseca no discurso de ódio, o que nos põe a questionar se seria um dos desdobramentos de uma demanda errática, ou seja, algo que os indivíduos julgam querer ou ser necessário, mas que não têm a quem direcionar, seja por não terem sido escutados em momentos passados ou por pura ignorância de quem deve ser seu destinatário. Haveria um gozo inerente no lançar de uma mensagem sem destinatário? Seria o ódio (ou seu gozo) um subproduto desta dinâmica? Supomos que sim.

Quando falávamos sobre o discurso de ódio (item 3.2.2), aludimos à violência; lembrando: “[. . .] o que se pode produzir em uma relação inter-humana é a violência ou a palavra” (Lacan, 1998b, p. 471). No discurso de ódio, a palavra é a violência, é a agressividade posta em ato. Na falha do Simbólico, com um Imaginário vacilante, “é o curto-circuito da palavra que retorna pelo Real, o gozo que escapa ao sentido” (Ferrari, 2006, p. 58).

O *post* em questão simula uma dialética entre os dois atores; todavia, essa suposta dialética é feita por apenas um dos lados. Não é dada a voz ao outro. É feita uma oposição entre o que anseia um (@henrioliveira_) e o que, em tese, o segundo (@jandira_feghali) é contra. A postagem é finalizada afirmando que “você adoram tratar bandidos como ‘vítimas da sociedade’, então, não seja hipócrita”; nela, não sabemos quem são esses que ele agrupa pela fala, somente que eles estão igualmente na alça de mira.

Outro elemento sobre o qual lançamos luz é o uso do caps-lock. Apontamos, em trabalho anterior Fontes & de Fátima Vilar de Melo (2020), como esse é o recurso nas redes para a representação do grito, da vociferação; é uma das formas de captura do discurso excludente, do discurso que objetiva o silenciamento ou a eliminação da voz do outro. No vaguear das redes digitais, os avatares ou perfis falham em serem significantes, os ditos do outro também falham para muitos quando carregados de ódio, pois não são simbolizados, elaborados ou, em última instância, metaforizados e o que surge em resposta, na pretensa inter-relação, é o movimento de aniquilação, a violência na falha da palavra em ser significante, o ódio retornando pelo Real.

A postagem de @henriOliveira_ é compartilhada por outros 169 atores. Desses, 164 fazem parte de sua própria bolha (grupo G1); a publicação do ator fura a sua bolha apenas 5 vezes conectando com 5 atores do grupo G2, conforme figura 16.

Nessa relação, absolutamente todas às vezes ela foi um re-compartilhamento, ou seja, um outro ator viu aquela mensagem e “passou adiante”, não fazendo nenhuma colocação a respeito, contra ou a favor, tendo simplesmente amplificado o que foi dito originalmente, postando-a em sua própria *timeline* do *twitter*. É o discurso de ódio sendo lançado à frente. Para nós, sugere um achado ambivalente: por um lado, há um discurso que vagueia, é empurrado em “n” outras direções em cada compartilhamento, mas sem destino certo ou conhecido. Em outro campo de valência, há os atores que não realizam operação alguma, servem apenas como polos de repetição, compartilham “o ataque”, repassando a publicação para o próximo.

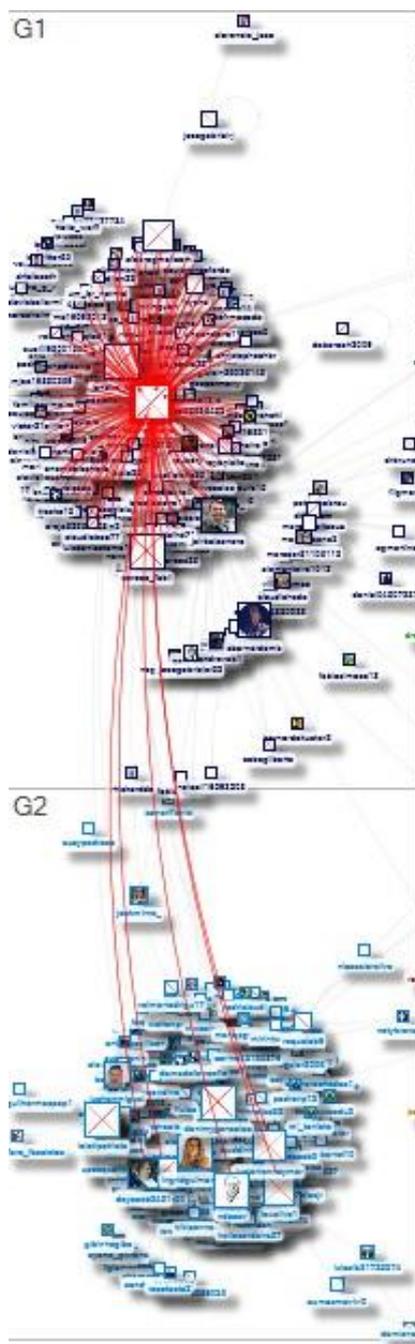


Figura 16 – Grafo de interações com @henriolliveira_

Analisemos outra interação da *hashtag* #vitimasDaSociedade, passemos ao grupo G2. Nessa interação, o ator @IngridGuimaraes faz uma postagem acerca de como, em sua opinião, o governo da época incentivava a violência através de atos, falas e posições sobre a diversidade. Termina por afirmar um ponto de basta: “não dá gente. Simplesmente não dá”. Aparentemente, trata-se de um desabafo, é possível que esse ator tenha ficado incomodado diante de algum fato em que, supostamente, essa violência que afirma, tenha ficado evidente.

A postagem do ator mencionado ocorre no dia 10 de julho de 2022. Inicialmente essa postagem não seria alcançada na busca que fizemos pela *hashtag* #vitimasDaSociedade, porém, no dia seguinte, ela recebe uma resposta do ator @DaniMYGonzalez, que cita o termo “vítimas da sociedade”, fazendo com que essa interação dê origem ao grupo G2.

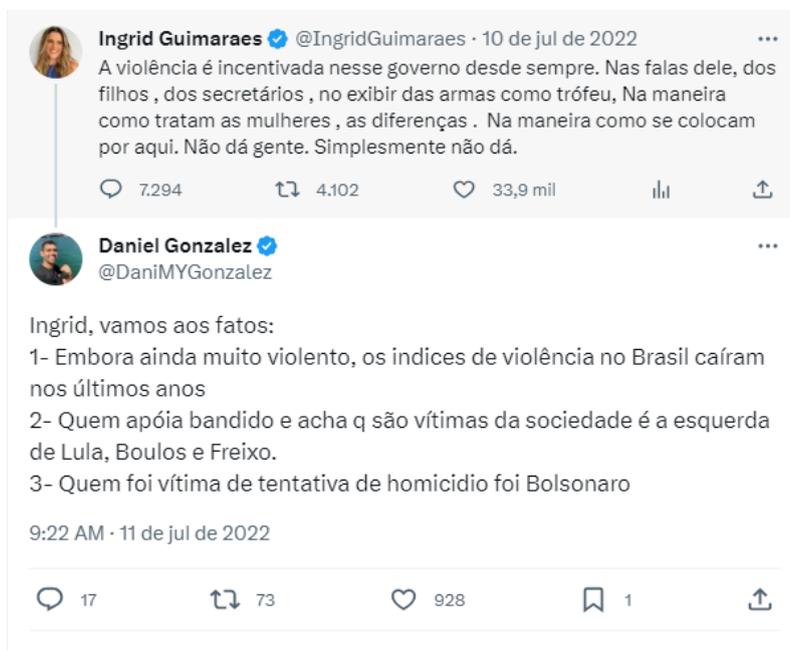


Figura 17 – Post @IngridGuimaraes

É significativo que a coleta tenha nos trazido 247 interações nesse grupo, contudo, 234 dessas são do tipo “*mentions*” ocasionadas por re-compartilhamento, ou seja, dos outros atores que estão nesse grupo, apenas 13 emitiram algum tipo de resposta individual, que independentemente do juízo de valor que tenham feito, sugerem algum tipo de elaboração própria sobre o que foi dito. Os demais simplesmente apertaram um botão que tomava o texto de outros atores (no caso, a grande maioria usou o *post* de @DaniMyGonzalez) e o ecoava para sua lista de contatos na rede.

ambiente digital, nas redes sociais digitais (para ser mais preciso), consideramos haver algumas diferenças daquela massa descrita e estudada por Lebon e posteriormente por Freud.

Na massa, o movimento é uniforme em direção àquilo designado como alvo ou objetivo. Assim, por mais que possa escapar a nossa compreensão qual a motivação de uma massa, é possível identificar como e para onde se move. Os grupos do meio digital, não obstante, compartilhem alguma semelhança com a massa descrita por Freud, possuem algumas especificidades. Demo-nos conta de que subsistem indicativos de subjetividade e individualidade e, embora não estejam prescindidas a maioria das condições primeiras que vimos destacando aqui acerca da massa, a dinâmica modifica-se. As ações são mais pontuais e na mesma velocidade em que surgem, agrupam e viralizam, elas somem.

É possível perceber, ainda na análise dessa *hashtag*, observando a Figura 7, que apesar de existirem as bolhas maiores como as do grupo G1 e G2, que estão “discutindo” uma perspectiva específica, cada um, em torno do significante *vitimasDaSociedade*, diversos outros núcleos menores surgem (G3, G4, Gn), cada um abordando o tema em um ângulo distinto, porém, engajando menos, às vezes o grupo criado pelo NodeXL sendo composto por um único ator. Além disso, na própria bolha, o movimento é curto, o indivíduo interage naquele tema/perspectiva e não desenvolve nenhum tipo de diálogo.

Dessa forma, o que supomos é que a massa digital assume características mais próximas de um enxame, conforme colocado por (Han, 2018). A massa aglutina, em razão de um sentido compartilhado, um ideal que, tomando as palavras de Han, pode ser definido como uma *alma*. É isso que faz com que os indivíduos na massa “abdicuem” de suas singularidades em prol daquele organismo. No enxame, o movimento é em grupo, assim como na massa, porém, cada indivíduo mantém (ou tenta) o seu perfil próprio, “ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. [...] Em vez de ser ‘ninguém’, ele é um alguém penetrante, que se expõe e que compete por atenção” (p. 18).

Han faz uma distinção entre a massa e o enxame quando analisa o *homo digitalis*, afirma que na massa não há preservação da identidade, enquanto no enxame o indivíduo “preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame. Ele se externa, de fato de maneira anônima, mas via regra ele tem um perfil e trabalha ininterruptamente em sua otimização” (Han, 2018, p. 18). O que supomos acontecer de forma mais específica no *twitter* é um misto, porque, embora vejamos as características de enxame, próprias do *homo digitalis*, também estão preservados aspectos

da massa clássica, conforme Lebon e Freud. O que incide no *twitter* e que Han não aborda no seu livro que pode fazer com que nessa rede surja o híbrido de massa e enxame, é o discurso de ódio.

Os indivíduos, no *twitter*, tornam-se atores irascíveis. O mais simples *post*, como vimos, desperta as vociferações e, com elas, o discurso de ódio. A partir do que coletamos nessa e em outras *hashtags*, pudemos capturar que duas características têm sido fundamentais para as manifestações do ódio: o contexto social e a presença de um líder, que ora atua diretamente, ora incita de forma sutil, utilizando-se do que se chama “apito de cachorro”. Essa expressão é utilizada em alusão ao dispositivo que emite ondas sonoras inaudíveis ao ouvido humano (ondas sonoras em alta frequência), mas captada pelos ouvidos caninos. No caso das redes, essa expressão define aqueles *posts* que podem indicar um ator, um tema, um *post* terceiro contra quem os seguidores devem voltar-se. Nesse caso, o líder não necessariamente emitirá algum juízo de valor ou dirá explicitamente quem deve ser atacado, mas o fato de haver toda uma construção discursiva enunciada pelo líder e que circula na massa, torna evidentes as posições contrárias ao discurso circulante que devem ser atacadas, sendo isso suficiente para que as vociferações entrem em cena.

Para (Han, 2018), “o enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [Seele], nenhum espírito [geist]” (p.18). Dele discordamos parcialmente, pois, no âmbito do corpus que coletamos para este trabalho, pudemos ver que há uma alma e um espírito. A alma é o ódio; o espírito é o discurso que ronda e acompanha. Isso faz com que os atores ajam tal qual um enxame, ataquem e vociferem contra alvos “aleatórios”, instigados, na maioria das vezes, por um líder, um Outro, ainda que fugaz; enredados por enunciados mortificantes.

O discurso de ódio, que carrega esses enunciados, é um discurso pobre. De poucas palavras, enubla maiores oportunidades de elaboração, já que retira dos sujeitos o repertório linguageiro que daria a capacidade de expressar seus pensamentos e suas teses, permitindo assim um diálogo ou uma troca mais edificante. É isso que nos permite inferir outros dados coletados pela ferramenta.

No *site* Nova Escola (S.O.S. Português & Paula Sato, 2009), encontramos a informação de que, considerados apenas os termos formais da língua portuguesa, em 2009, existiam cerca de 600 mil palavras, ao considerarmos os “termos de internet”: gírias, contrações das palavras, esse número tende a subir bastante. Na planilha gerada pela busca do termo “VítimasDaSociedade”, encontramos o seguinte panorama:

Descrição	Valor
Vértices (atores)	1743
Arestas (interação com outros atores ou consigo mesmo)	1878
Total de palavras utilizadas nesse universo	23121
Total de conectivos e referências à própria <i>hashtag</i>	3034
Referências ao termo “Castração química”	190
Atores com maior <i>Betweenness Centrality</i> (BC) - em ordem decrescente	jairbolsonaro; danimygonzalez; henriolliveira_
Outras <i>hashtags</i> que aparecem com relevância internamente nas postagens	marcospollon; proarmasbrasil; tocompollon; fehadocombolsonaro
<i>Mentions</i>	1359
<i>Replies</i>	522
<i>Tweets</i>	139
Total de interações entre atores capturadas	1944

Tabela 1 – Dados referente à coleta #vitimasDaSociedade

Com esses dados, podemos ver que o vocabulário utilizado é bastante pobre, pois, em um universo de mais de 600 mil palavras, a abrangência vocabular nessas interações alcança apenas 3%, percentual que fica ainda menor se pensarmos que na internet surgem novos termos diariamente e que, das mais de 20.000 palavras, cerca de 3000 (15%) são conectivos gramaticais ou outras *hashtags*.

O termo “castração química”, uma expressão que, nesse contexto, poderíamos incluí-la no domínio do discurso de ódio, aparece em 6% das publicações. Vale salientar que o alcance da ferramenta na detecção de expressões é limitado a duplas de palavras (*word pairs*), assim, outra expressão que também aparece com certa relevância é “penas mais”, o que nos sugere que a expressão “penas mais duras” também teria sido considerada se a ferramenta buscasse três ou mais palavras nesse quesito. Nesse universo de quase 2000 interações, apenas 139 foram publicações com conteúdo exclusivamente próprio, tendo o número de *replies e mentions* confirmado o que vimos ao analisar detalhadamente (linha a linha) as mensagens: o fato de que a quase integralidade das interações são atores replicando o conteúdo de algum outro ator, ou seja, apenas ecoando, sendo capturado por algum “dito”, lançando-o

adiante.

4.4.2 #DireitoDosManos: a suspensão ao direito de ser humano

Outro conjunto de dados foi o referente à *hashtag* #direitoDosManos.

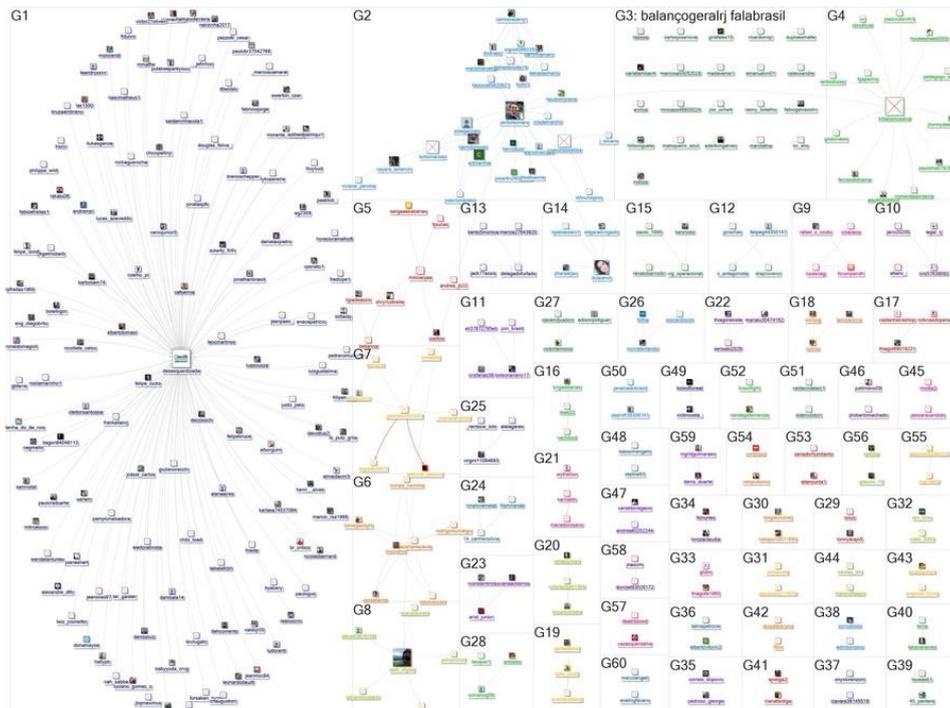


Figura 19 – #DireitoDosMano - NodeXL

Esse conjunto de dados se apresenta com menor quantidade de interações do que o anterior, o que nos permite enxergar com melhor clareza a influência de um dos atores (@Desesquerdizada) sobre os demais. Os agrupamentos de maior destaque são os grupos G1, G2 e G4. No grupo G1, que se destaca por uma formação mais regular, vemos o ator @Desesquerdizada, alcançando diversos outros por meio da seguinte publicação.

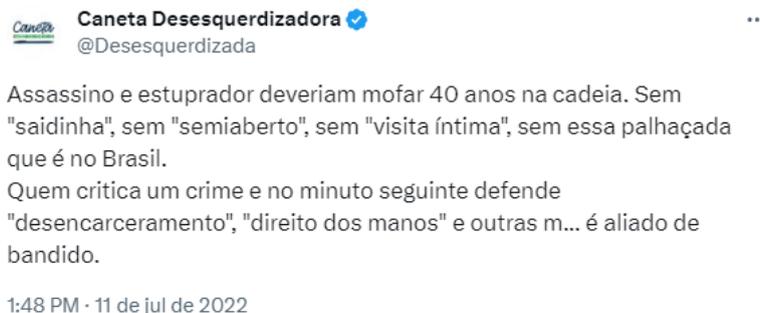


Figura 20 – Publicação principal do grupo G1 - #DireitoDosManos

Esse ator se apresenta com o título “caneta desesquerdizadora” e a descrição do perfil é “Desesquerdizando o Brasil”. Observando o perfil na rede social, percebemos que é um ator cujo objetivo é atuar no campo da política partidária e se posiciona em oposição ao campo das ideias progressistas. Na página principal, encontramos a informação que é de São Paulo, está no *twitter* desde 2016 e possui um *site* www.caneta.org.

Acessando o referido *site*, vimos que está desatualizado, mas com diversas matérias que, em sua maioria, têm como protagonista alguém identificado como do campo da esquerda. O título do *site* é: “Agência Caneta”. O fato de se identificar como uma agência faz referência às agências de checagem de notícias e, quando nos aprofundamos na análise, entendemos que o intuito é buscar matérias que, de acordo com critérios deles, estariam “esquerdizadas”; portanto, eles podem “corrigi-la” e apresentar o fato “verdadeiro”.

Nesse ato de reinterpretar os fatos e apresentar o que é verdadeiro, relembremos Lacan (2016), em *Os não-tolos vagueiam*, citado em capítulos anteriores, ao afirmar que a verdade é sempre meia-verdade. Para o autor, ela, a verdade, está sempre encoberta pelas ilusões ou fantasias próprias do Imaginário dos sujeitos, denunciando com isso os vieses que existem na afirmação do que é verdade. Em sendo do Imaginário, “enquanto o Imaginário é o segundo falso em relação ao Real [. . .]” (p. 111), seguindo a lógica do que disse, depreendemos que a verdade que se apresenta como impositiva, ela é da ordem do Real, “[. . .] está no ponto em que se pode dizer que o inconsciente se define por isto, e nada mais que isto: que ele sabe mais que essa verdade [. . .]” (p. 111).

Sendo o inconsciente o portador da “verdade”, esta é impossível de se apreender completamente, mesmo pelo discurso analítico, que nos permite vislumbrar um *semblante*. O que vemos, no caso em análise, é um suposto líder (@desesquerdizada) vagando, não deslizando nas metáforas, orientado não pelo discurso analítico, mas pelo discurso de ódio.

Na publicação acima, o apelo ao “mofo”, a saber, aquilo que apodrece, que decompõe o substrato orgânico que toca, revela o desejo de morte. Oculta esse desejo fazendo referência a uma lei, mas que ela - a lei -, em princípio, não impõe a pena de 40 anos. Desumaniza o criminoso, da mesma forma, talvez, que este desumaniza as suas vítimas a fim de cometer seus crimes, para justificar o desejo não de justiça, mas de justicamento, apelando ao Outro para que se retirem todos os direitos que o criminoso, apesar de sua condição de infrator, ainda os mantêm por se tratar justamente de um ser humano. Caberia aqui, ainda que ironicamente, a pergunta: É isto um homem? Primo Levi nos dá

uma possibilidade para essa tentativa de encobrir o gozo da desumanização apelada ao Outro: “nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (n.p).

Dessa maneira, “justiceiro” e criminoso não se igualam? Essa pode ser, nesse caso, a incidência do Real, aquilo que não se consegue dizer, então, *vagueia* e publica o que alcança dele de forma imperativa. O problema é que o ódio enlaça e o *erro* dos não-tolos agrega dezenas, como vimos no grupo G1; todas as interações desse grupo foram *retweets*, absolutamente nenhuma tendo trazido qualquer contraponto.

O que esse grafo também nos mostra é a circulação do discurso de ódio. Os grupos G1 e G2 não se conectam. Não há atores se mencionando ou respondendo um ao outro. Porém, ao observar a publicação principal do grupo G2, podemos perceber o mesmo enunciado.

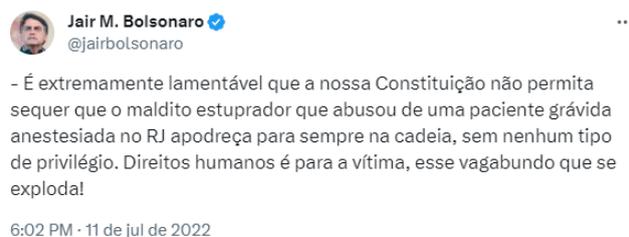


Figura 21 – Publicação grupo G2

Não foi possível verificar se o ator @desesquerdizada segue, nessa rede, o ator @jairbolsonaro ou vice-versa, mas o fato é que o discurso que ambos enunciam para suas respectivas “bolhas” é muito próximo, senão o mesmo. Não é nosso foco fazer análise de mérito no que diz respeito ao crime que, sem dúvidas, é hediondo. Mas, se somos enredados pelo discurso que preconiza a aniquilação, somos expostos ao risco da barbárie enquanto sociedade.

A coleta #direitoDosManos, é importante citar, foi uma das únicas em que encontramos vestígios de alguma resistência ao discurso de ódio, ao mesmo tempo que também foi nela que vimos um indício do mecanismo de cooptação pelo ódio. Na sequência da figura 21 vemos um ator (@edgaradvogado) afirmar: “Pela primeira vez na vida concordo”, ao referir-se à publicação do ator @jairbolsonaro. É a mostra de como o ódio coopta. Investigamos a rede à qual esse ator se conecta e vimos que há muitos atores do campo progressista, isso em adição ao que diz em sua publicação, permitindo-nos supor que ele não se identifica com o viés ideológico do ator @jairbolsonaro; mesmo assim, dada a característica de enxame da rede, em algum momento, ele é alcançado por algo que o envolve.

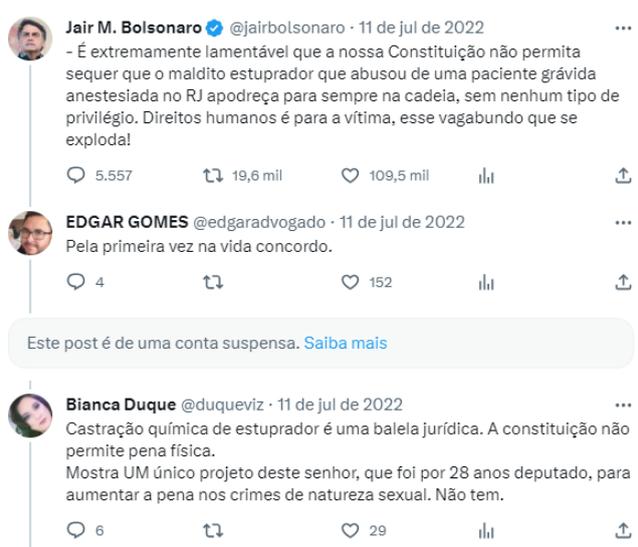


Figura 22 – Resistência e cooptação

Por outro lado, é no fio dessa publicação que surge um ator (@duqueviz) que demonstra uma tentativa de resistir a esses enunciados. Faz uma pontuação, se respaldando na carta magna do Estado e cobra a aplicação da lei sem que seja preciso apelar para o desejo de aniquilação. Suas reflexões se estendem por mais algumas postagens além da que demonstramos aqui, afirmando em momento ulterior que esse tipo de pensamento causa mortes e que os direitos humanos (aqui com a grafia correta) servem para todos os humanos. Nas publicações subsequentes, @duqueviz interpela o seu interlocutor, fazendo o reconhecimento da humanidade deste, mesmo que diante daquilo que ela chama de soberba e que entendemos como uma nomeação da suposta posição convicção que ele assume. Indica um caminho de falsear essas certezas, ao mesmo tempo em que demonstra uma certa crença de que talvez não adiante muito no sentido de ajudar a refletir, diz: “pelo menos lindas frases para vc (sic) citar eles te dariam”. A via que propõe é a do diálogo, elaborando e contrapondo o que disse o primeiro ator dessa publicação.



Figura 23 – Continuidade do “fio” de @duqueviz

Notemos que a resposta de @duqueviz foi direcionada diretamente a uma publicação de uma “conta suspensa”, geralmente isso ocorre por infração às regras da rede, por meio das quais o primeiro motivo para suspensão, curiosamente, é: “Discurso de ódio: É proibido ameaçar, incitar, exaltar ou expressar desejo de violência ou ofensas”.

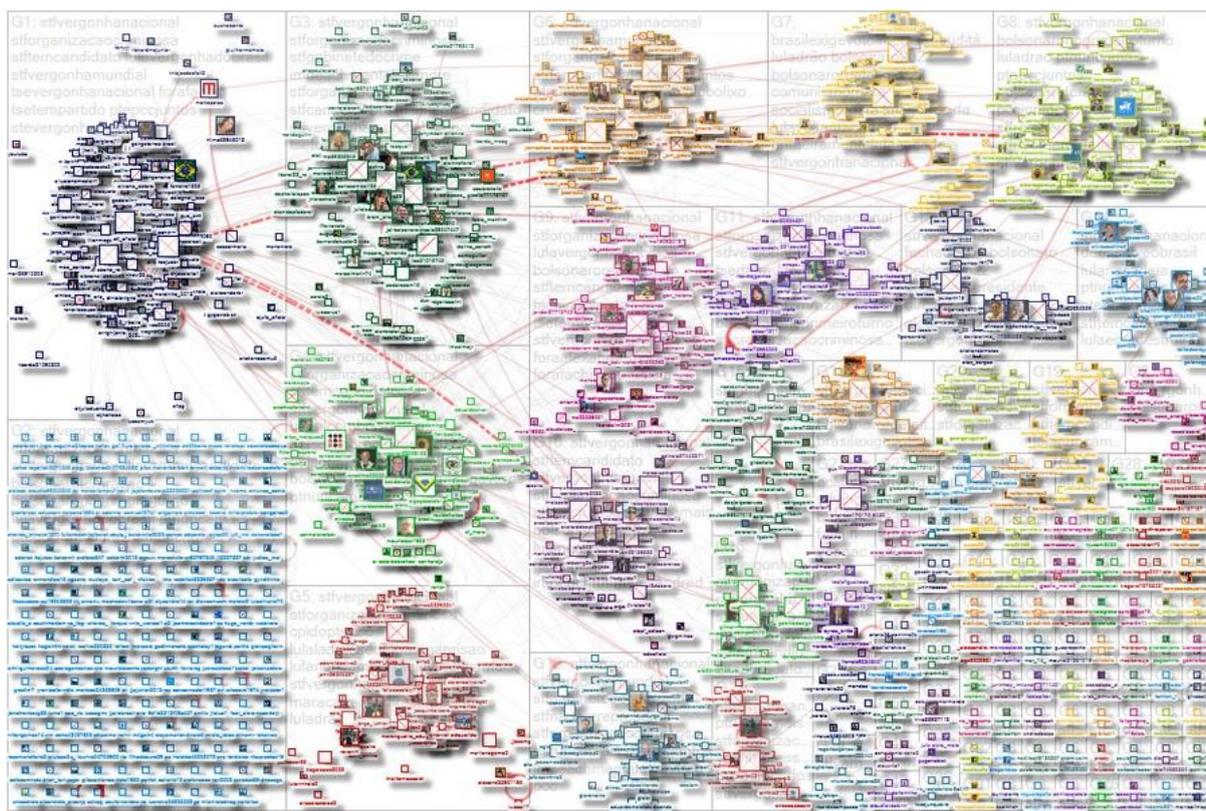
4.4.3 #STFVergonhaNacional: discurso de ódio *versus* democracia

Figura 24 – #STFVergonhaNacional - NodeXL

A *hashtag* desta seção foi coletada no dia 18/07/2022. Ela faz menção ao Supremo Tribunal Federal (STF) afirmando-o como uma vergonha para o país. Tentando entender qual a razão do aparecimento desse índice no dia referido, executamos uma busca na internet, utilizando o buscador mais popular e dando como entrada os seguintes dados: “STF”; “notícias”; “18/07/2022”; “G1” [portal de notícias]; “alexandre de Moraes”, essa última informação tendo sido inserida visto que nos *tweets* o nome do ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes aparecia sendo citado por diversos atores.

A notícia aparentemente mais relevante do dia mencionado, que remetia ao STF, foi a movimentação ocorrida no tribunal após o presidente em exercício à época ter convocado embaixadores de outras nações para tecer falas acerca do processo eleitoral no Brasil. Essa notícia foi repercutida por outros portais de notícias além do G1 conforme identificamos ao aprofundarmos a busca.

De posse desse dado, partimos para a investigação do material coletado pelo NodeXL, e encontramos referências (*tweets* e *retweets*) que tinham como *links*, endereços para vídeos do presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) fazendo um discurso contrapondo a fala do presidente da nação

no evento citado. Essa validação nos permitiu entender o que fomentou esse movimento nas redes.

Começamos por observar o grupo G1, que, na imagem acima, é o agrupamento de atores no canto superior esquerdo. Nessa coleta, o NodeXL trouxe as diversas *hashtags* compartilhadas com “stfVergonhaNacional”, as que se destacam no nosso âmbito: “stfOrganizacaoCriminosa”; “PTePCCJuntos”; “lulaVergonhaDoBrasil”. Nesse grupo, os atores mais citados foram @stf_oficial - perfil oficial (validado pela plataforma) do STF e @tsejusbr perfil oficial do Tribunal Superior Eleitoral. Tais contas não representam uma pessoa física propriamente, mas duas instituições componentes do sistema democrático brasileiro. Ao selecionarmos essas duas contas, foi possível perceber a quantidade de interações direcionadas a elas:



Figura 25 – Interações com @stf_oficial e @tsejusbr

Inicialmente, pensamos que isso era apenas um movimento de enxame em razão do cenário daquele dia, relatado no início desse tópico, porém, ao irmos mais a fundo nas publicações, encontramos algo que nos chamou atenção. Tratava-se de uma referência a outra notícia, divulgada dois dias depois, com a seguinte manchete: “Gilmar Mendes debocha e afirma que ‘urnas fraudadas’ elegeram ‘coisas’ como Bia Kicis e Hélio Negão”²⁷. Buscamos a manchete na fonte e, no texto, a fala era reproduzida aspeada dessa forma:

Todos os Bolsonaro, e eles são vários, foram eleitos pelas urnas eletrônicas. Bolsonaro também elegeu, exatamente porque liderou a campanha presidencial, 55 parlamentares, alguns de que nós nunca ouvimos falar. Até numa conversa com ele, brinquei, dizendo que tinha vontade de acreditar na fraude das urnas, porque, quando via nomes como Hélio Negão (PL-RJ), Bia Kicis (PL-RJ), **ou coisas assim**, pensava, poxa. (FORUM & MARCELO HAILER, 2022) [grifo nosso]

A nossa percepção da fala do ministro Gilmar Mendes, é que o “coisas assim” poderia estar se referindo ao personagem político e não propriamente trazendo uma fala direcionada a uma questão étnica ou de gênero, mas o discurso é algo passível de interpretação e entendemos que sim, pode ter havido ali uma conotação discriminatória estrutural. Mas o fato aqui é que não sabemos se o autor da

²⁷ Fonte: <https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/20/gilmar-mendes-debocha-afirma-que-urnas-fraudadas-elegeram-coisas-como-bia-kicis-helio-nego-120470.html>; acesso em 27/11/2023

matéria ou algum editor do portal percebeu na fala essa conotação e a usou para atrair engajamento (e consequentemente algum lucro) para o *site*, criando um título mais sensacionalista para a manchete, ato que nas redes serviu para instigar outros atores a continuar ou justificar seu ataque. Dias (2020, p. 63) afirma: “Consideremos que a estupidez precisa de aliados para manter a rudeza, a impulsividade, **o ódio e a zombaria**. É aqui que entram em cena as vociferações“ [grifo nosso] e, mesmo que de forma inconsciente (ou não), o discurso de ódio vai arregimentando seus aliados. Aqui destacamos as palavras ”ódio“ e ”zombaria“, porque são dois componentes que podem ser identificados na manchete: o ódio, pela forma como é escrita e a zombaria no reconhecimento, pelo próprio autor da manchete, de que havia um suposto deboche na fala do ministro. Consideramos, ainda, que o título (”Gilmar Mendes debocha e afirma que ‘urnas fraudadas’ elegeram ‘coisas’ como Bia Kicis e Hélio Negão“) é uma forma de vociferar como entendido por Dias e discutido no capítulo respectivo. Na continuidade da citação anterior, ele (Dias, 2020) diz:

Vem dos sujeitos que zurram. Eles zurram com força, pela força e para a força triunfar como política. Tal tipo de fascismo é movido pelo ódio. Por isso mesmo, desde seus primórdios, pelo nazismo, não levou em conta o Outro, no sentido da diferença que constitui nossa humanidade [. . .] o estúpido não tem sentimento de culpa. Isso porque, para existir culpa, é preciso vigorar a possibilidade de ação do desejo humano.

O nosso método de análise só nos permite supor que a fala do Ministro citado possuía o significado atribuído pela manchete. No entanto, uma vez significada daquela maneira, ela nos dá indicativos da estupidez trabalhada por Dias (2020). Nos mostra uma forma de vociferação e dado que há mais de um ano a matéria permanece sem qualquer errata (de maneira que foi possível encontrá-la facilmente pelo título), não é possível assumir que haja qualquer sentimento de culpa pelo autor (da manchete), só nos resta então, ficar com a opção de uma posição cristalizada, um desejo que não está apropriadamente em deslizamento, é a característica também do *não-tolo*.

Retomando aspectos mais gerais do grupo G1, destacamos novamente o ataque em forma de enxame das instituições democráticas. (Levitsky & Ziblatt, 2018) nos mostram que, atualmente, as democracias não morrem mais através de um golpe violento, com tanques nas ruas, mas são consumidas de dentro para fora. Geralmente, os líderes autoritários ascendem ao poder através dos processos democráticos e, a partir daí, tentam impor uma agenda para a ascensão de seu projeto autoritário, a exemplo do que ocorreu com Hitler na Alemanha e mais recentemente com Hugo Chavez na Venezuela. Para que essa agenda caminhe, o líder precisa colocar em cena algumas ações. A tabela abaixo, encontrada no livro de Levitsky e Ziblatt (2018, p.33-34), indica características para identificação de

Líderes autoritários, ou seja, se identificados, são sinais de que a democracia está em risco.

<p>1. Rejeição das regras democráticas do jogo (ou compromisso débil com elas)</p>	<p>Os candidatos rejeitam a constituição ou expressam disposição de violá-la?</p> <p>Sugerem a necessidade de medidas antidemocráticas, como cancelar eleições, violar ou suspender a Constituição, proibir certas organizações ou restringir direitos civis, ou políticos básicos?</p> <p>Buscam lançar mão (ou endossar o uso) de meios extraconstitucionais para mudar o governo, tais como golpes militares, insurreições violentas ou protestos de massa destinados a forçar mudanças no governo?</p> <p>Tentam minar a legitimidade das eleições, recusando-se, por exemplo, a aceitar resultados eleitorais dignos de crédito?</p>
<p>2. Negação da legitimidade dos oponentes políticos</p>	<p>Descrevem seus rivais como subversivos ou opostos à ordem constitucional existente?</p> <p>Afirmam que seus rivais constituem uma ameaça, seja à segurança nacional ou ao modo de vida predominante?</p> <p>Sem fundamentação, descrevem seus rivais partidários como criminosos cuja suposta violação da lei (ou potencial de fazê-lo) desqualificaria sua participação plena na arena política?</p> <p>Sem fundamentação, sugerem que seus rivais sejam agentes estrangeiros, pois estariam trabalhando secretamente em aliança com (ou usando) um governo estrangeiro - com frequência um governo inimigo?</p>
<p>3. Tolerância ou encorajamento à violência</p>	<p>Tem quaisquer laços com gangues armadas, forças paramilitares, milícias, guerrilhas ou outras organizações envolvidas em violência ilícita?</p> <p>Patrocinaram ou estimularam eles próprios, ou seus partidários ataques de multidões contra oponentes?</p> <p>Endossaram tacitamente a violência de seus apoiadores, recusando-se a condená-los, puni-los de maneira categórica?</p> <p>Elogiaram (ou se recusam a condenar) outros atos significativos de violência política no passado ou em outros lugares do mundo?</p>
<p>4. Propensão a restringir liberdades civis de oponentes, inclusive a mídia</p>	<p>Apoiaram leis ou políticas que restrinjam liberdades civis, como expansões de leis de calúnia e difamação ou leis que restrinjam protestos e críticas ao governo ou certas organizações cívicas ou políticas?</p> <p>Ameaçaram tomar medidas legais ou outras ações punitivas contra seus críticos em partidos rivais, na sociedade civil ou na mídia?</p> <p>Elogiaram medidas repressivas tomadas por outros governos, tanto no passado quanto em outros lugares do mundo?</p>

Tabela 2 – Quatro principais indicadores de comportamento autoritário

Reproduzimos essa tabela aqui, pois não só podemos encontrar inúmeras semelhanças com o cenário nacional recente, mas também porque o que encontramos nas redes, em termos de publicações

pautadas pelo ódio, também pode ser depreendido dessa tabela como atos resultantes dos estímulos autoritários anteriores, dentre eles o ataque aos oponentes, sua desqualificação ou desumanização, a não condenação de atos violentos (mesmo que em ambiente digital), o que, por conseguinte é compreendido como um estímulo (o “apito de cachorro”, por exemplo) e outros mais.

Observando a coleta, encontramos expressões do discurso de ódio pautando esse ataque, conforme reproduzimos a seguir:



Figura 26 – Publicação coletada pelo nodeXL

Na publicação acima, vemos um portal de notícias “@GazetaBR” reproduzindo a fala de uma parlamentar em referência a outro Ministro do Supremo. Nessa fala, observa-se a incidência de significantes que mobilizam os sujeitos - PT e PCC - e foram usados com frequência, conforme nos mostrou essa coleta. Note-se também que ambos foram escritos em caixa alta (grito), por último associando a imagem de seu oponente à imagem de criminosos, ao sugerir de forma ambígua a chateação de “algum colega” do ministro, colega esse que seria integrante do “PCC”. Pela ambiguidade da frase, fica impossível acioná-la por algum crime como calúnia ou difamação; logo, o que está presente e circulante por essa fala, não se trata do ataque explícito, direto e sim da propagação do discurso de ódio. O ator seguinte, @afj_junior que, ao lado do seu nome, utiliza as bandeiras de Israel e dos Estados Unidos; lembremos que à época e ainda hoje, há nos Estados Unidos um ideário totalitário e ultra polarizado fomentado pelo presidente anterior, enquanto em Israel, há um primeiro-ministro que é constantemente taxado de ditador, pelos analistas de geopolítica e historiadores. Em outras palavras,

não se tratam apenas de bandeiras, mas de símbolos desse ideário. A publicação desse ator não deixa dúvidas, pois também se encaixa nas características mencionadas por Ziblatt e Levitsky.

Na análise do grupo G1, a tabulação do NodeXL retornou 2149 palavras distintas em todas as publicações emitidas, por 195 atores, gerando 335 interações únicas, ou seja, caso em que um ator se liga a outro ator apenas uma vez. O quantitativo de palavras é um número baixo, demonstrando, como em outros casos, a ausência de pensamentos ou publicações mais elaboradas.

O grupo G2, localizado imediatamente abaixo do grupo G1, tem uma característica peculiar, é inteiramente formado por atores que publicaram de fato, que não responderam a outras publicações ou “retweetaram” outros atores. Deparar-nos com esse cenário levou-nos a imaginar que haveria material com “profundidade” maior que do grupo G1 e isso nos instigou a detalhar a investigação e olhar praticamente todas as “falas” que apareceram nesse grupo. Surpreendemo-nos ao encontrar basicamente dois grupos de falas: publicações que apelavam para a violência e publicações que apenas ecoavam outras *hashtags*. Contudo, é um grupo que ficou desconectado dos demais, não havendo ligações entre eles e atores de outros grupos. São lobos solitários que apenas ressoam em uma coleta ampla como a que executamos, mas que não se conectam com nenhum outro ator. Retomando a analogia de seções anteriores, são as garrafas lançadas ao mar que podem encontrar um destino em algum momento ou apenas ficarem perdidas à deriva. Muitas dessas contas, atualmente, estão suspensas, geralmente aquelas que apenas repetiram *hashtags*, levando-nos a questionar se não seriam robôs, utilizados para espalhar o discurso de ódio naquele contexto. Não podemos afirmar, mas os indícios levam a crer, pois quando pegamos esse grupo de atores e os transportamos para a tabela “vértices” do NodeXL, percebemos que se tratavam de contas com baixa idade (criadas recentemente, em relação ao dia da coleta) e com dados em posições extremas: ou tinham pouco seguidores ou o número era muito grande; coisa que para o comportamento normal da rede é pouco provável se esses seguidores não forem “comprados” ou mesmo outros robôs se seguindo mutuamente, a fim de gerar um disfarce para protelar a desativação por infração das regras da plataforma.

Os grupos G3 e G4²⁸ atuaram como *hubs* de conexão, são eles os que mais possuem *edges* conectando-se com todas as outras bolhas. Isso nos mostra que há um movimento de enxame, como definido por Han (2018); porém, há uma espécie de coordenação tácita que faz a rede trabalhar como uma massa (Freud, 1920-1923), norteadas por um Outro que, através de um discurso permeado pelo

²⁸ O posicionamento dos grupos na imagem que segue está diferente em relação a imagem geral da coleta em função da reexecução da análise que modificou esse posicionamento.

ódio, direciona o movimento de violência à democracia.

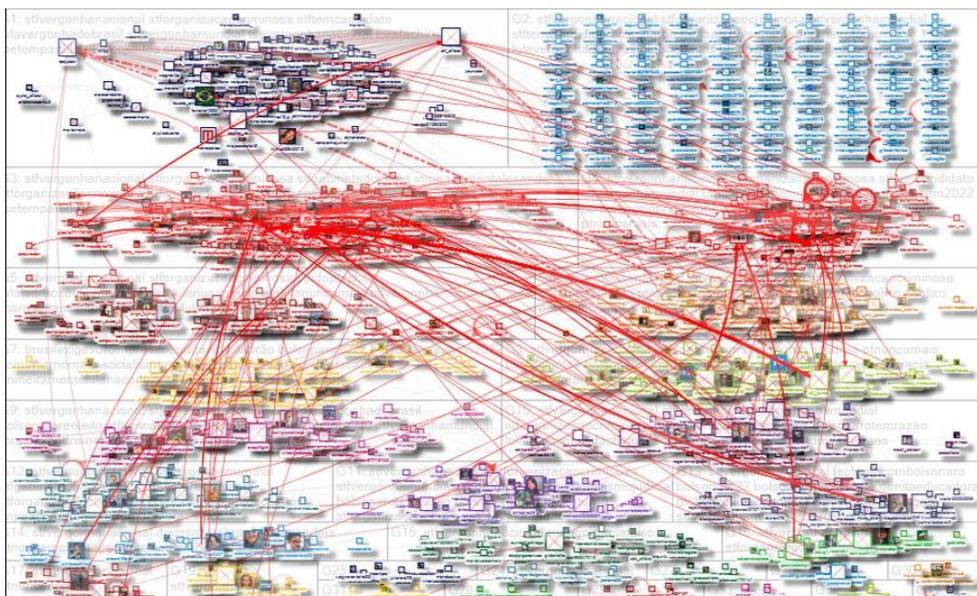


Figura 27 – Grupos G3 e G4 e suas ramificações (edges)

Publicações como a que segue, reforçam a ideia de “enxame” e “massa”, é preciso que haja (e se não houver, que seja criado) um inimigo comum, essa é uma forma que facilita a aglutinação de indivíduos que acreditam estar defendendo um propósito maior e isso justifica os “atos” violentos e os zurros da estupidez carregados de ódio que mantêm as pessoas na alienação do discurso do Outro.



Figura 28 – O inimigo comum

O comunismo, a ideologia de gênero, o “kit-gay”, a corrupção, são significantes que foram (e ainda são) utilizados para mobilizar a massa. Surgiram a partir de um discurso propagado pelos líderes recentes que se utilizaram de um aparente descontentamento do corpo social com a situação do país, para colocar em marcha uma pauta reacionária em que o outro e suas vicissitudes são tratados como estrangeiros, inteligíveis e por isso devem ser combatidos, quando não, destruídos. Ressoam

como convocações para que uma turba surja e passe a defender um ideário supostamente heroico e necessário para salvar a sociedade do mal latente. Os argumentos feitos de maneira séria na rede, como o do ator @simonetebetbr perdem toda sua força diante da potência mobilizada pelo inimigo comum, “o fenômeno mais típico dessa regressão ao estado de massa é a impossibilidade de se fazer escutar por argumentos ou fatos [. . .]” (C. I. L. Dunker, 2022, p. 174). O resultado prático dessa recusa a ouvir o outro, de recusa à dialética, é a polarização mais nefasta, aquela em cujos sujeitos são reclassificados para integrarem determinado grupo em detrimento de outrem, como na publicação de @Carl78319458Jos (abaixo).



Figura 29 – Qualificação dos sujeitos

Nessa fala, está claramente expressa a intencionalidade da classificação identificatória, ou seja, existem aqueles sendo considerados “do bem” e os demais que podem estar apenas no extremo oposto (do mal) ou em uma gradação, mas sempre em detrimento do primeiro. É o que (C. I. L. Dunker, 2022) chama de classificação ordinal, aludindo ao filósofo Jacques Rancière e seu entendimento de ódio à democracia: o ódio à democracia surge quando nasce o sentimento de se ter um tratamento injusto por conta da legitimação das diferenças por ela, ao invés da eliminação; e assim esse ódio circulará na forma de rejeição ou resistência a esse acolhimento das alteridades, vindo na sequência a operação de classificação cardinal.

Primeiro os indivíduos são reduzidos a sua forma ordinal e, depois, constrangidos ao ato cardinal de adição. Ou seja, os indivíduos são hierarquizados em cidadãos de primeira ou segunda classe, entre visíveis ou invisíveis, discerníveis e indiscerníveis. Depois desse ordenamento, e só depois dele, são objeto de um ato cardinal que os torna iguais diante da lei. Isso faz da luta contra a dominação herdeira da luta contra a escravidão. Ora, o ato cardinal é aquele que cifra os indivíduos de tal maneira que eles se tornam objeto de repasses, distribuições, cálculos atuariais ou políticas públicas que somam, subtraem, multiplicam ou dividem os recursos. Eles se tornam essa matéria-prima impensante chamada *povo*, de cuja voz todos tentam se apossar, como fonte e origem do poder, mas poucos tentam escutar, como fim e objetivo do poder (C. I. L. Dunker, 2022, p. 35)

É na ação cardinal que os sujeitos tornam-se passíveis das operações aritméticas, podem ser

subtraídos de determinado meio, multiplicados em um grupo, somados a outro ou divididos (para serem subjugados mais facilmente?). Quando um ator da rede classifica, no domínio dessas operações (ordinal e cardinal), algum outro ator ou mesmo alguém da vida concreta - não digital - , a intenção radical é a eliminação dirigida pelo ódio produzido pela rejeição à alteridade. É a questão do povo do bem e conseqüentemente seu correlato oposto, povo do mal.

Pensando em termos do discurso do mestre, se o agente S_1 é o povo do bem que implica um S_2 -povo do mal - dado pelo Outro e a produção que tem emergido é o livre gozo do ódio, concluímos não haver interdição para o \$, pois não faria sentido, então é necessário rotacionar as posições para se encontrar um *liame* que contenha essa forma de relação fragilizada ou mesmo inexistente. O abrigo aparece no discurso do capitalista em que o \$ não mais demanda o S_2 para uma ligação de deslizamento de significantes, ele (o sujeito) passa a comandar o que o manterá o *liame* das posições de agente com o outro, continua em seu gozo, mas assume que é sustentado pela verdade (não mais parcial) de que é o “povo do bem”, assumindo, portanto, esse significante como seu mestre. Em não havendo interdição, como dissemos no início desse paragrafo, encontramos sentido no que disse Dias (2020):

Não existindo mais presença de disjunção, não existe mais referência a impossibilidade, tampouco à impotência. Implica-se, a partir daí, o surgimento de “um sujeito para o objeto, ou seja, um sujeito que não se distingue mais pela particularidade de sua história e posição subjetiva, mas sim como aquele que devota sua existência ao consumo, tato quanto seu assujeitamento à condição de proletário. (Dias, 2020, p. 84)

Se essa é sua verdade incontestada, está aprisionado na posição do *non-dupe*, condenado a vaguear alienado ao Outro em seu gozo mortífero e trazendo a ameaça (praticamente concretizada) do desfazimento de qualquer laço. A recusa dos *non-dupes* digitais é tamanha que por vezes nos faz suspeitar de uma *forclusão*, um estado psicótico, ao nos depararmos com publicações absolutamente sem sentido para nós, como a que reproduziremos abaixo, em que os enunciados talvez só constituam algum significado para aquele que profere a fala, impossibilitando qualquer vinculação com algum outro sujeito. Não é de todo uma surpresa notar que o ator @conservador1957 integra o grupo G2 e parece falar somente a si mesmo.



Figura 30 – Publicação desconexa - Grupo G2

Um último aspecto que consideramos relevante ser observado na análise da hashtag questão, e o faremos a seguir, é uma forma de linguagem que emerge com a digitalização (ou virtualização, conforme Lévy (1996)): a propagação do discurso de ódio, em todas as suas nuances, através da utilização de imagens.

Desde a popularização das primeiras redes sociais digitais, o uso das imagens tornou-se algo comum, da propagação das fotos, que não mais precisavam ser levadas ao laboratório para serem “reveladas” a partir do filme registrados pelas máquinas fotográficas, aos *emojis*²⁹ utilizar imagens para se comunicar adquiriu outro sentido. As imagens, em muitos casos passaram não apenas a aludir a uma determinada situação que somada ao texto que a acompanhava (caso dos jornais, por exemplo) comunicavam algo, mas a serem a mensagens contidas em si mesmas, como é o caso dos *memes*³⁰.

Na coleta que realizamos, nos deparamos com alguns *memes* ao acessarmos o endereço que direcionava para a publicação no ambiente original e também a utilização dos *emojis*. Tanto um quanto o outro podem ser utilizados para indefinidas possibilidades e, no contexto da disseminação do ódio, era algo previsível serem utilizados como integrantes do discurso de ódio.

Usamos caixa alta para gritar, emojis para caracterizar emoções, *stickers* para indexar a enunciação, memes para criar atmosferas, sem falar em significantes de “alta definição” para marcar posições políticas, estéticas e morais. A individualização da mensagem e a redução do conflito ocorrem na medida direta da polarização sem síntese (cancelamentos, *Unfollows*, **exclusões**) e na razão inversa do número de participantes. A intensificação de afetos, hostis ou admirativos, a tipificação dos envolvidos e a convicção baseada em **ódio** e culpa acentuam a diferença de potência entre vida real e virtual. (C. I. L. Dunker, 2022, p. 217) [grifo nosso].

²⁹ Emojis são pequenos ícones existentes nos aplicativos de comunicação e nas redes sociais digitais que servem para expressar algum tipo de emoção, um símbolo ou um objeto.

³⁰ *Meme*, de acordo com a definição da Wikipedia (pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)) é uma unidade de informação autocontida através da qual pode-se propagar uma ideia, um valor ou qualquer unidade de informação de maneira a ser aprendido e transmitido facilmente. No caso da internet, é propagado por meio de uma foto, uma imagem animada ou mesmo um curto vídeo, dada a capacidade da internet de propagação, espalha-se facilmente entre os usuários e torna-se impossível detectar a origem ou o objetivo, uma vez que o *meme* adquire significado próprio ao ser interpretado por cada indivíduo.

É nesse ambiente ilustrado por Dunker que o discurso de ódio encontra terreno fértil para sua propagação. Há um sentimento facilitador trazido pelo anonimato, que desimplica os sujeitos, talvez provocando uma sensação de impunidade ou mesmo de que aquilo que está sendo produzido (*meme*) ou dito, seja em caixa alta, seja por meio de emojis, não está afetando outro ser humano, mas um ser abjeto. Essas percepções vão circular em meio ao enxame que por ora se identifica, cola no discurso corrente, aquele do qual decorre o discurso de ódio, a saber, geralmente o discurso que reduz as diversidades e consequentemente as alteridades.

A velocidade é um signo do nosso tempo. Talvez essa seja uma das razões do apego a repertórios que tendem a passar a mensagem com a maior rapidez possível. Porém, a ausência da palavra, a irradiação da mensagem praticamente pronta ou disfarçada em uma forma extremamente palatável, reduz a capacidade dos sujeitos de metaforização. Quando a imagem já está presente no lugar daquilo que as palavras deveriam representar, qual a necessidade de se buscar outras representações? Em outras palavras, qual o empuxo ao sujeito de encontrar significantes diferentes? É o fato alijante da reflexão e da capacidade metafórica; e a velocidade faz com que a atitude filosófica do contemplar e a síntese dialética se tornem obsoletas e desnecessárias.

A utilização dos *memes* e dos *emojis* é de larga adoção, pois, uma vez prontas, pode ser compartilhada sem grandes esforços, sendo possível afirmar que essa é sua vantagem competitiva frente a textos e argumentos mais complexos, na medida em que ela irá engajar outros atores do enxame/massa que apenas re-compartilharão e passarão a próxima ação.

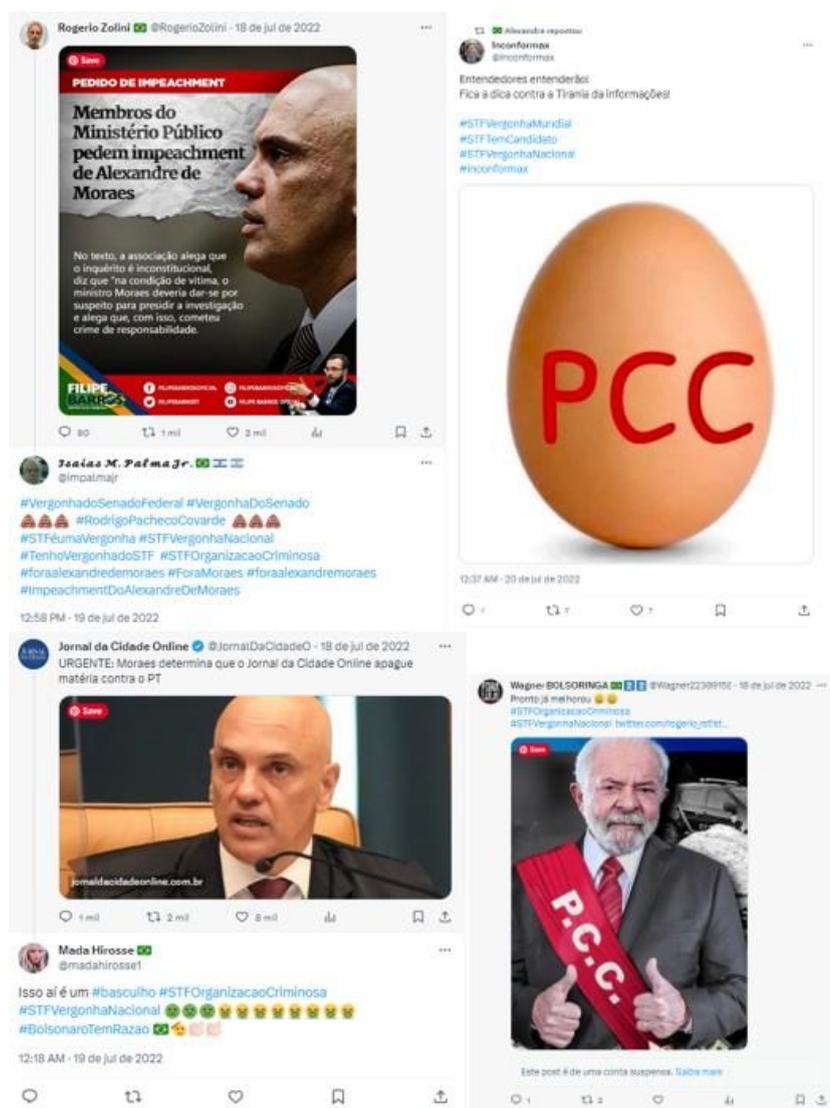


Figura 31 – Compilação da utilização de Memes e Emojis como tentativa de comunicação

Apesar de a coleta da *hashtag* ter trazido mais de dois mil registros, o que significa que houve engajamento em torno da palavra de ordem, leia-se *hashtag*, as publicações quase sempre são únicas. Geralmente, há um (ou mais que um) ponto central, como demonstramos nas análises anteriores, compartilhado pelos demais, mas, em termos de produção própria pelo ator, essa última não recebe a mesma atenção. Das quatro publicações acima, apenas uma foi compartilhada sete vezes, as demais foram inexpressivas em reverberação.

A primeira publicação, que possui uma reprodução com a estética de uma manchete de imprensa oficial, mas foi produzida, aparentemente, por um parlamentar (Filipe Barros), foi compartilhada mais de mil vezes (ícone de setas em ciclo) e recebeu ao menos duas mil curtidas (ícone de coração abaixo da imagem), porém a publicação que decorre da primeira, do ator @impalmajr, não. Nessa, encontramos o fato que estamos chamando atenção, observamos a utilização de um *emoji* que representa fezes ao lado

de algumas *hashtags*. A nossa interpretação é de que há uma ofensa aí, pois o termo imediatamente ao lado do *emoji* é o nome do presidente do senado à época. Também é fato curioso que há uma repetição da imagem, que poderia indicar tanto a intensidade com que a ofensa está sendo dirigida, como nos faz pensar se não é uma espécie de aprisionamento naquele significante por ausência do que dizer, inclusive toda a publicação é composta apenas por esse ícone e outras *hashtags*. Aquilo que, de alguma maneira, poderia complementar sentidos ou atribuir algum caráter simbólico mais significativo, é utilizado apenas como repertório (limitado) de disseminação de ódio.

Já a publicação seguinte, que possui um ovo com a inscrição “PCC”, é um *meme*. A mensagem contida nessa imagem é a associação com um ministro do STF, Alexandre de Moraes, que tem sido chamado nas redes sociais, pelo formato de sua cabeça, de “cabeça de ovo”, por atores que discordam de sua postura e decisões, a organização criminosa Primeiro Comando da Capital. Essa associação poderia ser tratada apenas como uma calúnia, mas ela é utilizada como uma formação discursiva no discurso de ódio, ou seja, tem sido disseminada essa mensagem como uma tentativa de capturar atores nesse discurso de maneira apelativa para que se prejudique a imagem de uma instituição da democracia.

Na terceira publicação, voltamos aos *emojis*; nessa mensagem, há até a tentativa de demonstrar uma gradação: inicialmente o ícone utilizado é de um rosto verde, significando um enjoo (também repetido algumas vezes); na sequência, esse enjoo torna-se um ícone de vômito. Não por acaso Dias (2020) também fala de como o discurso de ódio, em sua verborragia, irrompe muitas vezes como um vômito, lançado para o outro. Essa é outra condição que interdita o diálogo, pois a característica mais radical desse vômito é ensurdecer o outro, em meio a um discurso, ainda que imagético, que visa a destruição da palavra.

Retornamos aqui à tabela 2, exibida no início deste tópico. É possível fazer associações de todos os itens (1 a 4) e assimilar os atributos sugeridos pelas perguntas da segunda coluna a todas as situações colocadas aqui: rejeição ao pacto constitucional, sugestão de dissolução de instituições, tratamento de oponentes como subversivos ou anti-constitucionais, apontamento de figuras políticas como ameaças a ordem instituída, entre outros. Naquela tabela, diz-se de um candidato que reúna aquelas características; embora aqui não tenhamos feito associação direta alguma, é aí que reside a ameaça velada, pois o ideário propagado por um líder está introjetado nesses atores.

É como resistência a essa introjeção, que poderíamos também nomear de alienação - indo mais além, alienação ao discurso de ódio do Outro - que a psicanálise tem função premente. Função de

acompanhar aqueles tocados por ela, a psicanálise, a um encontro com um desejo que deslize nos significantes; aquele cujo desejo permanece fixo é o que identificaríamos como o *não-tolo*, “ocorre que, nessas situações, é preciso uma clínica discursiva, no sentido em que é no interior do laço social organizado pelos discursos que se pode falar em semblante“ (C. I. L. Dunker, 2022, p. 205). Esse semblante, que se apresenta como a verdade encoberta, é que o psicanalista irá escutar e intervir para que os sujeitos possam se desalienar e encontrar seus pontos de estofo. Mas como o fazer em meio a uma estrutura social que se alicerça na propagação de um discurso em que o sujeito, não-tolo, erra, num gozo ininterrupto? Em que nada lhe é interdito, se caracterizando pela “[. . .] rejeição para fora de todos os campos do simbólico, com as consequências de que já falei [. . .]. Da castração” (Lacan, 2011, p. 88), como é no discurso do capitalista, que não propicia a formação de laços e que tem o sujeito (*outro*) na posição de objeto e este é tido como abjeto, pois o saber não mais reside no outro como no discurso do Mestre (pondo o desejo em circulação), mas, bastante diferente disso, o saber já não importa, uma vez que é o próprio sujeito que possui a verdade. Não temos a resposta, mas enxergar como se dá a dinâmica de produção do discurso de ódio pode nos dar indícios de como oferecer resistência.

SEGUINDO ADIANTE. . .

Findos os momentos de discussão e análise, chega a hora de seguir adiante. Mas uma pergunta que ainda ronda é: para onde? Quais caminhos possíveis, diante de um ambiente digital cujas formas de relação majoritariamente se dão pelo ódio? Não todas as redes sociais se comportam da mesma forma nem essa é a única forma de interação; porém, o componente comum é que, em maior ou menor grau, o ódio atingirá os sujeitos que ali estão, seja como forma de constranger, oprimir, ferir, seja como forma de silenciar. Neste trabalho, apresentamos um pequeno fragmento que sustenta, relativamente, a visão do todo. As *hashtags* que trouxemos para a análise em nada teriam, inicialmente, nexos com as formas de interação beligerantes que exibimos, mas foi nessa modalidade que engajaram e suscitaram milhares de respostas, seja através de repetições: um conteúdo agressivo é publicado e esse é repetido centenas de vezes como que um *grito* amplificado ou através de vociferações tidas como: um *grito* circunscrito pelo ódio (Dias, 2020).

Não temos respostas (nem as estávamos buscando objetivamente), não sabemos qual direção tomar e acreditamos que aqueles *atores* também não o sabem e é aí que os caminhos do ódio se cruzam com as construções de Lacan acerca dos *não-tolos*. Foi na leitura do seminário XXI e na elaboração dos argumentos presentes aqui, que encontramos o abrigo para pensar um sujeito que assume a posição de não-tolo na rede, esse sujeito que fala, mas que não diz, porque, conforme o próprio Lacan ressalta, “o dizer é da ordem do acontecimento” (Lacan, 2016). O que vemos são palavras, as palavras vãs que ele cita na mesma obra, nessas palavras, esvaziadas, o encontro não se dá com algum *ponto de estofo* mas com o vaguear, não há o deslizamento metafórico, mas a metonímia em um *mais-de-gozar* que se apoia em um discurso que não reconhece os impedimentos que sustentam o pacto civilizatório e põe o outro em posição de objeto a ser consumido ou ser destruído, ao bel-prazer de quem o demanda. É a posição que consideramos, na referência à topologia lacaniana, revelar de um afrouxamento do nó borromeano, que ressaltado o Real e em parceria com o Imaginário, prescindido do Simbólico e coloca o sujeito na condição de *iterare* (Lacan, 2016).

Coincidência ou não, o termo latino *iterare* também remete a “iterar”, a saber, “repetir”. É uma palavra que é muito utilizada no domínio da engenharia de *software*, dizendo respeito, nesse contexto, às repetições necessárias para realizar determinada ação até que alguma condição pré-estabelecida ou não faça com que a repetição se encerre e o código-fonte do *software* possa continuar sua execução. É uma situação em que o digital parece se aproximar, por analogia, à dinâmica dos sujeitos da psicanálise.

Os atores na rede mantêm-se na repetição, não de suas publicações apenas, mas do ato, sem que encontrem a condição de parada para a continuidade da sua história. É o *erro* a que se refere Lacan no seminário XXI.

Permanecem alienados ao Outro via o digital. Discutimos aqui como a estrutura da rede privilegia esse movimento alienante, o ato de rolar a tela indefinidamente (repetindo) sem que haja fim, pois a rede sempre estará entregando algum conteúdo, o algoritmo fica responsável por fazer a curadoria e entregar conteúdos apenas que confirmem as verdades de cada um; é nisso que as corporações detentoras das plataformas trabalham para manter os indivíduos sempre conectados. A condição de parada poderia ser a intervenção do outro, mas esse outro, que poderia ser a eventual “tabua de salvação”, através do diálogo, vem carregado de ódio, pois não reconhece o seu semelhante, vê apenas o estrangeiro. O estrangeiro é a prova do narcisismo das pequenas diferenças freudiano. Eu vejo o semelhante, mas o odeio por aquilo em que somos diferentes, não o reconheço, posto que, em uma ínfima parte – característica –, ele não é a minha cópia.

Fleig nos lembrou o que disse Hegel: “o encontro com o outro é sempre violento e perturbador” (em: Lebrun (2008, p. 7)). Assim o é porque esse outro não é a minha cópia, é ele quem me dá conta de que algo me interdita. O ambiente digital, no entanto, fruto de um progresso fomentado por um modo de produção capitalista, da forma como é estruturado, traz a ilusão de que não há interdição, de que o gozo se dê ininterruptamente, não havendo nada que não possa ser alcançado para fazer estofó.

A ilusão narcísica de que “tudo posso porque eu conheço a verdade” é o discurso que esse Outro veicula e que é absorvido pela grande maioria dos atores da rede, constituindo-a como uma massa que em muito se assemelha ao que definiu Freud (1920), mas que se movimenta como um enxame, conforme (Han, 2018). Enxame de *não-tolos*, que possuem voz, mas que rejeitam a voz do outro, pois também não a reconhece sem seus elementos imaginários e não reconhece aquilo que identifica (sempre) como as “palavras vãs” do outro, recusando a assunção “[. . .] das posições e lugares diferenciados na fala, tanto quanto nas ações que visam à sustentação do desejo.” (Dias, 2020, p. 74).

Não há desejo quando não há falta e é a ausência de falta que enuncia o discurso do capitalista, esse discurso que vemos ordenar a economia digital, esvazia as subjetividades através da associação das identidades às mercadorias, “eu sou aquilo que tenho e preciso ter para ser algo”, ao mesmo tempo que centra o sujeito barrado na posição do agente, portanto, a ideia de “ter para ser” torna-se a verdade e não mais o seu semblante.

Ao nos depararmos com *hashtags* como #direitoDosManos, em que o outro é visto como o *homo-sacer* de Agambem, cuja vida não importa e pode ser destruído, sendo essa idéia confirmada por milhares de publicações, ficamos com a impressão de que (Dias, 2020) está correto ao falar do discurso da estupidez, que se erige no ódio e é mantido pelo gozo das vociferações “zurradas” pelos não-tolos que circulam em errância. Não aquela mencionada por (P. Barros, 2015) em alusão a Douville, de não apenas tomar a errância como fracasso do laço social ou falta de inscrição, mas como aposta fundadora de um laço possível; ou ainda na referência ao trabalho de (Lebrun, 2010) que toma a errância como uma estratégia de defesa. No *não-lugar* digital, aquilo com o que nos deparamos é justamente o inverso, pois, se no estudo de Barros, a errância aparece como um “deslocamento que o sujeito – a depender do encontro com um ‘endereço simbólico confiável’, com um ponto de apoio para o psiquismo – pode, minimamente, aparecer” (2015, p. 195), no digital parece tratar-se justamente do desaparecimento desse sujeito, o anonimato é a estratégia de defesa e a errância é a mais radical. Não há endereçamento simbólico apropriado nem ponto de apoio ao psiquismo, por isso falamos do afrouxamento do nó borromeano, do evidenciamento do Real, que, como sabemos, é indizível. Qual a diferença, portanto, daquele “Menino que vinha rodando pela rua”, de Barros, para o sujeito que ziguezagueia nas redes? Não é possível responder definitivamente, mas o que nos ocorre é que, ao *menino*, tudo lhe foi negado, até mesmo a possibilidade de “ser algo”, ao passo que, ao sujeito das redes, a ficção que se impõe é a de que tudo lhe é permitido.

O *Menino de rua* é a #vitimaDaSociedade, a quem a sociedade determina a identidade desde seu nascimento, e que, no decorrer de sua vida, só lhe garante (e deseja) a invisibilidade ou mesmo sua aniquilação; já o sujeito digital se supõe justamente o juiz e o carrasco, ambos errantes, porém, em posições diametralmente opostas. A errância do primeiro, não obstante o paradoxo semântico, o seu ponto de ancoragem, a do segundo é o movimento de dispersão, o ziguezague do gozo mortífero, repetido a cada compartilhamento. No significante #vitimasDaSociedade, vimos a subversão de uma ideia que tira de cena a empatia e *zurra* o desejo (esse consciente) de morte. O número de interações por ator – na maioria uma por ator – corrobora o ziguezague, demonstrando a possibilidade do que vimos chamando de errância digital.

Na esteira da economia do ódio, que se revela como um produto da errância digital, como a situamos aqui, chegamos à #STFVergonhaNacional. É fato que o Brasil, que pode ser considerado um *lugar*, nos termos de Augé (2018), vive a deterioração de seu pacto social, caracterizado pela

polarização extrema e pela ausência do diálogo. Ou seja, mesmo habitantes de um *lugar*, possuidores de uma identidade constituída em serem brasileiros, vivem a experiência de enxergar os outros (e talvez a si mesmo) como estrangeiros. Ao migrar, ainda que por porções de tempo para o digital, esse Real se sobressai, pois láé um *não-lugar*. Dessa forma, surgem os significantes que não são suficientes em fazerem furo no Real e lhe dar alguma borda. Ao falharem nesse intuito, produzem o ódio que, pelo esgarçamento do Simbólico, se consubstancia no Imaginário dos sujeitos das redes sociais.

Algo que nos surge também nesse momento de encerramento, é a consideração a respeito da vivência cotidiana desses sujeitos. Lévy (1996) trouxe-nos a ideia da virtualização, então refletimos se as redes como *não-lugares* não seriam também a virtualização (ou digitalização) desses últimos. Talvez esses sujeitos que destilam ódio na internet, já vivam um sentimento de “não-lugar” em suas vidas concretas; uma experiência de nunca serem escutados, de ausência de voz e encontram nas redes sociais um espaço para, supostamente, fazerem sua voz ecoar e eventualmente se fazerem notados. Acontece que não é isso que ocorre, o anonimato característico das redes os mantém no hiato. O não-lugar psíquico que ocupam parece também se digitalizar.

Não obstante destacarmos aqui os três registros em relação, essa tríade parece não se dar “internamente” no enodamento, mas, talvez justamente naquilo que “*ex-iste*” a eles, apontando para o que trouxeram Capanema & Vorcaro (2017) em seu trabalho acerca da construção lacaniana, que fala da inibição, do sintoma e da angústia como as manifestações clínicas dessa “*ex-istência*”: poderíamos pensar um o sujeito das redes que subsiste na tendência de desfazimento do nó, transitando na “*ex-istência*” dos registros que, na angústia de não ter o que falar, manifesta o sintoma do gozo do ódio, se inibindo enquanto sujeito quando compõe um enxame? Não podemos trazer uma resposta à essa pergunta por meio desse estudo, mas fomos atingidos por esse questionamento durante este momento da escrita, deixamos aqui então como um embrião de perspectivas futuras.

Ainda no mesmo estudo de Capanema & Vorcaro (2017), vimos que a presença do enodamento com três elos perfeitamente trançados constituindo o falante perfeito é ideal, já que não há o “falante inequívoco”, aliás essa poderia ser considerada a certeza (verdade) do não-*tolo*, o sujeito das redes é aquele que supomos a vivência de uma experiência linguageira que se dá nos campos do nó que tende ao desenlaçamento e do liame social que se desfaz.

É por isso, talvez, a frequência dos questionamentos às instituições democráticas, o que C. I. L. Dunker (2022) chama de “Governo dos mestres”, ressaltando: “o estrangeiro notará mais

facilmente a iniquidade que nos aparece como terceira forma de negação interna e externa da democracia; ou seja, uma espécie de aplicação seletiva da lei” (p.30). Mas, e na situação hipotética em que todos se veem como estrangeiros? Nesse caso, a percepção lógica que se depreende é que nada funciona a contento, tudo é exceção e, em sendo essa a tônica, a exceção vira a regra.

Então, *vagueia-se*, talvez, na busca de retornar a exceção (sem que se saiba disso), na busca de uma posição que devolva ao sujeito seu lugar de singularidade; o *erro* desse sujeito é que ele vagueia por certezas e não pelas dúvidas; cada ator que compartilhou #STFVergonhaNacional tinha apenas a sua certeza de que aquela instituição fracassou, não se abriu ao contraditório e assim conectou e desconectou com a velocidade de um clique, fez o enxame da massa e seguiu adiante vagueando.

Retomamos então as perguntas do primeiro parágrafo: para onde [seguir]? Quais caminhos possíveis. . . ? Continuamos sem respostas definitivas ou inexoráveis, mas vemos, no quarto discurso de Lacan, o do Analista, uma possibilidade. Se o sujeito das redes está rendido ao discurso capitalista, suscetível aos modos de gozo diversos, na errância em uma possível busca de reencontro com um sentido, é o discurso do analista que se apresenta como uma possibilidade de uma via que não traz certezas, mas interroga, que enfrenta as posições cristalizadas, fazendo furo no discurso do outro e exibindo as nossas impossibilidades. Assim, vemos nesse discurso a força necessária para demonstrar que algo foi perdido e não será recuperado e precisaremos seguir adiante, deslizando. É uma alternativa para oferecer um caminho em que a errância possibilite a condição em que a errância seja aquela do desejo, ao invés do contrário.

É por essa razão que não nos colocaremos aqui a dar respostas, apenas suscitar a abertura. Na tentativa de evitar a esparrela de afirmar, permaneceremos tolos. . . tolos do inconsciente.

REFERÊNCIAS

- Augé, M. (2018). *Não Lugares*. Papirus.
- Barros, M. N. C. D. (2013). *A trama paradoxal do ódio no psiquismo*. [Tese de Doutorado não publicada, Univerdade Católica de Pernambuco].
- Barros, P. (2015). *Eu vinha rodando pela rua*. [Tese de Doutorado não publicada, Universidade Católica de Pernambuco].
- Barros, P. (2022). *Errâncias*. [Projeto de Pesquisa, Universidade Católica de Pernambuco].
- Bastian, M., Heymann, S., & Heymann, S. (2009). Gephi: An Open Source Software for Exploring and Manipulating Networks. In *Anais do third international aaai conference on weblogs and social media* (Vol. 3). <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/13937>
- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulação*. Relógio d'Água.
- Benesch, S. (2013, Fevereiro). Dangerous speech: A proposal to prevent group violence. *Dangerous Speech Project proposal paper*. <https://dangerousspeech.org/wp-content/uploads/2018/01/Dangerous-Speech-Guidelines-2013.pdf>
- Bon, G. L. (2018). *Psicologia das Multidões* (3. ed.). WMF Martins Fontes.
- Bonomo, H. A. R. (2021, 7). As identificações hiperdinâmicas: os errantes (The hyperdynamic identifications: they roam). *Estudos da lingua(gem)*, 19(1), 47–60.
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Editora Unesp.
- Capanema, C. A., & Vorcaro, A. M. R. (2017, 10). A condição do ser falante no nó borromeano. *Estilos Da Clinica*, 22(2), 388–405. <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/122622>
- Chemama, R. (Ed.). (1995). *Dicionário de psicanálise* (Francisco Franke Settineri, trad.). Artes Médicas Sul.
- Coelho, C. M. S. (2006, Junho). Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. *Mental*, 4(6), 107-121.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167944272006000100009

- Cunha, E. L. (2018). Ódio e identidade: impasses no reconhecimento. In M. D. Rosa, A. M. M. Costa, & S. Prudente, (Eds.), *Escritas do ódio* (pp. 109–127). Escuta.
- Dias, M. M. (2012). *Os Ódios*. Iluminuras.
- Dias, M. M. (2020). *O discurso da estupidez*. Iluminuras.
- Drummond, L. S. (2020). *O Conceito de discurso em Lacan*. [Dissertação de Mestrado, Unoiversidade Federal do Rio de Janeiro]. https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissertacao-Luiza-Savi-Drummond_pdf.pdf
- Dunker, C. (2017). *Os 4 discursos de Lacan | Christian Dunker | Falando nIsso 82*. Youtube.<https://www.youtube.com/watch?v=FAPE8-L8orE>
- Dunker, C. I. L. (2022). *Lacan e a democracia*. Boitempo.
- Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos*. Estação das letras e cores.
- Engenheiros Do Hawaii. (1987). *A Revolta dos Dândis I*. Porto Alegre.
- Espírito Santo, M. O., Diniz, E. H., & Ribeiro, M. M. (2016). Movimento passe livre e as manifestações de 2013: A internet nas jornadas de junho. In J. A. G. de Pinho (Ed.), *Artefatos digitais para mobilização da sociedade civil* (pp. 141–68). EDUFBA. <https://books.scielo.org/id/hk62f/pdf/pinho-9788523218775.pdf>
- Faelens, L., Hoorelbeke, K., Cambier, R., van Put, J., de Putte, E. V., Raedt, R. D., & Koster, E. H. (2021, 8). The relationship between Instagram use and indicators of mental health: A systematic review. *Computers is Human Behavior Reports*, 4, 100121.
- Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violencia. *Psicol. Clin.*, 18(2), 9–62.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano*. Zahar.
- Fontes, P., & Melo, F. V. M. (2020). Discurso de ódio e redes sociais virtuais: Um olhar através da psicanálise. In G. J. B. Moura, A. C. Zuanella, S. P. Sampaio, & J. F. S. Barros (Eds.), *Refletindo a psicanálise* (Vol. 02, pp. 237–276). EDUFRPE. <https://spr-pe.org.br/livro.pdf>

- Frej, N. Z. (1996). *Le nom ou le corps* (Mémoire). Université Paris XIII.
- Freud, S. (1920-1923). *Psicologia das massas e análise do Eu* (Vol. 15). Companhia Das Letras.
- Freud, S. (1931). *Mal-estar na civilização*. Penguin-Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Os Instintos e seus destinos. In S. Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 12, pp. 51 – 81). Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1915).
- Hailer, M. (2022). *Gilmar Mendes debocha e afirma que “urnas fraudadas” elegeram “coisas” como Bia Kicis e Hélio Negão*. [On-line]. [https:// revistaforum.com.br/politica/2022/7/20/gilmar-mendes-debocha-afirma-que-urnas-fraudadas-elegeram-coisas-como-bia-kicis-helio-nego-120470.html](https://revistaforum.com.br/politica/2022/7/20/gilmar-mendes-debocha-afirma-que-urnas-fraudadas-elegeram-coisas-como-bia-kicis-helio-nego-120470.html)
- Han, B. (2018). *No Enxame*. Vozes.
- Hansen, D. L., Shneiderman, B., Smith, M. A., & Himelboim, I. (2020). *Analyzing Social Media Networks With Nodexl Insights from a Connected World* (2. ed.). Morgan Kaufmann.
- Herz, M., & Molnar, P. (Eds.). (2012). *The Content and Context of Hate Speech*. Cambridge University Press.
- Homero. (2018). *Odisseia* (Frederico Lourenço trad.). Quetzal Editores.
- Houaiss, A. (2015). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa on-line*. houaiss.uol.com.br
- Jorge, M. A. C. (2016). *Fundamentos da Psicanálise* (2. ed., Vol. 1). Zahar.
- Klemperer, V. (2009). *A linguagem do terceiro Reich*. Editora Contraponto.
- Lacan, J. (1974). *O Seminário - Livro 22*. Inédito. <https://doceru.com/doc/nv515v1>
- Lacan, J. (1979). *O Seminário - Livro 1*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1985). *O Seminário - Livro 20*. Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário - Livro 2*. Jorge Zahar.

- Lacan, J. (1992). *O seminário - Livro 17*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1996). *O seminário - Livro 11*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a). *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1998b). *O Seminário - Livro 5*. Zahar.
- Lacan, J. (2011). *Estou falando com as paredes*. Zahar.
- Lacan, J. (2016). *Os não-tolos vagueiam*. Espaço Moebius.
- Lebrun, J. (2004). *Um mundo sem limite* (Sandra Regina Felgueiras ed. & trad.) Companhia de Freud.
- Lebrun, J. (2008). *O futuro do ódio* (Joao Fernando Chapadeiro Corrêa trad.). CMC Editora.
- Lebrun, J. (2010). *O Mal-estar na subjetivação*. CMC Editora.
- Levitsky, S., & Ziblat, D. (2018). *Como as democracias morrem* (Renato Aguiar Trad.). Zahar.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?*. Editora 34.
- Lucas, V. N., Gomes, F. V., & Salvador, J. P. F. (2020). *Guia de Análise de Discurso de Ódio* (Rel. Tec.). <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28626>
- Maingueneau, D. (1997). *Novas tendências em Análise do Discurso*. (3. ed.). Pontes Editores. <https://doceru.com/doc/xv8nn>
- MATEUS. (22:39). *Bíblia Sagrada Nova Versão Internacional*. Vida.
- Mello, B. N. (2011). A Performatividade nos Quatro Discursos. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(1), 72–87. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236
- Melo, F. V. de. (2005, Novembro). Psicanálise e análise de discurso: interlocuções possíveis e necessárias. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology*, 1(1), 61–71. https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wpcontent/uploads/2019/10/psicanalise_e_analise_de_discurso-2.pdf

- Melo, I. F. D. (2009, Agosto). Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura*, 6(11). https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf
- Oliveira, T. A. (2021, 7). Liberdade de expressão X discurso de ódio na internet. *Núcleo do Conhecimento*, 10(07), 19 – 35. <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/odio-na-internet>
- Orlandi, E. P. (2012). *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. (10. ed.). Pontes Editores.
- Ponte, C., & Vieira, N. (2007). Crianças e Internet, riscos e oportunidades. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In M. L. Martins, & M. Pinto (Ed.), *Anais do Quinto Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação* (pp. 2733–2741). Universidade do Minho. <https://criancaconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/131045161-Criancas-e-Internet-riscos-e-oportunidades.pdf>
- Porge, E. (2015). As vozes, a voz. In M. E. Maliska (Ed.), *A voz na psicanálise* (pp. 21–45). Juruá. (Originalmente publicado em 2011).
- Recuero, R. (2017). *Introdução à análise de redes sociais online*. EDUFBA. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>
- Recuero, R. (2009). *Redes Sociais na Internet*. Sulina.
- Recuero, R. (2012). Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. 15. <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>
- Rinaldi, D. (2018). O discurso de ódio, paixão contemporânea. In M. D. Rosa, A. M. M. da Costa, & S. Prudente (Eds.), *Escritas do ódio* (pp. 33–42). Escuta/Fapesp.
- Rocha, D. (2014, 12). Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (dis)curso*, 14(3), 619–632. <https://www.scielo.br/j/ld/a/cMYCwn43CZP6wBxmXvRzF5L/?lang=pt>
- Rocha, Z. (2019). *Um convite ao estudo da psicanálise Freudiana*. Ed. do Autor.
- Rosa, G. A. M. (2015). Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redessociais na subjetividade. *Bol. – Academia Paulista de Psicologia*, 35(89), 424–440. Disponível em

- Rosa, G. A. M. (2015). Estetização do self e elaboração psíquica: repercussões das redes sociais na subjetividade. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, 35(89), 424-440.
- Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Rev. latinoam. psicopatol. Fundam.*, 12(3), 497–511.
- Ruediger, M. A., & Grassi, A. (Eds.). (2021). *Discurso de ódio em ambientes digitais*. FGV DAPP. <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/28c20777-c893-48bc-b1d04147858b8e70/content>
- Santos, W. G. (2013). *Os discursos de ódio foram às ruas*. [https:// www.ocafezinho.com/2013/07/09/odio-ganhou-as-ruas/](https://www.ocafezinho.com/2013/07/09/odio-ganhou-as-ruas/)
- Sato, P. (2009). *É possível calcular quantas palavras surgem por dia na Língua Portuguesa?*. [On-line]. <https://novaescola.org.br/conteudo/2539/e-possivel-calculas-quantas-palavras-surgem-por-dia-na-lingua-portuguesa>
- Silva, C. M. D., Monteiro, P. W., & Gregori, I. C. S. D. (2017). Os limites entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio na mídia atual. *Anais do Quarto Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade*. Universidade Federal de Santa Maria. <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>
- Smith, M. A., Milic-Frayling, N., Rodrigues, E., Barash, V., Dunne, C., Capone, T., . . . Gleave, E. (2009). Analyzing (social media) networks with NodeXL. In *Anais do fourth international conference on communities and technologies* (pp. 255–264). <https://dl.acm.org/doi/10.1145/1556460.1556497>
- Soares, A. C. M. (2016). *Para Além do erro, a errância*. [Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro].
- Souza, V. T., & Diniz, T. M. R. G. (2021). De Junho de 2013 à extrema direita representada pelo Bolsonarismo: a relação entre os rumos políticos do Brasil e as redes sociais. In *Anais da Quinta Jornade Políticas Públicas*. <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/>
- Vandresen, D. S. (n.d.). *O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault* (Rel. Tec.).

Vives, J. (2009, Junho). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Lationamericana Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 329–341.

Vives, J. (2015). A melo-mania ou a voz objeto de paixões. In M. E. Maliska (Ed.), *A voz na psicanálise* (pp. 83–95). Juruá.

Wasserman, S., & Faust, K. (1994a). *Social Network Analysis*. Cambridge University Press.

Wasserman, S., & Faust, K. (1994b). *Social Network Analysis*. Cambridge University Press.

Williams, M. (2021). *A ciência do ódio*. Globo S.A.

Woodward, K. (2014). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. da Silva (Ed.), *Identidade e diferença* (pp. 7–20). Vozes.